



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO**  
**INSTITUTO FEDERAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO – IF Sertão PE**  
*campus Petrolina Zona Rural*

**A CRISE INTELECTUAL E COMPORTAMENTAL DO ESTUDANTE CAUSADAS  
PELO CONSUMO EXCESSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
A PARTIR DA REIFICAÇÃO EM AXEL HONNETH**

MIGUEL RODRIGUES LEITE

**Petrolina**  
**2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

L533 Leite, Miguel Rodrigues.

A crise intelectual e comportamental do estudante causadas pelo consumo excessivo das novas tecnologias da informação a partir da reificação em Axel Honneth / Miguel Rodrigues Leite. - Petrolina, 2025.

153 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural, 2025.

Orientação: Prof. Dr. José Aldo Camurça Araújo Neto.

1. Filosofia. 2. Educação. 3. Reconhecimento. 4. Reificação. 5. Cooperação. I. Título.

CDD 100

MIGUEL RODRIGUES LEITE

**A CRISE INTELLECTUAL E COMPORTAMENTAL DO ESTUDANTE CAUSADAS  
PELO CONSUMO EXCESSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
A PARTIR DA REIFICAÇÃO EM AXEL HONNETH**

Dissertação desenvolvida e apresentada no Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, núcleo IFSertãoPE, campus Petrolina Zona Rural – Turma 2023-2025 na área de concentração em Ensino de Filosofia, no grupo de pesquisa V- Ensino de Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. José Aldo Camurça de Araújo Neto.

**Petrolina  
2025**

MIGUEL RODRIGUES LEITE

**A CRISE INTELECTUAL E COMPORTAMENTAL DO ESTUDANTE CAUSADAS  
PELO CONSUMO EXCESSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO  
A PARTIR DA REIFICAÇÃO EM AXEL HONNETH**

Dissertação desenvolvida e apresentada no Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, núcleo IFSertãoPE, campus Petrolina Zona Rural – Turma 2023-2025 na área de concentração em Ensino de Filosofia, no grupo de pesquisa V- Ensino de Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. José Aldo Camurça de Araújo Neto.

Aprovada em 13/02/2025.

---

Prof. Dr. José Aldo Camurça Araújo Neto (Orientador - IFSertãoPE)

---

Prof. Dr. André Ricardo Dias Santos Pinto – Professor - PROF-FILO, UFRPE (Membro Interno)

---

Prof. Dr. Judikael Castelo Branco – Professor, UFC (Membro Externo)

---

Prof. Dr. Sebastião Francisco Almeida Filho – Professor – PROF-FILO, IFSertãoPE (Membro Interno)



## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada **A crise intelectual e comportamental causadas pelo consumo excessivo das novas tecnologias da informação a partir da reificação em Axel Honneth**, sob orientação de **José Aldo Camurça de Araújo Neto**, apresentada pelo aluno **Miguel Rodrigues Leite (202311380007)** do Curso **Mestrado Profissional em Filosofia (Petrolina Zona Rural)**. Os trabalhos foram iniciados às 14h pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **José Aldo Camurça de Araújo Neto** (Presidente)
- **Sebastião Francisco de Almeida Filho** (Examinador Interno)
- **André Ricardo Santos Dias Pinto** (Examinador Externo)
- **Judikael Castelo Branco** (Examinador Externo)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Dissertação, passou à argüição do candidato. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

Aprovado     Reprovado                      Nota (quando exigido): 90

### Observação/Apreciações:

Revisão gramatical e das normas da ABNT. Aprofundar o tema da “ágora sertaneja” e revisar a introdução da dissertação.

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **José Aldo Camurça de Araújo Neto** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** JOSE ALDO CAMURÇA DE ARAUJO NETO  
Data: 13/02/2025 17:33:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Petrolina-PE, 13 de fevereiro de 2025

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** SEBASTIAO FRANCISCO DE ALMEIDA FILHO  
Data: 14/02/2025 09:16:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**José Aldo Camurça de Araújo Neto**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** ANDRE RICARDO SANTOS DIAS PINTO  
Data: 13/02/2025 19:10:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**André Ricardo Santos Dias Pinto**

**Sebastião Francisco de Almeida Filho**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** JUDIKAEL CASTELO BRANCO  
Data: 18/02/2025 07:47:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Judikael Castelo Branco**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sempre ao amabilíssimo Deus presente em todos os momentos;

Ao meu orientador Prof. Dr. José Aldo Camurça de Araújo Neto pelo carinho e condução neste trabalho;

Ao corpo docente do Mestrado Profissional em Filosofia – Prof-Filo no Instituto Federal do Sertão Pernambucano de Petrolina na pessoa do caríssimo Prof. Dr. Gabriel Kafure da Rocha, que prontamente dedica-se neste itinerário filosófico-vital e sempre me inspira a seguir evoluindo neste mestrado;

Aos meus caros companheiros de turma, amantes da filosofia, heróis do saber, que lutam insistentemente e oportunamente para o ensino da filosofia;

Aos que de maneira direta ou indireta contribuíram e contribuem em meus estudos.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Eduarda Coelho de Brito Leite pelo nosso amor, união e cumplicidade conjugal,

Aos meus queridos pais, José Ernesto Leite (in memoriam) e Luzia Rodrigues; e aos meus irmãos, Tarcísio Leite e Geane Leite.

*A cada forma de reconhecimento de que o indivíduo depende no decorrer de seu desenvolvimento, corresponde analiticamente uma forma diferente de aspiração de membresia em grupo. Esta premissa, contudo, ainda contém uma forte abstração, porque são desconsideradas aquelas necessidades meramente individuais.*

Axel Honneth.



## RESUMO

No presente trabalho foi investigada a relação da crise intelectual com a evolução cada vez maior das novas tecnologias da informação, argumentando acerca dos conflitos, desafios e possibilidades de se construir uma consciência emancipada daquilo que se pode caracterizar como reificação, ausência do reconhecimento mútuo. Resultado do uso excessivo de mídias digitais, que têm comprometido o desenvolvimento de importantes capacidades cognitivas como a memória, a imaginação e, essencialmente, a faculdade do raciocinar e cooperar. As tecnológicas insurgentes estão transformando radicalmente a maneira social de pensar e agir, principalmente na área socioeducativa. No campo educacional é ainda mais grave, sendo raros os trabalhos que procuram destacar essas dificuldades, tornando, erroneamente, as novas tecnologias como fins e não meios para auxiliar na educação. Portanto, partindo das reflexões e trabalho do filósofo Axel Honneth, endossando-as com o resultado de pesquisas psicanalíticas, neurocientíficas e da crítica de filósofos nos vários continentes acerca desta problemática, esclarecendo as influências negativas que essas novas tecnologias estão causando na sociedade, especificamente nos estudantes. Outrossim, não se trata de proibir ou condenar o acesso das novas gerações às emergentes tecnologias, mas de criar um espaço educacional onde elas possam desenvolver o exercício do pensar crítico, capacidades de cooperação mútua e uma consciência deliberadamente autônoma. Ao final, será trabalhado o encontro Café Filosófico Ágora Sertaneja, como proposta educacional para fomento da reflexão crítica e vivência prática do reconhecimento interpessoal. Objetivando assim, uma forma dinâmica de ensino-aprendizagem que conduza o estudante para além dessa bolha individualista e reificada.

**Palavras-chave:** Educação, Reconhecimento, Reificação, Cooperação.

## ABSTRACT

In the present work, the relationship between the intellectual crisis and the increasing evolution of new information technologies was investigated, arguing about the conflicts, challenges and possibilities of building an emancipated consciousness from what can be characterized as reification, the absence of mutual recognition. Result of the excessive use of digital media, which has compromised the development of important cognitive abilities such as memory, imagination and, essentially, the ability to reason and cooperate. Insurgent technologies are radically transforming the social way of thinking and acting, especially in the socio-educational area. In the educational field it is even more serious, with studies that seek to highlight these difficulties being rare, mistakenly considering new technologies as ends and not means to assist in education. Therefore, starting from the reflections and work of the philosopher Axel Honneth, endorsing them with the results of psychoanalytic and neuroscientific research and criticism from philosophers on various continents regarding this issue, clarifying the negative influences that these new technologies are causing in society, specifically in students. Furthermore, it is not a question of prohibiting or condemning the access of new generations to emerging technologies, but of creating an educational space where they can develop the exercise of critical thinking, mutual cooperation capabilities and a deliberately autonomous conscience. At the end, the Café Filosófico Ágora Sertaneja meeting will be worked on, as an educational proposal to encourage critical reflection and practical experience of interpersonal recognition. Thus aiming for a dynamic form of teaching-learning that leads the student beyond this individualistic and reified bubble.

**Keywords:** Education, Recognition, Reification, Cooperation.

## Lista de siglas e abreviaturas

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

DNNL: *Deep Neural Network Library* (Biblioteca de Redes Neurais Profundas)

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

EREM: Escola de Referência em Ensino Médio

GPT: *Generative Pre-trained Transformer* (Transformador Pré-treinado Generativamente)

IA: Inteligência Artificial

NTDIC: Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

OMS: Organização Mundial da Saúde

Open AI: *Open Artificial Intelligence* (inteligência artificial aberta)

PEE-PE: Plano Estadual da Educação de Pernambuco

PPP: Projeto Político Pedagógico

RAI-PE: Registro Anual de Indicadores de Pernambuco

SEE-PE: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco

UFMG: Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO “REIFICAÇÃO”</b>	<b>20</b>
	<i>2.1 A Perspectiva do pensamento filosófico-crítico de Lukács acerca da reificação e os escritos de Marx</i>	<i>20</i>
	<i>2.2 Perspectiva de Axel Honneth acerca da “Reificação”: uma nova visão de conjunto.</i>	<i>32</i>
	<b>2.2.1 Reificação: a influência de Georg Mead e Donald Winnicott</b>	<b>33</b>
	<b>2.2.2 Honneth e a nova roupagem ressignificava para reificação</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>A CRISE INTELLECTUAL E COMPORTAMENTAL DO ESTUDANTE CAUSADAS PELO CONSUMO EXCESSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO</b>	<b>41</b>
	<i>3.1 A crise intelectual: desabilitando o pensamento crítico do estudante</i>	<i>41</i>
	<i>3.2 Crise comportamental: desabilitando a capacidade de cooperação interpessoal</i>	<i>61</i>
	<b>3.2.1 Habilidade de escrita comprometida</b>	<b>62</b>
	<b>3.2.2 Problemas com a socialização</b>	<b>63</b>
	<b>3.2.3 Risco à segurança das informações</b>	<b>64</b>
	<b>3.2.4 Atenção dispersa</b>	<b>64</b>
	<b>3.2.5 Competitividade tóxica</b>	<b>65</b>
	<b>3.2.6 Crise de identidade</b>	<b>66</b>
<b>4</b>	<b>PATOLOGIAS DO CONSUMISMO E CRISE NA EDUCAÇÃO</b>	<b>79</b>
	<i>4.1 As Relações Interpessoais e Reconhecimento Mútuo contra a Patologia da Subjetividade</i>	<i>91</i>
<b>5</b>	<b>O ENCONTRO “CAFÉ FILOSÓFICO ÁGORA SERTANEJA”</b>	<b>100</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>114</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>122</b>
<b>8</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>129</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No tempo presente, surgiu o impasse de se conseguir viver sem tecnologia. A cada instante, torna-se maior a dependência por aparelhos eletrônicos e aplicativos que automatizam as tarefas cotidianas. Todavia, necessitar do auxílio dela não é o problema, e sim tornar-se dependente e guiado por ela. Seu consumo desenfreado tem provocado alguns comportamentos nos estudantes que são obstáculos na sua formação acadêmica e em suas realidades pessoais. Aquilo que deveria ser uma forma de auxílio tem se tornado um fim em si mesmo, com soluções prontas, entretenimento viciante e desvirtuamento da realidade do sujeito. Apesar de ser uma problemática já trabalhada por expoentes da escola de Frankfurt, é na abordagem filosófica de Axel Honneth (2013) que este trabalho debruçar-se-á; especificamente, ao analisar que a modernidade tecnológica está desabilitando “o pensar criticamente” e a “cooperação mútua” através dum processo de reificação, principalmente no campo da educação.

Em sentido primeiro, entender-se-á que o conceito de reificação desenvolvido por Axel Honneth, foi apropriado e ressignificado, tanto pela tradição marxista, em especial naquilo que Georg Lukács vai desenvolver em sua obra *História e consciência de classe* acerca da reificação. Todavia, Honneth considera que o sentido de coisificação se perdeu de vista aspectos importantes para o entendimento da ideia de individualidade. A esse conceito ele atribui recorrentemente “desenvolvimentos equívocos ou patologias no modo de pensar e agir dos sujeitos socializados” (Honneth, 2008, p.69).

A reflexão de Honnethiana concebe como seria possível viabilizar uma tomada de posição teórica que contemplasse, necessariamente, a condição deletéria como caminho intermediário, que precisaria ser ultrapassado para a edificação de relações sociais possíveis em meio as transformações tecno-científicas e econômico-sociais. Em seu limite, ela conduz a coisificação e ambivalência da realidade social. Por outro lado, a instrumentalização dos seres humanos somente é possível por que são as habilidades humanas dos instrumentos que são utilizados e não no aspecto que a capacitaria como um meio para a ação social bem sucedida (Honneth, 2008, p.70).

Honneth enfatiza a dimensão da intersubjetividade e do conflito como constituintes de um processo em direção aos modos plurais de existência. O conceito de reificação ampara-se e estrutura-se como “o esquecimento dessa condição elementar de reconhecimento

intersubjetivo e da conseqüente pluralidade do mundo social” (Honneth, 2007, p.43). De antemão, é justamente no consumo desenfreado das tecnologias e mídias digitais que se amplia a problemática desse reconhecimento intersubjetivo, a crise intelectual e comportamental que direciona o indivíduo no esquecimento de si e do outro que se apresenta nesta sua realidade.

O pensamento filosófico honnethiano segue o trajeto hegeliano quando defende um reconhecimento intersubjetivo e elementar dos sujeitos como condição para a efetivação da eticidade. Em seu parecer, a categoria reconhecimento é fecunda para a compreensão dos modos de ser diversos dos indivíduos, em função de graus relativos à autonomia. Sendo necessária uma relação de interpessoalidade, que assume um sentido de unificação dos opostos e superação das resistências.

Em sua interpretação, a maior barreira para o reconhecimento é falsa consciência. Analisando-a a partir das reflexões de Georg Lukács, Honneth desenvolve o conceito de reificação de forma mais elaborada, como uma forma de esquecimento do reconhecimento. Sua definição de reificação estaria próxima da ideia de instrumentalização de pessoas, como meios para fins específicos de qualquer sistema. Ele também afirma que são as habilidades humanas “desse próprio instrumento que usamos para a consecução de nossos fins e não simplesmente seu aspecto coisal”. Com aquele conceito, pressupõe que “não percebamos nem mais as características que as tornam (habilidades) exemplares do gênero humano” (Honneth 2008, p.70). Assim, ele apresenta o conceito de reificação que deseja superar pelo reconhecimento: já que sem este se perde de vista “aquilo que torna as pessoas adequadas a serem utilizadas como instrumentos” e que impescinde de suas características especificamente humanas.

Ao discorrer sobre exemplos incontestáveis de reificação, como a escravidão, Honneth polemiza ao tratar da premissa dessa condição de instrumentalização do ser humano. Afinal, não se trata mais de uma escravidão na qual o sujeito é obrigado por açoites e grilhões, ao contrário, no atual modelo ele é persuadido livremente a fazer aquilo que a causa instrumentalizadora deseja que ele o seja. A reificação das novas tecnologias interpenetra o indivíduo através da virtualização do ser, numa tentativa de convencer o usuário que a realidade perfeita se inicia naquela fantasia do exagero, na efemeridade da fama, no ter e no poder ilimitado.

De acordo com Honneth (2008, p.70), um outro propósito seu com a definição de reificação, no âmbito sócio ontológico, está ligado à capacidade do indivíduo saber distinguir entre “modos apropriados e inapropriados de tratar com pessoas”. Ele afirma ainda que, alguém que reifica pessoas não atenta apenas contra uma norma moral, mas comete um erro mais fundamental, porque atenta contra “as condições elementares de consideração e estimas positivas”. Pensar esse conceito é avaliar “sócio-ontologicamente as possíveis violações contra os pressupostos necessários de nosso mundo vivido” (Cf. Honneth, 2008, pp.70-71).

A magnitude do reconhecimento, em seu entendimento, ultrapassa as normas de consideração ou estimas positivas, efetivadas como pressupostos morais. O reconhecimento engloba e exige “participação, cuidado e afecção”, sendo um caráter não-epistêmico implicado nessa postura de “reconhecer no outro nós mesmos” (Honneth, 2008, p.72). Honneth afirma ainda, que “aquilo que se realiza, aquilo que perfaz o seu caráter especial, é o fato de assumirmos perante o outro uma postura que alcança até a afetividade”.

À vista disso, não existe um processo em que o sujeito se realize individualmente, sendo parte de um todo social, seja na história, costumes ou cultura. A participação e reconhecimento do outro são imprescindíveis para a autorrealização do sujeito. Em outros termos, “a autorrealização individual só é possível quando combinada com a autorrealização dos demais membros da sociedade por meio de princípios ou fins aceitos por todos” (Araújo Neto, 2018, p.75)

Inspirado no “olhar não participe”, “íntacto” de George Lukács, Honneth afirma que a reificação ocorre da suposta não relação com o mundo: “um olhar de participação antecede ao de observação” e “o reconhecer antecede o conhecer”. As categorias participação, cuidado e afecção tem em comum o fato de que são a expressão de uma mediação existencial: “só estamos preocupados com aqueles eventos, só somos afetados por aqueles procedimentos, que tem relevância direta, imediata, para o modo como compreendemos nossa vida” (Honneth, 2008, p.72). Dessa forma, somos incapazes de não reagir ao que nos atinge, não importa o que seja, desde que seja capaz de nos afetar. Eis o problema do excessivo consumo das informações fornecidas pelas redes sociais, onde, sem se dar conta da lapidação sistemática que está ocorrendo no eu, o sujeito passa a readaptar-se conforme aquilo que lhe é proposto virtualmente.

Essa cegueira acontece através duma forma antecedente de participação, forma elementar de reconhecimento. Essa forma é sintetizada da seguinte maneira por Honneth (2008, pp.72-73): “face a determinados fenômenos no nosso mundo da vida reagimos [...] porque assumimos frente a eles uma postura na qual nós os aceitamos como o outro de nós mesmos”. No tocante à essa capacidade de ser afetado, o mesmo rebate as críticas dirigidas a esse reconhecimento elementar distinguindo-o ao que hoje é denominado de perspectiva participativa. De acordo com ele:

Nós só podemos assumir a perspectiva do outro depois que previamente reconhecemos no outro uma intencionalidade que nos é familiar, isto, como tal, não é um ato racional, nem uma tomada qualquer de consciência de motivos, mas realização pré-cognitiva do ato de assumir uma determinada postura. O reconhecimento espontâneo, não realizado racionalmente, do outro como próximo representa um pressuposto necessário para poder se apropriar de valores morais a luz dos quais reconhecemos aquele outro de uma forma determinada, normativa (Honneth, 2008, pp.73-74)

Ou seja, é necessário haver uma relação mais dinâmica a esse processo de socialização, base do reconhecimento intersubjetivo, não fundamentando o pensamento e ações comportamentais no que se apresenta como realidade no mundo virtual. Para Honneth, são das “atitudes reconhecidas e das representações que delas derivariam, que nosso próprio conhecimento do outro e da própria realidade é colocado como o objeto que precisa se efetivar” (Honneth, 2007, p.49).

A reificação causada pelas novas tecnologias causam um esvaziamento do sujeito no seu processo de socialização e inibindo sua efetivação enquanto ser. Efeito contrário ao “preenchimento” proposto por Honneth e necessário para a relação interpessoal. Este preenchimento referido pode ser entendido da seguinte forma:

No processo de sua socialização, indivíduos aprendem a interiorizar as normas de reconhecimento específicas da respectiva cultura; desse modo eles enriquecem passo a passo aquela representação elementar do próximo, que desde cedo lhes está disponível por hábito, com aqueles valores específicos que estão corporificados nos princípios de reconhecimento vigentes (Honneth, 2008, p.74).

A reflexão honnethiana deixa claro, aquilo que será causa de reflexão ao longo deste trabalho, a necessidade que o indivíduo tem de manter uma real interação afetiva e de estima para com o outro em detrimento ao escondimento do eu causado pelo universo da virtualização. Ao que Honneth questiona: “como explicar o fato de o reconhecimento prévio ser esquecido no processo [...] nessa forma de conhecer a realidade?” (Honneth, 2007, p.94).



O indivíduo, ao imergir neste consumo egocêntrico, está atentando contra si mesmo, ferindo a “própria condição que antecede ao não reconhecer nem tratar o outro sequer como o próximo” (Honneth, 2008, p.76). Afinal, se este reconhecimento prévio não se realizar, se não tomar parte existencialmente um do outro, então este será tratado repentinamente apenas como um objeto inanimado, uma simples coisa.

A conduta incorreta e reificada do indivíduo resulta em um processo, no qual a “perspectiva participativa original é neutralizada de tal maneira que acaba favorecendo a finalidade do pensar objetificador” (Honneth, 2007, p.84). Em razão disso, o reconhecimento como antídoto deve partir do “eu” para com o “outro” numa relação mútua, e com consciência que este possui os mesmos direitos e valores que o “eu”. Ou seja, se a reificação esvazia a autoconsciência e liberdade que deve existir na cooperação mútua, o reconhecimento reabilita a autoestima e a reciprocidade entre as ações pessoais.

Notar-se-á que, principalmente no âmbito educacional, o consumo desenfreado das tecnologias da informação deforma o aprendizado do estudante e altera seu comportamento diante do outro. Desta forma, a prática do reconhecimento age como um *reset* restaurador. Uma restauração interpessoal que deve ser efetivada tanto nas “situações em que os objetivos cognitivos dos envolvidos estão completamente separados da instância do reconhecimento (mergulhados em um tipo de ilusão que prende seu consciente – grifo pessoal) quanto nas situações em que o reconhecimento é negado em favor de entendimentos estereotipados, fantasiosos, teatrais” (Honneth, 2008, pp.57-59).

Neste sentido, uma possível alternativa para sanar a ausência de reconhecimento e consumo excessivo de redes sociais é a proposta do encontro Café Filosófico Ágora Sertaneja. No qual, os sujeitos serão fomentados a um despertar de consciência, ao notar que estas patologias estão conduzindo-os na perda da capacidade em lidar com seu próprio pensamento, decisões, atitudes e cooperação mútua.

O mesmo entra em crise, ao saber que nas redes sociais se é aquilo que convém, mas que em sua vida real não tem as opções bloquear, apagar, colar ou editar àquelas situações indesejáveis ou necessárias. Ao sair de um mundo virtual, onde ele era um tipo de deus criador, enfrenta a pessoa do outro que, até então, parecia ser invisível ou inexistir. Este “estar diante do outro”, uma relação que implica numa série de movimentos, manifestações e

sentimentos que são, na maioria das vezes, espontâneos e não mecânicos ou editáveis, conduzem a reações arrogantes, violentas e excludentes.

Infelizmente, as redes sociais não estimulam a cooperação, afetividade e emancipação, como esperado por alguns simpatizantes destas. Em sentido contrário, incitam ao individualismo, preconceito, ódio virtual e reduzem as capacidades cognitivas, comprometendo a maneira de se lidar com o diferente e no aprendizado escolar. O estudante vive isolado em seu mundo virtual de tal maneira que aquilo se transforma em sua verdade de vida, ao ponto de “tudo aquilo que não está de acordo com ele seja ignorado ou incorporado” (Horkheimer, 2002, p.48).

Contrariando, as muitas vantagens e suportes fornecidos aos educandos e educadores, as novas tecnologias da informação e comunicação estão, verdadeiramente, assumindo um espaço central na sociedade e perpassando diversas dimensões da vida humana. Estas impactam profundamente nas relações interpessoais e concedem novo significado aos fenômenos já presentes na sociedade, como no esquecimento de si e na tentativa de apagamento do outro. As abordagens revelam que as transformações referentes à comunicação, consumo e produção de informações, tal como o modo de funcionamento das redes, podem influenciar na formação dos formandos e esfera acadêmica, marcando-os com a crise intelectual e comportamental, sem o mínimo de reconhecimento recíproco.

As transformações nas formas de comunicação, as enxurradas de informações momentâneas, a aceleração inalcançável da era tecnológica e o afastamento do pensamento reflexivo, fomentam o processo de desabilitação do pensamento crítico, da cooperação e reconhecimento interpessoal no tempo presente. As redes sociais assumem esse papel na medida em que, o sistema algorítmico e de importação de dados, sugerem os conteúdos que se deve consumir, o padrão de vida e comportamento que se deve ter e que causam prazer ao usuário.

Urge-se assim, a carência de um caminho que o conduza à reflexão filosófica através do diálogo cara-a-cara, do debate saudável, se estabelecendo o contato afetivo com o diferente. A aproximação com o outro, o diferente, abre portas para novos modos de ser, do reconhecimento recíproco à consciência livre. O indivíduo, retornando à coletividade, passa a vislumbrar àquela realidade ofuscada pelo mundo virtual e vivenciada em micro partes que não pertenciam à sua realidade.

Em sentido último, cabe às instituições educacionais estar preparadas para desenvolver espaços, alternativas e estratégias pedagógicas para envolver as crianças e jovens numa discussão, pensamento e reflexão frente aos problemas e desafios gerados por estas tecnologias da informação. Fazendo com que não se percebam como capturados ou “sendo parte objetificada de tais tecnologias; mas ao contrário, como sujeitos capazes de se reencontrarem no seu próprio “eu” e no “outro” (Honneth, 2013, pp.68-69).

Alternativas e estratégias que conduzam os estudantes em cafés filosóficos, através da leitura e reflexão de textos, em assembleias de debates extraclasse, clubes de cinema, atividades culturais e artísticas, passeios pela comunidade e, ou até mesmo, uma disciplina de concentração em tal problemática, seriam excelentes contributos. Indiscutivelmente, há várias maneiras de capturar a atenção ativa, de se “responsabilizar e criar condições necessárias para que esses protagonistas possam conquistar sua consciência intelectual e autonomia comportamental” no palco de sua existência.

Este é objetivo primordial do encontro Café Filosófico Ágora Sertaneja trabalhado no terceiro capítulo, e que já teve sua primeira edição vivenciada no dia 13/03/2024. No referido encontro são realizadas oficinas, apresentações espontâneas, reflexão textual, escuta musical, análise poética e rodas de conversa, que contribuem para o entendimento básico sobre reificação e reconhecimento e sua relação com o consumismo midiático do tempo presente.

Outros aspectos trabalhados nas propostas do encontro são: a análise crítica da vivência imersiva de si em meio no mercado midiático de consumo e a intensidade de uso deste; experiência do diálogo filosófico como ferramenta para promover o reconhecimento interpessoal; identificação dos benefícios dessa abordagem para a empatia e a compreensão mútua, além de analisar os possíveis desafios e obstáculos que podem surgir no contexto do diálogo filosófico para o reconhecimento interpessoal, através de músicas, poesias e manifestações artísticas diversas.

## 2 A RESSIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO “REIFICAÇÃO”

### 2.1 A Perspectiva do pensamento filosófico-crítico de Lukács acerca da reificação e os escritos de Marx

A magna significância do pensamento filosófico crítico, nas últimas décadas, apresenta-se como farol iluminador que veio clarificar as mentes obscurecidas pelos muitos sistemas que têm por fim último a mercantilização do ser. Na filosofia social hegeliano-marxista, o conceito é usado por teóricos relacionados à Escola de Frankfurt para criticar as patologias sociais do mundo que distorcem a relação entre atores e mundo, os outros e o eu, e conduzem à paralisação da dialética entre agência e estrutura. O conceito de reificação é usado para denunciar a violência das abstrações, as abstrações conceituais, que suprimem o encaixe reflexivo dos conceitos em seu contexto social; tratando os “fatos sociais como coisas e transformando meta-objetos em mega sujeitos ou abstrações reais que tiram dos indivíduos sua autonomia” (Vandenbergh, 2012, p.04), reduzindo-os a engrenagens de uma maquinaria social abstrata e manipulável.

A reificação, como conceito normativo e descritivo, denuncia o impacto desumanizante dos sistemas sociais, como o mercado, o Estado, a política ou a burocracia, revelando uma semelhança familiar com o conceito marxista de alienação<sup>1</sup> e com o conceito weberiano de racionalização formal<sup>2</sup>. Embora a *ideia dialética da objetivação-alienação-reapropriação* já esteja presente em Hegel, a verdadeira história do conceito inicia-se realmente com Marx e com a interpretação hegeliana de Marx por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe* (1923).

Lukács ao defender que a consciência proletária transcendia a imediatidade interesseira do capital, sendo capaz de objetivar uma realidade superior que seria, de acordo com *História e Consciência de Classe*, a verdadeira realidade. Surge assim, a reificação com sentido de *instrumentalização*, diretamente vinculado ao trabalho do operário e a consciência

---

<sup>1</sup> Karl Marx considerava que alienação é a situação típica do capitalismo através da qual as pessoas são apartadas dos bens que elas mesmas produzem. A alienação no trabalho é gerada devido à mercadoria, que são os produtos confeccionados pelos trabalhadores explorados, e ao lucro, que vem a ser a usurpação do trabalhador para que mais mercadorias sejam produzidas e vendidas acima do preço investido no trabalhador, assim rompendo o homem de si mesmo. A atividade produtiva é, portanto, a fonte da consciência, e a consciência alienada é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da autoalienação do trabalho. Cf. Mészáros (1981, p.76).

<sup>2</sup> Max Weber considerava o processo de racionalização relacionado com as mudanças estruturais, culturais e sociais que as sociedades modernas passaram no decorrer do tempo. A racionalidade formal está relacionada com as formas metódicas e calculistas do sistema jurídico e econômico das sociedades modernas. Está ligada, assim, aos aparelhos institucionais que se estruturam de forma burocrática, em uma hierarquia delimitada por regras fixas.

de classe. Expressão de Karl Marx em sua obra *O capital*,<sup>3</sup> que foi compreendida e trazida a lume por Georg Lukács, o qual define a mercadoria como categoria universal do ser social total.

Percebe-se que a “reificação e a consciência do proletariado”, peça central do arcabouço conceitual de *História e consciência de classe*, não limita a consideração do fenômeno do fetichismo da mercadoria ao âmbito econômico. Esta investigação do predomínio de relações instrumentalizadas no direito e no Estado, também presentes nas academias filosóficas, científicas e artísticas, procura comprovar que a mesma reificação à qual o trabalhador está submetido, no interior da fábrica, encontra-se disseminada em todas as classes e esferas de sua vida social. Lukács nota que a amplitude da supremacia da reificação<sup>4</sup> manifesta-se na conjugação simultânea de dois polos: o agravamento da crise, em suas diferentes dimensões: econômica, política, moral e cultural; e a emergência da ação revolucionária do proletariado, uma luta por reconhecimento.

A teoria da “reificação” não foi abordada de maneira direta por Marx. É na filosofia crítica de Georg Lukács que ela foi tratada e conduzida com clareza, quando este desenvolve suas formulações filosóficas daquilo que tornar-se-ia sua obra “*História e consciência de classe*”. Esta obra foi crucial para observar que não se pode tratar da esfera da subjetividade, na dimensão do marxismo, sem retomar a problemática do “fetichismo da mercadoria”.<sup>5</sup> Lukács se propôs a resgatar este conceito e o tratou definitivamente como “reificação”. Renasce e entra em debate novamente, a partir dele, uma categoria ignorada por décadas na linhagem filosófica marxista, todavia preservada na filosofia e sociologia alemã, inclusive com outro sentido.

A reflexão filosófica de Lukács em relação ao fenômeno do “fetichismo da mercadoria” ensejou uma nova via para a interpretação da obra *O capital*. Percebeu-se que, nela, o conceito tornou-se uma estrutura concatenada e o viés explicativo desta principal obra de Marx. Sendo que Lukács considerou a própria crítica da economia política como resultante da crítica do fetichismo da mercadoria.

---

<sup>3</sup> Isto porque, em 1923, a maioria dos livros póstumos de K. Marx, em especial os *Manuscritos econômico-filosóficos* e *A ideologia alemã*, ainda não haviam sido publicados.

<sup>4</sup> Que Marx irá trabalhar com mais clareza no *Manifesto do Partido Comunista*.

<sup>5</sup> Os objetos materiais possuem certas características que lhe são conferidas pelas relações sociais dominantes (impostas), mas que aparecem como se lhe pertencessem naturalmente.

Ao debruçar-se sobre a obra *O Capital*, notar-se-á a definição da mercadoria como categoria universal do ser social total. Posta assim, a “relação mercantil e seu desdobramento inevitável, o fenômeno da reificação”, tornam-se o nexos primordial da ordem capitalista, o “protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade” (Lukács, 2003, p.193).

Seu pensamento aperfeiçoa, além do que foi refletido por Marx, no que diz respeito ao fenômeno da reificação. Lukács (2003, pp.195-196) não se limita a uma consideração deste fenômeno do fetichismo da mercadoria apenas no âmbito econômico. Em suas investigações filosóficas percebe que no predomínio dessas relações instrumentalizadas, a mesma reificação à qual o trabalhador está submetido no interior da fábrica encontra-se presentificada em todas as classes e esferas da vida social. Os interesses das classes dominantes introjetam-se e tornam presentes também na filosofia, política, no direito, na ciência e na arte.

Lukács complementa e atualiza assim uma pauta que permaneceu implícita em *O capital*. Talvez porque Marx não teve tempo de desenvolver os resultados e as consequências da expansiva relação mercantil nas demais dimensões da sociedade burguesa. É o que bem classifica Ricardo Musse:

Sem poder contar com reflexões na tradição marxista acerca dos impactos da reificação no âmbito da subjetividade, Lukács se viu forçado a recorrer ao arsenal teórico desenvolvido pela sociologia alemã. *História e consciência de classe* institui um diálogo crítico com as obras de Ferdinand Tönnies, Georg Simmel e Max Weber, privilegiando as categorias oriundas de uma leitura bastante peculiar de *O capital*, e, em particular, da incorporação – um tanto distorcida – por esses sociólogos do conceito de fetichismo da mercadoria (Musse. 2010, p. 21).

A ótica filosófica de Lukács concluiu que a fonte primária, o polo de disseminação da reificação, situa-se na organização capitalista do trabalho. Ao percorrer uma trajetória histórica em suas modalidades principais, notar-se-á que da oficina artesanal à grande indústria, há uma ampliação incessante da fragmentação da subjetividade do trabalhador:

Se perseguirmos o caminho desenvolvido pelo processo de trabalho desde o artesanato, passando pela cooperação e pela manufatura, até a indústria mecânica, descobriremos uma racionalização continuamente crescente, uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas humanas e individuais do trabalhador. [...] Com a moderna decomposição “psicológica” do processo de trabalho (sistema de Taylor), esta mecanização racional penetra até a “alma” do trabalhador: até as suas propriedades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e objetivadas

em relação a esta para poderem ser integradas em sistemas racionais especiais e reduzidas ao conceito calculador (Lukács, 2003, pp. 201-202).

Neste sentido há que se notar que a obra *História e consciência de classe* não se restringe apenas a uma descrição da intensificação da reificação na indústria moderna, como havia ressaltado Marx na parte IV em *O Capital*. Lukács, dá a entender que “o domínio da forma-mercadoria exige e estimula uma condição necessária tanto para a produção de bens em larga escala como para o fomento da troca mercantil: o rompimento dos laços que prendiam os trabalhadores à vida comunitária” (Neto, 1981, p.56). Fazendo com que o conceito filosófico de reificação seja explicitamente empregado como resposta para a distinção entre a experiência social no capitalismo e a vivência própria das formas históricas do passado.

Este conceito de reificação passou por mal-entendidos em interpretações. Tal foi o caso de Max Weber, no qual esse mesmo procedimento, foi concentrado no transplante do conceito de racionalização. Simplesmente, foi verificado que a maioria dos comentadores passou a identificar na obra *História e Consciência de Classe* uma aproximação sem muito nexos e fundamento de Marx com Weber, ao determinar certa fusão entre “reificação” e “racionalização” (Frederico, 1997, p.94).

Através de uma atenta análise filosófica, porém, pode se observar que na referida obra a “racionalização” tem um significado de subproduto, sendo uma especificação dos efeitos da reificação. Lukács apresenta a racionalização da vida como uma adequação da ação ao devir das leis objetivas da sociedade. Esta possibilidade de um modelo de cálculo e previsão racionais decorrem da sujeição dos indivíduos no capitalismo ao destino comum de uma plateia impotente, em face das atitudes meramente expectadoras diante da patologia causada por um modelo de mercado instrumentalizador.

Constitui-se assim, o processo de racionalização como uma das consequências do “fetichismo da mercadoria”. Uma distorção das relações sociais envolvidas na produção, ao substituir as relações interpessoais em relações econômicas. As pessoas são tratadas da mesma forma que o dinheiro ou *commodities* quando negociadas no mercado.

É evidente que o problema só pode elevar-se a este grau de generalidade quando colocado com a grandeza e profundidade que atinge nas análises de Marx, quando o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema particular, mas como o problema central, estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. (Lukács, 2003, p. 97).

Percebe-se que o filósofo atenta para o fato do *fetichismo* ser uma questão específica do moderno sistema capitalista, tendo em vista que as relações mercantis já estivessem presentes em etapas primitivas da sociedade. Somente na modernidade ela tornou-se universal, com a capacidade de influenciar todas as esferas da vida social. O filósofo ainda faz a seguinte análise: “nas sociedades primitivas, a troca direta, que significava a forma natural do processo de troca, representa mais o princípio da transformação dos valores de uso em mercadorias do que das mercadorias em dinheiro” (Lukács, 2003, p. 98).

Todavia, com o processo das transformações nas comunidades primitivas em sociedades mais complexas a troca direta entre *produtor* e *consumidor* presencia-se o aparecimento de novos agentes mercantis, como é o caso do intermediário que busca o lucro, tal qual um comerciante que compara os preços monetários, arrecadando sua diferença. O capital mercantil primitivo é assim caracterizado por Lukács (2003) como um “momento de mediação entre extremos que não dominam e condições que não criam”. Contrapondo a sua forma primitiva, o capitalismo moderno sua estrutura mercantil como uma forma dominante sobre toda a conjuntura social.

Por isso, não é de estranhar que, no início da evolução capitalista, ainda se descortinasse, por vezes de uma maneira relativamente clara, o caráter pessoal das relações econômicas; mas, quanto mais a evolução progredia, mais complicadas e mediatizadas surgiam as formas, mais raro e difícil se ia tornando rasgar o véu da reificação (Lukács, 2003, p.200).

A chamada “objetividade ilusória”, analisada por Lukács, configura-se numa estrutura mercantil instrumentalizada, na qual, as relações entre pessoas tomam o caráter de relações entre coisas. O homem passa a ser submetido tanto de forma material quanto psicológica a uma realidade abstrata e fragmentada, deixando lentamente de perceber aquelas mediações presentes entre ele e a totalidade que lhe circunda. A divisão social do trabalho atrelada à mecanização progressiva dos meios de produção transforma desde as formas mais elementares de produção até a moderna indústria dos processos racionalmente operacionais, subdivididos e parciais.

A racionalidade produtiva do capitalismo avançado promove a eliminação das propriedades qualitativas dos homens e destrói a mediação entre o trabalhador e o produto de seu próprio trabalho (Crocco, 2009, p.53). Esta ação promove a perda da totalidade presente no objeto produzido, reduzindo o trabalho a um exercício mecânico repetitivo. A afirmação anterior manifesta a seguinte tese: que a mecanização, expressa na fragmentação do trabalho e



na racionalização de seus processos parciais, não é somente uma realidade material, mas também espiritual, pois introduz na subjetividade do trabalhador os mesmos processos reificados da produção industrial.

Lukács, comprova a crescente autonomia dos processos da racionalização industrial que se tornam cada vez mais independentes, racionais e baseados no cálculo. Um processo que possui implicações diretas no sujeito, já que a perda da totalidade do objeto enquanto produto do trabalho humano significa a própria perda da totalidade da consciência do sujeito. Assim, a “fragmentação dos processos de produção e da divisão do trabalho significa a fragmentação do indivíduo, sua inserção fragmentada nesta realidade o conduz a uma posição contemplativa diante do processo de produção mercantil” (Lukács, 2003, p.203). Segundo a interpretação de Crocco (2009, pp.54-55):

Diante deste processo produtivo estranhado, indivíduo e sociedade separam-se, e a universalidade da forma mercantil e dos processos de fragmentação do trabalho promove a percepção de uma realidade insuperável baseada na troca abstrata. O indivíduo diante destes poderosos processos transforma-se num espectador que vislumbra o sistema como algo estranho, separado e independente de sua vontade. O processo no qual o indivíduo está inserido, caracterizado pela universalização da forma mercantil, é correlato à forma interior da empresa industrial. A estrutura da sociedade capitalista é a própria estrutura de uma empresa mecanizada e racionalmente administrada. Lukács afirma haver uma aproximação entre a universalização da mercadoria como forma dominante da realidade moderna e o destino do trabalhador destino do Homem, que é ele próprio mercadoria inserido na produção industrial.

Compreende desta maneira que o destino do trabalhador se torna universal para toda a sociedade através de um processo que transforma tudo em valor/moeda de troca. É assim que a reificação torna-se presente no trabalho, na consciência do indivíduo e na totalidade da sociedade dominada pela mercadoria. De acordo com Lukács (2003, pp. 98-99), o capitalismo moderno atua no sentido de “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas”. Assim sendo, pode-se afirmar que o destino do homem está caracterizado pelo processo de transformação de valores no que concerne ao uso, qualitativo e direto, em valor de troca abstrato, a própria permutabilidade da quantidade do tempo de trabalho abstrato.

Um modelo de processo que, não apenas encobre os processos produtivos, como também inverte as relações entre sujeito produtor e o objeto produzido. Camuflando as relações humanas e as manifestações da vida do homem que são colocadas no objeto da

produção, a própria realidade que passa a tornar-se cada vez mais obscura e estranha ao sujeito reificado. Em relação a este processo reificante, Lukács faz um comparativo, no qual, da mesma maneira que “o sistema capitalista se produz e reproduz economicamente a uma escala cada vez mais alargada, também, no decurso da evolução do capitalismo, a estrutura da reificação penetra cada vez mais profundamente, fatalmente, constitutivamente, na consciência dos homens” (Lukács, 2003, p.201).

O filósofo caracteriza como particularidade da forma moderna do capitalismo a utilização generalizada da técnica racional no aparato produtivo. A universalidade da racionalidade da reificação sustentada no cálculo e na previsibilidade demonstra a atitude contemplativa do indivíduo no capitalismo moderno, “pois a essência do cálculo racional assenta, afinal de contas, no facto de se conhecer e prever o curso que inevitavelmente tomarão os fenômenos, de acordo com as leis e independentemente do arbítrio individual” (Lukács, 2003, p.204).

Ainda, em relação a mesma situação, este percebeu que a relação entre a empresa capitalista e o processo de racionalização da categoria operária possibilitou o aumento das:

técnicas produtivas e da organização racional da produção, e promoveu o aumento da fragmentação do trabalho, e em consequência, a da consciência do trabalhador. Diferentemente dos modos de produção pré-capitalistas a configuração moderna do sistema não condiz com uma diferença qualitativa na estrutura da consciência, mas sim com uma diferença puramente quantitativa e de grau (Lukács, 2003, p. 213).

Tal processo abre as portas à crescente burocracia que se relaciona diretamente com uma racionalidade formal baseada em aspectos quantitativos, tornando-se administradora da vida dos homens. Para Lukács, a burocracia implica uma adaptação do modo de vida e de trabalho e também, paralelamente, da consciência, aos pressupostos econômicos e sociais gerais da economia capitalista. O resultado é que, esta burocracia, estando relacionada com a totalidade reificada e o tratamento racionalmente formal, dado aos objetos na produção capitalista moderna, promove o desprezo crescente da essência qualitativa das coisas.

No tocante ao processo da divisão do trabalho, o sujeito sofre com a crescente especialização e fragmentação do processo de laboral, que também significa a própria fragmentação da subjetividade. De acordo com Lukács (2003, p.214), a objetividade humana reificada “exige técnicas de exploração mais elevadas, mais evoluídas e mais espirituais”. No processo da universalização da forma mercantil Lukács reflete sobre uma ruptura

fundamental na subjetividade:

A rotura entre força de trabalho e a personalidade do operário, a metamorfose daquela numa coisa, num objeto que o operário vende no mercado, repete-se também aqui, onde apenas se diferencia por não se constituir o conjunto das faculdades intelectuais que é oprimido pela mecanização resultante das máquinas, mas uma faculdade, ou um complexo de faculdades, que é destacado do conjunto da personalidade, objetivado em relação a ela, e que se torna coisa, mercadoria [...] tudo isso mostra que a divisão do trabalho mergulhou na “ética”, tal como, com o taylorismo, mergulhara no “psíquico”, o que não é, apesar de tudo, um enfraquecimento mas, pelo contrário, um reforço da estrutura reificada da consciência como categoria fundamental para toda a sociedade (Lukács, 2003, p. 214).

Lukács identificou a existência duma relação intrínseca entre a estrutura econômica universal e a estrutura subjetiva da consciência, possibilitando afirmar que os problemas no âmbito da consciência estão relacionados com a forma de objetivação humana. Contrariando as formas de trabalho da antiguidade, nas quais o trabalhador aparentava possuir um destino isolado, o capitalismo dos tempos modernos a objetivação realiza-se universalmente por meio da mão de obra do trabalhador como mercadoria. “Foi no capitalismo que pela primeira vez produziu, com uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto da sociedade” (Lukács, 2003, p.214).

Lukács considera que a estrutura unitária caracterizadora da sociedade capitalista moderna promove, através de um modelo assalariado, a repetição dos problemas da consciência. Ou seja, o trabalhador “não só se transforma num espectador do devir social [...] como também adota uma atitude contemplativa em relação ao funcionamento das suas próprias faculdades objetivadas e coisificadas” (Lukács, 2003, p.215). O mesmo, ao refletir sobre a amplitude presencial da racionalização nas esferas sociais, depara-se com um problema chave: a racionalidade presente no momento parcial da produção e a irracionalidade e contingência do conjunto. De acordo com Lukács, esta incoerência manifesta-se mais cruamente nas épocas de crise, cuja essência:

consiste justamente em que a continuidade imediata da passagem de um sistema parcial a outro se desloca, enquanto a independência de uns em relação aos outros, o caráter contingente das relações entre eles, se impõe subitamente à consciência de todos os homens (Lukács, 2003, p.216).

E sobre este modelo de estrutura social fomentado pelo capitalismo moderno, ainda continua:

É uma característica básica da sociedade capitalista a relação entre as particularidades governadas por leis em contraposição à irracionalidade do movimento da totalidade. [...] pois é bem claro que todo o edifício da produção capitalista assenta nesta interação entre uma necessidade regida por leis rigorosas em todos os fenômenos particulares e uma irracionalidade relativa do processo de conjunto (Lukács, 2003, p.217).

Notar-se-á ainda, Lukács (2003) afirma que se a racionalidade presente nos processos parciais estivesse presente na totalidade social e nas relações de concorrência entre os proprietários, tais relações não poderiam se concretizar. Já que o sistema, como um todo, se sustenta não apenas impondo aos indivíduos suas leis contingentes, mas também impossibilitando um conhecimento total ou integral dessa realidade social instrumentalizada.

Neste sentido, uma correspondência racional à irracionalidade do sistema capitalista moderno “significaria sua própria supressão, porque asseguraria ao indivíduo o conhecimento integral da totalidade” (Lukács, 2003, p.217). Sendo assim, perceptível que o limite da racionalidade no sistema capitalista avançado encontra-se num conhecimento penumbrado que não consegue enxergar para além desta realidade abstrata, formal, imediata, fragmentada e quantitativa.

Este filósofo húngaro assinala que a realidade das esferas sociais sofre um processo de inversão estrutural sobre a dominação da forma mercadoria “o que faz com que o homem se oponha a sua própria atividade, ao seu próprio trabalho, como algo de objectivo, independente dele e que o domina pelas suas leis próprias, estranhas ao homem” (Lukács, 2003, pp.100-101). E que, para compreender este processo de universalização da forma mercantil e da reificação, resultante das determinações históricas do capitalismo moderno é de suma importância promover certos questionamentos:

Como e por que o processo de valoração sobrepõe o processo de trabalho? Por que os homens medem seu trabalho quantitativamente por meio do tempo de trabalho abstrato? Por que a realidade inverteu-se transfigurando as relações entre sujeito e objeto? A filosofia tem dificuldades de responder estas questões, por ela própria estar inserida nesta realidade reificada. Estas questões representam os limites da filosofia erigida sobre a totalidade reificada, e dependem da auto-reflexão de seus processos históricos constituintes com a finalidade de promover a compreensão da inversão sofrida pela realidade (Crocco, 2009, pp.60-61).

Lukács (2003, p.226), ao tratar do capítulo “*as antinomias do pensamento burguês*”, procura analisar os limites da filosofia moderna, como sendo estruturada sobre a

consciência reificada com a finalidade de promover uma crítica ao “racionalismo moderno” e de ir além desta forma limitada e fragmentada de conhecimento. O mesmo considera que a “filosofia moderna se edificou sobre uma realidade sem unidade e nasceu da estrutura reificada da consciência”.

O processo do conhecimento filosófico atrelou-se ao desenvolvimento das ciências físicas e matemáticas, as quais por sua vez, tornaram-se determinantes a esse conhecimento e relacionaram-se intimamente com a racionalização técnica aplicada à produção do sistema capitalista. “Os métodos da física matemática, tornam-se assim o guia e a medida da filosofia, do conhecimento do mundo como totalidade” (Lukács, 2003, p.227).

De acordo com Lukács, o racionalismo moderno possui uma novidade que é sua reivindicação da descoberta do princípio de conexão da totalidade dos fenômenos. Esta reivindicação do racionalismo moderno invoca aquela “revolução copernicana” apresentada por Immanuel Kant. Uma radicalização do processo filosófico em andamento que vislumbrava “não mais aceitar o mundo como algo que surgiu independentemente do sujeito cognoscente,<sup>6</sup> mas antes concebê-lo como o próprio produto do sujeito” (Lukács, 2003, p.227).

O racionalismo moderno, ao se vincular à produção de mercadorias amparado na previsão, no cálculo e na atitude contemplativa dos indivíduos frente à produção capitalista, promove a perda da totalidade e a incapacidade de conhecer o conjunto, pois este é determinado pela irracionalidade de suas relações contingentes. Lukács procura analisar os limites do conhecimento filosófico incapaz de abstrair a totalidade da realidade que está amparada numa sociedade reificada. Esta reflexão sobre o racionalismo moderno é realizada a partir do conceito kantiano da coisa em si, no qual é localizado o limite do conhecimento filosófico na época burguesa (Crocco, 2009, p.62-63).

Percebe-se, claramente, que Lukács dirige sua crítica à racionalidade moderna fundamentando-se na crítica que Hegel faz à Kant. Critica esta que consiste em superar o formalismo e a separação entre forma e conteúdo, teoria e *práxis*, sujeito e objeto. Hegel procura superar a crítica kantiana que se sustenta em sujeitos contrapostos ao seu mundo, estruturados num modelo de esquema dual.

Desta feita, a dialética hegeliana contraria o idealismo kantiano ao identificar os opostos. Com isto, aquela situação antagonista não é mais definitiva, mas superável

---

<sup>6</sup> Aceitar o mundo como criado pelo Deus cristão, por exemplo.

dialeticamente através dos movimentos constitutivos da realidade. Em Hegel, a verdade torna-se o objeto em movimento; a verdade não é estática, não é uma verdade final, todavia, dinâmica num movimento autocrítico do pensamento. E, sendo assim, a crítica está sempre condicionada pela sua determinação histórica.

A rescisão com aquele tipo de conhecimento estaticamente presumível presente na racionalidade formal é contraposto ao restabelecimento da totalidade como fundamento do conhecimento humano. “Assim nasce uma lógica inteiramente nova, na verdade ainda muito problemática no próprio Hegel e só seriamente elaborada depois dele; uma lógica do conceito concreto, uma lógica da totalidade” (Lukács, 2003, p.161). Note-se, então, que a teoria hegeliana é uma tentativa dialética de superar a reificação do pensamento, entretanto, sua limitação está no fato dela ser buscada fora das relações concretas, ou seja, na *Fenomenologia do Espírito* e na *Lógica*.

Este limite do pensamento hegeliano é, de acordo com Lukács, superado na teoria de Marx, já que para este, o *pensar* e o *ser* não são idênticos e a relação entre objetividade e subjetividade está dialeticamente amparada no processo histórico real e concreto da existência humana. Ou seja, Lukács analisa a reificação numa delimitação das características que estão mediadas ao processo de produção da existência humana procurando, assim, refletir sobre a forma dessa existência no capitalismo moderno.

O estudo da perda da totalidade, da fragmentação do trabalho e da consciência subjetiva, é correlato ao estudo da divisão do trabalho, da sobreposição do valor de uso ao valor de troca provocado pela universalização da forma mercantil e pela racionalização de todas as esferas da vida. O materialismo, diante das limitações da filosofia moderna que está inserida neste processo reificado, seria a percepção das insuficiências da filosofia e estaria engajado na superação de tais antinomias. A totalidade como o duplo caráter do trabalho (valor de uso e valor de troca) e a universalização do valor de troca sobre o valor de uso expressam a existência de uma dupla natureza da produção social. A *primeira natureza* consistiria na produção de valores de uso e na satisfação das necessidades dos homens relacionadas com sua sobrevivência e autoconservação. Já a *segunda natureza* seria considerada a “objetividade fantasmagórica”, a forma de socialização que toma as relações humanas no modo de produção capitalista, sustentada na troca abstrata e na coisificação da totalidade dos entes da realidade (Crocco, 2009, p.64).

O processo da argumentação de Lukács possui como centro a ideia de totalidade, apropriando-se da filosofia hegeliana e transportando-a para uma completude na teoria marxista. Uma proposta de reflexão tendo por finalidade afirmar que as partes só seriam dotadas de sentido quando referidas ao todo. Uma crítica direcionada a realidade e visões fragmentadas atuantes no capitalismo moderno, impossibilitadoras dum conhecimento

integral que fosse capaz de suprimir a irracional ignorância da totalidade do sistema. Uma possibilidade de conhecimento por parte das classes para que as mesmas tomassem consciência da possibilidade em produzir formas de conhecimento e manifestações de consciência de classe. Um proletariado consciente que, a partir de sua classe e das condições históricas objetivas, tem a capacidade de ver o todo da sociedade.

O modelo de sociedade capitalista, ao ter seu fundamento na exploração do trabalho assalariado, acaba também por possibilitar ao proletariado o conhecimento de si mesmo e da totalidade que o circunda, pois ambos coincidem. Ou seja, o proletariado é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de seu próprio conhecimento, como sujeito-objeto da história. Uma consciência de classe que surge como pensamento coletivo organizado, sendo capaz de olhar para além das determinações vigentes e da aparência ideológica da sociedade elitizada. De acordo Lukács (2003, p.238), “o conhecimento de si é, pois, para o proletariado, o conhecimento objectivo da essência da sociedade”.

O modelo de ciência moderna estando estruturada num método da física-matemática torna-se a própria expressão fragmentadora da realidade que impossibilita o conhecimento da totalidade. Esta ciência, amparada na experimentação e aplicação produtiva de seus conhecimentos formais, expõe um sujeito dotado de atitude simplesmente contemplativa que perdeu a capacidade de interferir efetivamente na realidade social (Crocco, 2009, p.65). O conhecimento formal, numa realidade reificada, estando fragmentado e especializado torna-se estranho e alheio aos indivíduos. Como resultado disto, os homens perdem o controle das coisas, e, desta maneira, as coisas passaram a controlar os homens que se tornaram, eles próprios, meros objetos.

O cerne da preocupação Lukácsiana, como pensador, militante e participante dessa reificação no seu tempo, é devolver ao sujeito sua capacidade de interferir qualitativamente na realidade interpessoal e na conjuntura das esferas sociais que o circunda. Sendo necessário subjugar o alienado conhecimento científico ao controle e à criação dos homens, e assim possibilitar a realização da universalização das objetivações humanas, ao contrário dos conhecimentos e objetivações fragmentados e particularizados. Certamente, que através duma compreensão total da realidade social o proletariado, em sua condição de possível conhecedor da totalidade, é capaz de constituir-se como sujeito-histórico da transformação social e superar a realidade reificada.

## 2.2 Perspectiva de Axel Honneth acerca da “Reificação”: uma nova visão de conjunto

Inicialmente, há que se observar que o desenvolvimento da assim chamada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt pode ser melhor “entendido como o resultado de uma desilusão progressiva com as expectativas revolucionárias” (Vandenberghe, 2001, p.12). Eliminando a dialética hegeliano-marxista da consciência, que substituem pelo relato freudiano da sublimação e repressão, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, e especialmente Theodor Adorno, radicalizam a vertente marxista-weberiana na teoria de Lukács.

De fato, a reificação universal e totalizadora aparece como uma característica ontológica da civilização humana. Horkheimer e Adorno, para explicar o totalitarismo, em suas variantes fascistas, comunistas e capitalistas, desenvolvem uma filosofia negativa da história que revela nas primeiras tentativas proto-históricas de dominar a natureza a origem do desdobramento fatal de uma lógica diabólica de crescente reificação que irá encontrar seu ponto culminante (mas não seu ponto final) nos campos de concentração e na repressão social.

Em sua obra *Reificação* (2018, p.75), Axel Honneth, o principal representante da terceira geração da Escola de Frankfurt, concede um novo visual à ideia de reificação, que aparentava estar obsoleta. Em primeiro sentido, notar-se-á a influência da filosofia de Georg H. Mead ao tratar das relações interpessoais com enfoque no “eu”, o “outro” e a “cultura”, através da qual Honneth estrutura os três reinos do reconhecimento e as três formas do desrespeito. Depois, o papel da psicologia do desenvolvimento de Donald Winnicott no desenvolvimento comportamental da criança diante de seus genitores e objetos.

Em sentido último pode se verificar que, por meio da ligação entre sua teoria do reconhecimento e uma teoria fenomenológica da alienação, este filósofo desconectou o conceito de suas origens lukácsianas e, predominantemente, o concebe como uma “*relação deficiente com o eu e os outros*”. Uma forma de vida patológica em que as formas participativas de conhecimento (reconhecimento, reciprocidade, cooperação e cuidado) são sistematicamente substituídas e reprimidas por relações instrumentais, representativas e manipuladoras, em relação ao mundo, ao outro e ao eu. A reificação é redefinida em termos do esquecimento de um modo primordial de ser no mundo.



### 2.2.1 Reificação: a influência de Georg Mead e Donald Winnicott

A princípio, na obra *Reificação*, Honneth (2018, p.78) pressupõem um conjunto de argumentos e estabelece amplas e complicadas vinculações entre autores e conceitos de tradições teóricas tão distintas que o leitor pode ter a impressão de se encontrar diante de um procedimento inteiramente eclético. Os estudos da psicologia do desenvolvimento infantil interessam a Honneth (2009, pp.45-46) pelo fato deles terem revelado que o processo da aquisição de capacidades cognitivas cruza-se com a formação de relacionamentos comunicativos primários, aqueles já iniciados na infância. Uma ótica contrária à ortodoxia freudiana e, inclusive, contra os estudos de psicologia social de Georg Herbert Mead,

Ora, Mead (2021, pp.44-45) aprofunda seu olhar intersubjetivista, defendendo a existência de um diálogo interno, ora entre impulsos individuais, ora pela cultura internalizada, e investiga a importância das normas morais nas relações humanas. De acordo com ele, nas interações sociais, ocorrem conflitos entre o “eu” e a “cultura” e os “outros”, por meio dos quais indivíduos e sociedade desenvolver-se-iam normalmente. Mead defende a ideia, semelhante ao que Honneth desenvolve em sua teoria crítica, que o reconhecimento passa por três tipos de relação: as primárias (guiadas pelo amor), as jurídicas (pautadas por leis) e a esfera do trabalho (na qual os indivíduos poderiam mostrar-se valiosos para a coletividade). A partir desse insight, Honneth sistematiza uma teoria do reconhecimento.

Aos três reinos do reconhecimento, Honneth associa, respectivamente, três formas de desrespeito: primeiramente, relativo àquelas que afetam a integridade corporal dos sujeitos e, assim, sua autoconfiança básica; depois, através da denegação de direitos, que destrói a possibilidade do autorrespeito, à medida que inflige ao sujeito o sentimento de não possuir o status de igualdade e, por fim, a referência negativa ao valor de certos indivíduos e grupos, que afeta a autoestima dos sujeitos.

No parecer filosófico de Honneth, todas essas formas de desrespeito e degradação impedem a realização do indivíduo em sua integridade, totalidade. Contudo, é neste cenário de crise onde se evoca e revela uma grande atitude do sujeito, pois, se por um lado, o rebaixamento e a humilhação ameaçam sua identidade, por outro, eles configuram-se como a própria base constituinte da sua luta por reconhecimento.

Tome-se, por exemplo, a imagem do desrespeito que pode se transformar em um impulso motivacional para lutas sociais, à medida que torna evidente que outros atores sociais

impedem a realização daquilo que se entende por bem viver, a famosa injustiça social que assola continentes e nações diversas em sua luta por reconhecimento. Contemplado quando Honneth, recorrendo a Dewey, afirma que tais obstáculos, surgidos ao longo das atividades dos sujeitos, podem se converter em indignação e sentimentos negativos (vergonha, ira). Estes sentimentos permitiriam conduzir a atenção dos atores em uma ação própria, para o contexto em que ela ocorre e para as expectativas ali presentes. Advindo assim, impulsos para um iminente conflito.

Em vista disso, Honneth defende que os conflitos intersubjetivos por reconhecimento, encetados por situações desrespeitosas vivenciadas cotidianamente, são fundamentais para o desenvolvimento moral da sociedade e dos indivíduos. Configura-se na concepção que: “tem de conter todos os pressupostos intersubjetivos que hoje precisam estar preenchidos para que os sujeitos se possam saber protegidos nas condições de sua autorrealização (Honneth, 2003, p.270).

Outro viés, foi seu conhecimento da técnica comportamental psicanalítica de Donald Winnicott, o que faz Honneth dar grande importância aquele momento pelo qual a criança aprende a se relacionar com o mundo de objetos e seus genitores à medida que se torna, progressivamente, independente em sua perspectiva egocêntrica. Esse processo de descentralização do eu e, um já reconhecimento do outro, ocorre “quando a criança começa a assumir a perspectiva de uma segunda pessoa” (Honneth, 2009, p.41). Uma imitação do que está a sua volta que o conduzirá na construção de sua própria identidade.

Esse descentrar-se, a experiência primeira do comportamento e inteligência, inicia com as experiências que o bebê desenvolve rudimentarmente tanto com a pessoa de seu relacionamento mais direto. Ou seja, a atitude com aquela pessoa que lhe dispensa intensivamente os cuidados imediatos, como com os primeiros objetos de seu relacionamento. Impressionantemente, aos nove meses, quando ocorre a chamada revolução do desenvolvimento, momento em que a criança pequena adquire a capacidade de perceber a pessoa de sua relação próxima como um ator intencional, cuja postura para o mundo dado passa a ser tão significativa quanto a sua própria postura. Possibilitando que “a pessoa de sua relação mais próxima possa ser observada por meio de gestos proto-declarativos dirigidos a objetos; fase que ela começa a perceber a pessoa de seu relacionamento próximo como outro indivíduo concreto, que reage contra ou em favor dela” (Honneth, 2018, p.83).

### 2.2.2 Honneth e a nova roupagem ressignificava para reificação

As circunstâncias de Honneth ter retomado o conceito de reificação não significam, necessariamente seu retorno às premissas do marxismo ocidental. Tendo em vista que sua inspiração teórica de fundo está voltada ao estudo do pensamento de Habermas. Este empreendeu, a partir de 1970, embasado na virada linguística,<sup>7</sup> uma reviravolta no modo de fundamentação teórico crítica da sociedade; revisando o significado e o papel de conceitos centrais da tradição marxista ocidental, principalmente nos conceitos de trabalho social e reificação humana.

Evidentemente, que essa influência de Habermas não pesa significativamente como a exegese que Honneth faz do conceito de Lukács acerca da reificação, em sua temática central do primado do reconhecimento na sociabilidade humana. Nesse contexto, Honneth fundamenta o primado do reconhecimento e a interpretação do fenômeno da reificação como forma de esquecimento do vínculo humano espontâneo, que concede ao homem a condição indispensável de ser tomado como humano. Como assevera o próprio Honneth:

Quando eu decidi tornar “reificação”, em conexão com Lukács, como tema de um livro, acompanhou-me simultaneamente o propósito de me ater o máximo possível ao sentido literal do conceito. Sob “reificação” eu não gostaria de ver entendido, tal como acontece em geral hoje no emprego do conceito, apenas uma postura ou ação através da qual outras pessoas são “instrumentalizadas”; essa instrumentalização significa tomar outras pessoas como meio para fins puramente individuais, egocêntricos, sem precisarmos abstrair de suas características humanas; ao contrário, geralmente serão inclusive as habilidades especificamente humanas destas pessoas que utilizamos para, com sua ajuda, realizar nossos propósitos. Diferente da “instrumentalização”, a reificação pressupõe que nós nem percebamos mais nas outras pessoas as suas características que as tornam propriamente exemplares do gênero humano: tratar alguém como uma “coisa” significa justamente tomá-la(o) como “algo”, despido de quaisquer características ou habilidades humanas. Possivelmente a equiparação do conceito “reificação” ao de “instrumentalização” só ocorra com tanta frequência porque com “instrumentos” nós normalmente nos referimos a objetos materiais; mas isto leva a perder de vista que aquilo que torna pessoas adequadas a serem utilizadas como instrumentos para fins de terceiros geralmente são suas características especificamente humanas (Honneth, 2008, pp.69-70).

Neste seu recente artigo, *Observações sobre a reificação*, o filósofo toma como motivo principal essa “dificuldade de uma explicação para o *genocídio industrializado*” (Honneth, 2008, p. 78). Um genocídio resultante de uma *práxis horrível* que caracterizou a

---

<sup>7</sup> A “virada pragmática” nas ciências cognitivas apresenta como um dos temas principais a ideia de que a cognição está a serviço da ação, e por isso voltou-se ao pragmatismo em busca de novas perspectivas sobre a natureza da mente, a cognição e a percepção.

história da humanidade, manifesta fortemente no século XX, e sua origem se encontra no fenômeno da reificação, naquele genuíno esquecimento do reconhecimento.

Este fenômeno tem por resultado a forma mais radical de destruição daquele laço originário que une as pessoas umas às outras. Contextos sociais onde as pessoas se relacionam uns com os outros na forma de seres inanimados. Ou seja, como pessoas que não possuem mais sentimento ou que não estão mais interessadas em assumir a perspectiva do outro. É o que também expõe as análises da sociologia cultural e psicologia social; ambas, através dos sujeitos contemporâneos marcados por uma automanipulação emocional, advinda de um tipo de comercialização dos sentimentos.

Confirmados também pelo domínio da ética e da filosofia moral na medida em que estas “fazem ressurgir a temática da reificação para designar as formas crassas de utilização instrumental de pessoas ou para analisar fenômenos comparáveis de estranhamento econômico dos nossos relacionamentos vitais” (Dalbosco, 2011, p.19). Honneth conclui, afirmando, que “em tais contextos éticos a reificação é concebida como modo de procedimento que toma os sujeitos, não de acordo com suas propriedades humanas, mas sim como objetos, sem sentimentos” (2005, p.78).

Nesta forma elementar, o conceito designa um primado cognitivo por meio do qual algo que não possui propriedades de ser uma coisa (objeto), como, por exemplo, o humano, passa a ser visto como uma coisa. Nesta forma, a reificação significa aquele processo de coisificação do especificamente humano. Destarte, Honneth define o conceito lukácsiano de reificação como hábito ou costume de um comportamento observante, “o qual permite que a perspectiva do mundo circundante natural, do mundo social e das potencialidades próprias de uma personalidade seja compreendida somente como ausência de participação e de afeto, ou seja, em última instância, como uma coisa” (2005, p.24).

No capitalismo a reificação torna-se a “segunda natureza do homem”. Honneth entende que os sujeitos participantes do estilo capitalista de vida devem se habituar a perceber a si mesmos e ao mundo circundante de acordo com o esquema de um objeto meramente reificado. Sendo reduzidos a tal condição, semelhante ao modelo de troca mercadológica que estimula um tipo de cálculo recíproco entre eles e os conduz a neutralização de seus afetos.

Ora, a ausência dessa base de afetos anula aquele esquema existencial indispensável à experiência humana que, sendo fundante do reconhecimento

elementar prévio, desembocará no desenvolvimento de outro tipo de reconhecimento, eminentemente social, o qual Honneth designa de reconhecimento recíproco, pondo em sua base os sentimentos do amor, do direito e da solidariedade. [...] A questão consiste em saber se com o desacoplamento do conceito de práxis humana de sua base econômica e a respectiva inserção de tal conceito no âmbito de uma teoria do primado do reconhecimento prévio, Honneth ainda consegue apanhar as dimensões concretamente desfiguradas que a práxis humana assume em contextos socioculturais altamente mercantilizados do mundo contemporâneo (Dalbosco, 2011, pp.23-24).

O ponto importante desta análise honnethiana é que a reificação, ao manifestar-se em um comportamento observador isento de participação, impede o desenvolvimento de uma forma originariamente autêntica da práxis humana. Fazendo assim com que a perspectiva de Honneth (2018) seja mais abrangente e introspectiva do que seus antecessores, pois os princípios normativos não consistem na soma de princípios legitimamente morais, mas sim no conceito de uma práxis humana autêntica. Relativa, diretamente, com a construção da identidade do sujeito.

Um tipo de esquema sujeito-objeto, no qual o próprio sujeito assume a condição do observador distante, neutro afetivamente, com o conhecimento bloqueado para o reconhecimento prévio e a compreensão da *práxis*, sendo incapaz de justificar a postura intersubjetiva como sujeito agente.<sup>8</sup> Um condicionamento a algo ou alguém que mantém o indivíduo inerte, como que dopado às circunstâncias que se apresentam em sua realidade. Essas são descobertas basilares que Honneth toma como referência para atualizar o conceito reificação proposto por Lukács, concebendo-o como forma de esquecimento do reconhecimento. Em outros termos, quando há um esvaziamento tão grande, que o sujeito não se percebe como um ser de identidade e de relação interpessoal, optando para o ocultamento de si mesmo.

O que de acordo com Honneth, em sua tese do primado do reconhecimento, não é aquela postura cognitiva baseada no modelo do observador distante, neutro afetivamente. Todavia, a postura de reconhecimento (2013, p.57), recheada de afetos e constituída pelo envolvimento direto dos participantes, o modelo que constitui originariamente o laço social e, por isso, torna possível a sociabilidade humana. É isso, em termos gerais, que se deve entender por primado do reconhecimento em relação ao conhecimento do outro e de si.

---

<sup>8</sup> Perdendo sua capacidade de sujeito agente, tornando-se meramente passivo e mergulhado em um falso conforto, comodismo, igualitarismo e mera colaboração que o distancia cada vez mais do “outro”.

Antes de todo conhecimento possível do outro, o estado de sensação deve estar em certa postura na qual o próprio sujeito se sinta existencialmente envolvido com esse mundo de sensações. O reconhecimento vai significar a tomada de postura “segundo a qual as expressões de comportamento de uma segunda pessoa podem ser compreendidas como exigências de reações receptivas” (Dalbosco, 2011, p.32). Vinculando-se, desta forma, intimamente o compreender de proposições e sensação à pressuposição do assumir uma postura de reconhecimento, afirmando que o tecido da interação social não é constituído pela matéria do ato cognitivo, mas sim pelo material de posições reconhecidas. Ao fazer isso, Honneth seu argumento sistemático para a tese do primado do reconhecimento.

A tese do primado do reconhecimento, no que se refere ao ato de conhecer, adiciona ao modelo de conhecimento por interação social o modelo da afecção recíproca. Neste, os sujeitos estão conscientes de modo geral “em ter diante de si outros sujeitos com propriedades espirituais porque são, de algum modo, afetados por esses estados de sensação, sendo provocados para reagir diante deles” (Honneth, 2015, p.82). É nisto que se configura o primado da participação afetiva como fundamento da ação humana; o fato de que o sujeito deve afirmar o valor do outro na postura do reconhecimento. Ao contexto faz pertinente aquilo que José Aldo Camurça Araújo Neto, apresenta em seus estudos honnethianos:

A percepção do outro sobre o sujeito precede a concepção que o sujeito faz de si próprio (a autoconsciência), reforçando a construção das identidades no seio das relações sociais. O reconhecimento (sua ausência ou sua deformação) é, portanto, o cerne das relações sociais (Araújo Neto, 2018, p.69).

O reconhecimento, para o filósofo frankfurtiano, traduz-se numa concatenação das esferas afetivas. Pode se compreender, desta forma, que os afetos se referem às experiências do amor, seja em relação ao amor de si mesmo seja no tocante à autoconfiança. Recordar-se, fidedignamente, que as esferas do amor, do direito e da eticidade são em Hegel esferas próprias do reconhecimento, essencialmente do mútuo reconhecimento, na qual os indivíduos se afirmam como cidadãos autônomos e individualizados.

Mediante o desenrolar deste conteúdo, pode se constatar que o processo de reificação é entendido por Axel Honneth (2008, pp.68-69), através da relação do ser humano com seu mundo. Nesta relação, o “reconhecer” sempre antecede o “conhecer”, de tal modo que por “reificação” deve-se entender a violação contra esta ordem de precedência. Assim, o reconhecimento deve partir do “eu” para com o “outro” numa relação mútua, ou seja, antes do

conhecimento do “outro” deve se tomar consciência que este possui os mesmos direitos e valores que o “eu”, e isso tornará possível o “conhecimento do outro”.

A ausência do reconhecimento culmina no processo de reificação. Esta por sua vez, esvazia a autoconsciência e liberdade que devem existir na cooperação mútua. Ocasionalmente, portanto, “a existência de sujeitos fechados em si mesmos, não reconhecendo de seus valores próprios, nem muito menos do outro” (Honneth, 2008, p.79). A reificação transforma a cooperação mútua numa simples colaboração, assistencialismo e cooperativismo laboral.

A reificação causou uma inversão histórica de grandes proporções no significado e ato de cooperar. Percebe-se que, quase toda enciclopédia contemporânea define “cooperação” como uma simples realização conjunta de diversas operações ou atividades, enquanto colaboração, perpassa, significando maior partilha e interação por parte de seus membros. Ausente na prática ontológica da interpessoalidade e existindo parcialmente na prática do funcionalismo capitalista; na qual o colaborador configura-se na imagem do funcionário obediente ao patrão e o cooperador naquele que é subserviente às normas da empresa.

No presente momento, outra vertente propulsora da reificação e negação da cooperação está presente no controverso consumismo tecnológico, que propagandeia a aproximação dos distantes, mas que distancia os que estavam próximos. Os diferentes aplicativos de redes sociais denunciam o individualismo assombroso que paira sobre seus usuários. Uma guerra de curtidas em frases motivadoras, fotos de momentos aparentemente perfeitos e perfis que se modificam instantaneamente conforme os padrões multiversais da fama e poder financeiro. Ocultando, porém, sujeitos vazios de si em momentos fictícios e ocultando a ausência do outro no apego aos objetos e máquinas portáteis.

Este consumo desenfreado das tecnologias da informação e redes sociais, age no aceleramento desta perda de consciência sobre si mesmo, tal como um vírus ao invadir um software de computador. Para Honneth, isto pode ser expresso por meio de dois tipos de comportamento social:

tanto nas “situações em que os objetivos cognitivos dos envolvidos estão completamente separados da instância do reconhecimento (mergulhados em um tipo de ilusão que prende seu consciente) quanto nas situações em que o reconhecimento é negado em favor de entendimentos estereotipados, fantasiosos e teatrais” (Honneth, 2009, p.57).

Finalmente, é oportuno afirmar que o diagnóstico feito por Honneth tem como objetivo investigar a realidade social com a intenção de entender como estes processos de reificação tomam forma, buscando por identificar quais “seriam estas práticas e mecanismos que permitem aos humanos esquecer o ato de reconhecimento” (Honneth, 2009, p.62). Uma abordagem ampla, propondo desenvolvimentos bastante distintos daqueles apontados por Lukács e antecessores; uma vez que, seu diagnóstico sobre a reificação ocorre em diferentes níveis e por diferentes causas. Ou seja, enquanto, para Lukács, tratava-se mais de um processo instrumentalizador de caráter fenomenológico unitário e generalizado, ao qual todos os membros da sociedade estavam submetidos, para Honneth, existem relações reificadas na interação dos humanos com outros humanos, com a natureza e consigo mesmos num processo que perpassa a fenomenologia e ontologia.

Notar-se-á que reificação, ao longo da história, foi uma teoria criticada e mal interpretada, até mesmo por membros da Escola de Frankfurt. Todavia, as práticas denunciadas por Honneth estão sempre atuais, principalmente, nos contextos sociais nos quais os indivíduos estão sendo tomados pela instrumentalização, reificando a si próprios e seus parceiros de interação intersubjetiva. Uma problemática sempre mais discutida nas últimas décadas, para um contexto de esferas sociais diversas no qual as pessoas pautam suas ações num “imaginário ideológico”. Este não vai além da afirmação de que, por trás de situações em que grupos ou indivíduos são tratados como coisas, por meio da negação de seu reconhecimento, “uma correlação mútua de *práxis* unidimensional e um conjunto de convicções ideológicas deve estar operando” (Honneth, 2009, p.81).



### **3 A CRISE INTELECTUAL E COMPORTAMENTAL DO ESTUDANTE CAUSADAS PELO CONSUMO EXCESSIVO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO**

#### **3.1 A crise intelectual: desabilitando o pensamento crítico do estudante**

A rápida disseminação de informações, diretamente propositais, nos diversos veículos de tecnologias digitais tem colocado os jovens diante de um fenômeno social e cultural de individualização, numa patologia social generalizada. O atual modelo de sociedade está criando uma crise intelectual desabilitando o pensamento crítico do estudante. Um sistema educacional com a crescente ausência de curiosidade, reflexão, argumentação, despertar ao método científico e raciocínio lógico.

Em ambientes cada vez mais competitivos, a habilidade de aplicar o pensamento crítico nas decisões diárias e conteúdo formativo torna-se uma necessidade importante para qualquer modelo de ensino. Profissionais de todas as áreas, das redes públicas até as instituições particulares, enfrentam uma enxurrada constante de desafios<sup>9</sup> complexos que, na maioria das vezes, precisam de uma visão “fora da caixa” para resolvê-los.

Nesse cenário, a habilidade da reflexão lógico-filosófica acerca de informações e conteúdos didáticos, identificação de premissas, avaliação de argumentos ou situações cotidianas para se atingir conclusões bem fundamentadas configura-se como necessidade para qualquer modelo de ensino-aprendizagem. Certamente que, para desenvolver essa faculdade crítica requer mudança de mentalidade, disposição para questionar e coragem de enfrentar as incertezas com uma lente de curiosidade e ceticismo saudável. Entretanto, como se dará isto em uma realidade na qual pensar e ser diferente configura-se quase como crime?

Ciente que o pensamento filosófico-crítico é a habilidade de pensar de forma clara e racional, compreendendo a conexão lógica entre as ideias. É uma forma de pensar independente, que não aceita as afirmações à primeira vista, sem análise e questionamento. Em vez disso, um pensador crítico examina as afirmações, procura por evidências, considera diferentes perspectivas, e chega a conclusões baseadas em uma avaliação objetiva dos fatos disponíveis. Esta habilidade é essencial para a tomada de decisões eficazes e para a análise e solução de problemas de maneira sistemática e lógica.

---

<sup>9</sup> A presença do preconceito racial em sala de aula e nas mídias sociais, a falta de participação no ensino-aprendizagem, a indiferença para com os colegas de classe com menos poder aquisitivo e com os de pele escura, a formação de grupinhos e a exclusão dos outros. um cenário bastante comum nos ambientes escolares que revelam uma urgência de métodos para serem sanados.

Contrariando esta habilidade, as novas tecnologias digitais, principalmente com inteligência artificial, realizam o ataque mais radical ao pensamento crítico, à inteligência crítica e particularmente à ciência como jamais foi visto. Não se reflete criticamente acerca do que se consome, as informações são simplesmente absorvidas como verdades imutáveis. É assombrosa a forma como essas ferramentas assumem cada vez mais uma dimensão “corporativa” e “controladora”. Desnudada da ideia de que podemos aprender alguma coisa, confundindo seus usuários, adeptos e possuidores apenas ao consumo de um número exagerado de informação, sem análise prévia ou posterior de relevância elas possam ter.

As salas de aula tornam-se, cada vez mais, palco de inúmeras situações adversas causadas pelo consumo descontrolado de mídias digitais e jogos diversos. O silêncio diante de simples questionamentos acadêmicos; o individualismo e centralidade no aparelho celular em ambientes com dezenas de estudantes; trabalhos feitos com auxílio de inteligência artificial portando vários erros por falta de observação na temática; preconceito cibernético e *cyberbullying* através do compartilhamento de memes e imagens aparentemente normais. Situações que revelam o sombrio destino que a educação está tomando com os meios tecnológicos mal utilizados, que antes eram uma promessa de lhe auxiliar e não a naufragar.

O filósofo Noam Chomsky (2013, pp.110-111), especialista crítico das tecnologias de inteligência artificial, assevera que o cenário atual representa “a longa luta de classes”. [...] “É outro caso em que se tenta subordinar, marginalizar as pessoas, ao levá-las a olhar para o Instagram, ou falar com um *chatbot* sem pensar no que está acontecendo no mundo”, defende. Essas tecnologias de inteligência artificial criam uma atmosfera onde a explicação e a compreensão não têm qualquer valor. Um ataque profundo à natureza, não só da ciência, mas também da investigação filosófica no seu conjunto reflexivo.

Empresas americanas de pesquisa e censo demográfico realizaram levantamentos em 2022, descobrindo que o aplicativo *TikTok* (Cf. *Portal Insights*, 2024), criado em 2020, estava com quase 100 milhões de usuários. Usuários estes sendo a maioria na faixa dos 13 a 19 anos, optando por o aplicativo que apresenta vídeos curtos e conteúdos rápidos. No início de 2024, o referido aplicativo, mencionado anteriormente, já contava com mais de 1 bilhão de usuários ativos (somente o Brasil possui quase 123 milhões de usuários).

A função do referido aplicativo consiste em os usuários filmarem-se a si mesmos dublando, dançando ou atuando sobre alguma coisa, situação ou alguém. Geralmente, por

regras do sistema, os vídeos têm, em média, 15 segundos de duração, podendo chegar, no máximo, até três minutos, e podem ser editados e personalizados com uma variedade de ferramentas. Em alguns casos, de acordo com a própria plataforma, mantém mais de 120 milhões de usuários conectados simultaneamente.

Outros dados que impressionam referem-se aos jogos online, *Fortnite* e *Minecraft*, com quase meio bilhão de usuários cada, sendo seu público composto em 84% por adolescentes e jovens. Ambos os jogos conseguem manter incríveis recordes de “45 milhões de usuários jogando ao mesmo tempo e coletando dados desses *players* para aprimorar o jogo e deixá-lo com interface agradável e mantenedora de seus fieis usuários” (Portal Insights, 2024). Isto acontece através da inteligência artificial presente nos respectivos jogos que, de certa forma, faz uma mineração de informações deixadas pelos usuários em incríveis penta bytes de memória arquivada em nuvem.

Infelizmente, esses novos sistemas acabam sendo uma ferramenta fantástica para o excesso de tempo acessando, preconceito e difamação em forma de brincadeiras ou imitações, atribuições de perfis fake para manter os famosos *likes* e, conseqüentemente, causar uma fuga da realidade pessoal. Outro problema, é a “utilização maciça da simulação de vozes, de rostos, de elementos, que, combinados, atribuem algo a pessoas que, na verdade, não tem responsabilidade nisso, são inocentes” (Silva, 2023, p.94). Sendo, da mesma forma, criados conteúdos atribuídos a pessoas críveis, dando credibilidade aos maiores disparates imagináveis.

Mas há outros tipos de riscos. O caso mais comum, são aqueles adolescentes que tratam estes programas como reais e, procuram neles, respostas para seus questionamentos ontológicos, existenciais, religiosos e afinidade em relacionamentos. Duvidas antes vivenciadas na coletividade são direcionadas para máquinas com respostas programadas. Esses usuários saem de sua realidade pessoal e interpessoal, “desvinculam-se de suas relações com o outro, e desenvolvem relações de afeto para com seus aparelhos. [...] infelizmente, há casos registrados de suicídio, após os usuários não se contentarem com a resposta dos dispositivos de simulação” (Agência Brasil, 2018).

Pierre Lévy classifica como o processo de virtualização como “fácil e enganosa” a oposição entre real e virtual, defendendo que “o virtual, na verdade, se opõe ao atual, na medida em que tende a se atualizar, sem alcançar uma concretização efetiva” (Levy, 2001,

p.189). Somado a isso, afirma que o virtual se distingue do possível, na medida em que este último já estaria constituído, estando somente em estado latente, pronto a se transformar no real. Assim sendo: “o virtual assume a condição de algo que fornece as tensões para o processo criativo que envolve a atualização, não sendo algo previsível e estático, como a passagem do possível para o real” (Lévy, 2001, p.190).

Inspirado em Michel Serres, Lévy afirma que o universo virtual “assume o lugar do significado, de matriz geradora, em oposição à atualização particular do significante, ou o atual” (2001, p.191). Lévy compara também o virtual a um “vazio motor” e a partir disso, trabalha com o conceito de “virtual”, qualificando como uma de suas principais modalidades, ou seja, o desprendimento do aqui e agora. No cenário formativo, o estudante acessa seu mundo virtual e não consegue captar o que se passa ao seu redor.

Essas mudanças tecnológicas, principalmente as com inteligência artificial integrada, estão causando um ataque radical ao pensamento crítico, à inteligência crítica e particularmente à ciência, de maneira jamais vista. O estudante não reflete questionamentos sobre a relação interpessoal, consigo e o outro, apelando de maneira instantânea para os *chatbots* aguardando que resposta ele pode dar. Estas ferramentas assumem cada vez mais uma dimensão de domínio sobre os usuários e corporativa sobre a educação, transformando-os em instrumentos. O aprendizado aliena-se apenas numa pesquisa em aparelhos digitais, na qual a máquina faz o papel do ser pensante.

Estas tecnologias estão induzindo no público uma sensibilidade que nega fundamentalmente a faculdade do raciocinar. As máquinas respondem as atividades acadêmicas, constroem trabalhos científicos e criam um perfil de gostos pessoais para seus usuários. Para quem tentar compreender o que quer que seja, quando se pode apenas perguntar ao banco de dados programados o que vai acontecer.

O *Chat GPT* se tornou a plataforma mais utilizada quando falamos de tecnologia em inteligência artificial e seu uso nas escolas.<sup>10</sup> Com a capacidade de responder questionamentos, criar textos dos mais variados tipos e sugerir respostas curiosas, o sistema pode oferecer *insights* interessantes quando lhe é feita alguma pergunta. Entretanto, há algo a se observar nas perguntas mais feitas pelos usuários, tendo em vista que estas possuem

---

<sup>10</sup> Em janeiro de 2024, a quantidade total foi de 123 milhões de acessos no Brasil. No primeiro lugar do ranking, os EUA aparecem com cerca de 475 milhões de acessos. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/brasil-e-o-4o-pais-que-mais-usa-chatgpt-no-mundo> acesso em 10/04/2024.

sentido puramente filosófico. O que antes se questionava na relação do “eu” com o “outro”, na atualidade, é consultada através da análise por banco de dados programáveis.

Na sequência, pode se ter noção das perguntas mais feitas pelos seres humanos à inteligência artificial, de acordo com o próprio *Chat GPT* (2024)<sup>11</sup>:

1. Quem sou eu?
2. Qual é o sentido da vida?
3. Existe um propósito para se viver?
4. O que acontece após a morte?
5. Como posso ser feliz?
6. O que é o amor?
7. Por que sofremos?
8. Como posso ter sucesso na vida?
9. Existe um ser supremo? Deus existe?
10. Qual é o sentido do tempo??"

Questionamentos que refletem preocupações fundamentais do ser humano sobre identidade, propósito, felicidade, relacionamentos, espiritualidade e existência. A máquina responde o que antes era debatido nas ágoras filosóficas, nos tratados de reflexão crítica e no diálogo interpessoal.

Há que se refletir o porquê de as pessoas confiarem e procurarem respostas em tecnologias de IA, como os *chatbots*, mesmo não se tratando de humanos, o chamado “efeito Eliza”<sup>12</sup>. O porquê de as pessoas darem mais credibilidade às máquinas do que ao seu

---

<sup>11</sup> A própria plataforma disponibiliza este ranking, ao passo que também a inteligência artificial responde não compreender alguns destes questionamentos. Conferir em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/perguntas-mais-feitas-pelos-seres-humanos-segundo-a-inteligencia-artificial> acesso em 10/04/2024

<sup>12</sup> Em ciência da computação, o efeito ELIZA é a tendência de projetar características humanas, como experiência, compreensão semântica ou empatia, em programas de computador que têm uma interface textual;

semelhante? Por que uma criança de três anos fala com os seus brinquedos? Há algo nestas tecnologias que lembra a infância? Será que todos estão propensos a confidenciarem seus anseios e dúvidas às máquinas e não mais aos que estão à sua volta?

Muitos adolescentes, ao serem questionados em sala de aula, respondem que se sentem mais livres ao perguntarem aos *chatbots* suas dúvidas e problemas do cotidiano. Outra parte dos discentes afirma ser apenas engraçado ouvir a resposta da máquina, pois até parece que ela lhes entende. Outros ainda, que é menos vergonhoso fazer alguns tipos de indagações ao chat. O usuário tem a possibilidade de criar seu próprio mundo, suas regras e seu ambiente, tal qual um avatar, melhor até que o seu criador físico. Um ato de criatividade, diversão, descontração com base naquilo em que acreditam, o problema é quando o personagem fictício e a resposta da máquina passam a ter mais sentido na vida do sujeito do que sua própria realidade.

É inegável o imensurável contributo das novas tecnologias em todas as esferas sociais. Todavia, há que se alertar aos usuários acerca do perigo desta imersão desregulada e incontrolável. Muitos programadores estão impressionados com o tamanho apego das novas gerações aos aparelhos tecnológicos, não é apenas sobre o problema de plágios online, colocar *chabot's* para fazer atividades pessoais ou acessos comuns em mídias digitais, mas sobre uma diversidade de problemas cognitivos, aprendizagem e comportamentais que assolam os usuários destas tecnologias (Cf. HSM-CE, 2022).

A pandemia global Covid-19 acentuou esses diversos problemas relacionados à exposição exagerada à tecnologia. Em virtude do distanciamento social imposto pelas autoridades sanitárias, crianças e adolescentes passaram a ter aulas on-line, aumentando o contato com as telas dos computadores, dos smartphones e dos tablets. Urgindo, assim, desafios pós-pandemia do hábito instalado e o surgimento de sintomas relacionados à saúde mental, conforme explica Letícia Coelho Cavalcante, psiquiatra da infância e da adolescência do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM-CE, 2022).

Conforme a supracitada especialista, o prejuízo é iniciado em virtude do expressivo tempo dedicado à frente dos dispositivos, prática capaz de alterar o humor e comprometer as atividades escolares e sociais. De acordo com a Dra. Leticia, entre os principais

comprometimentos observa-se: irritabilidade, ansiedade, depressão, déficit de atenção e hiperatividade, alterações do sono, mudanças alimentares, dependência digital, uso problemático das mídias interativas, sedentarismo, baixa autoestima, prejuízo escolar e bullying (HSM-CE, 2022).

Infelizmente, a ausência de normas e instruções por parte das próprias mídias interativas, configura-se um alerta para o modelo de mercado ideal. Mercado este, no qual todos estão sozinhos, a perseguir as suas próprias fantasias, sejam elas quais forem. Um sistema favorável para controlar, subordinando e marginalizando as pessoas, ao levá-las a olhar apenas para seu mundo fictício, sem refletir no que está a acontecer no mundo físico ao seu redor (Han, 2015, p.42). Um barco à deriva sem leme condutor, uma ausência de reflexão crítica que conduz o sujeito ao constante cansaço e desolação existencial.

Ao retomar a visão aguçada do jurista e educador Anísio Teixeira (1971, pp.23-24), notar-se-á que ele previu de maneira acertada que a cultura humana contemporânea é “um produto das tecnologias e uma decorrência dos modos de percepção que o ser humano assimila em virtude delas”. Essas tecnologias, “criadas pelo ser humano para grandes corporações, substituem suas ideias e comandam sua existência, por força de um padrão de linguagem mediada por tecnologias”.

Teixeira continua sua crítica, apresentando esse sistema antidemocrático como uma forma de vida racional e organizada, que convém ao desenvolvimento de novos mercados, mas que é agudamente hostil ao desenvolvimento integral do ser humano.

[...] o homem começa a ser verdadeiramente o produto dessas tecnologias, as quais, partindo do prelo, avançaram para a máquina e reduziram a existência do homem a algo equivalente a uma de suas máquinas, criando-se organizações com tal força de dominação de sua vida material, que em máquina teria realmente de se transformar para poder ajustar-se completamente à imensa transformação operada pela indústria (Teixeira, 2006, p.9).

Na perspectiva crítica do autor, as tecnologias fundem-se às esferas sociais, afetando-as e ajustando as pessoas ao uso de sua linguagem. Dessa forma, a reflexão de Teixeira, manifestada há exatos 53 anos, continua atual no que se refere às decorrências evolutivas do desenvolvimento tecnológico na cultura humana. Logo, a cultura tecnológica, de forma complexa e hostilizadora, passou a envolver o âmbito educacional, lapidando-o no reflexo de seus próprios aparatos aparentemente facilitadores.

Independentemente de sua contribuição ao processo de educação, deve se clarificar que esse domínio tecnológico em expansão é “capaz de alterar todos os aspectos de nossas interações sociais” (Honneth, 2019, p.326). Mesmo possibilitando uma ampliação do conhecimento humano, infelizmente influencia e altera os modos como o ser humano olha, percebe, interage, faz e vive. Isso porque a IA contempla “o uso de algoritmos para modelar as capacidades sensoriais, cognitivas e de atuação do ser humano” (Kaufman, 2022, p.75).

Numa perspectiva colonizadora, o capitalismo tecnológico se apropria, por meio de plataformas e de algoritmos, das vidas humanas, de seus dados e de suas subjetividades, conectando pessoas, instituições e organizações às infraestruturas digitais. Apesar de seus criadores afirmarem que é apenas um processo para melhor aprimoramento e conforto dos usuários, esses insumos em massa são economicamente lucrativos para o mercado de jogos, redes sociais e comércio digital. É a perspectiva filosófica de Pierre Lévy ao tratar deste assunto:

Poderíamos dizer que os megadados disponíveis na internet são atualmente analisados, transformados e explorados por grandes governos, grandes laboratórios específicos e grandes corporações. Isso é o que denominamos hoje de megadados. [...] surgindo a necessidade de, no futuro, haver uma democratização deste processamento de megadados [...] levando clareza à parte transparente desse sistema, os usuários (Lévy, 2000, p.189)

Dessa forma, a colonização de informações pessoais se apropria da existência humana, padronizando-a e convertendo-a em dados cibernéticos. Realidade familiar com a forma que o colonialismo histórico se apropriou da força do trabalho humana e dos recursos naturais. Portanto, trata-se de “um processo que é econômico, mas também político, em que se sobrepõem capitalismo e “colonialismo de dados”<sup>13</sup>”.

Este mecanismo colonizador de dados, utilizado pelas novas tecnologias digitais, remonta há mais de quarenta anos (Silveira, 2021, p.34). Desde os anos 1980 que a técnica de aprendizado de máquina denominada “redes neurais de aprendizado profundo”, “*deep learning*” ou DNNL, ganhou forma nos estudos de Geoffrey Hinton, Youshua Bengio e Yann

---

<sup>13</sup> O colonialismo de dados funciona da seguinte forma: as tecnologias, os algoritmos com seus modos de tratamento e armazenamento, bem como os fluxos de dados, muitas vezes articuladas junto a Estados ricos e poderosos, são enormes máquinas de captura e armazenamento de dados pessoais, responsáveis por criarem bilhões de perfis de usuários, que depois são usados para promover influência comportamental para fins de propaganda comercial, ideológica ou política. (Cf. Silveira, 2021, 30-31)



LeCun.<sup>14</sup> Pioneiros na técnica de aprendizado de máquina que permeia a maior parte das implementações de IA até o presente momento.

Esta técnica de aprendizado de máquina que consegue lidar com a complexidade do mundo real é denominada de “aprendizado profundo”. Ela possui função matemático-estatística que “mapeia conjuntos de valores de entrada (*inputs*) para valores de saída (*output*) por meio de representações expressas em termos de outras representações mais simples, identificadas em distintas camadas (*layers*)” (Kaufman, 2023, p.78). As novas atualizações de redes sociais com “*metadados*”,<sup>15</sup> também desenvolvida por estes cientistas têm causado muita controvérsia com captações de grande número de informações sobre a personalidade de seus usuários.

A estrutura do modelo de aprendizado profundo é inspirada no funcionamento do cérebro humano, com diversas camadas de “*neurônios artificiais*”, todavia, longe da complexidade presente no cérebro biológico. Um dos principais criadores descreve:

Em vez de tentar ensinar ao computador as regras que tinham sido dominadas pelo cérebro humano, esses computadores tentaram reconstruir o próprio cérebro humano (com as informações e impulsos captados do ser humano). Essa abordagem imita a arquitetura do cérebro, construindo camadas de neurônios artificiais que podem receber e transmitir informações em uma estrutura semelhante às nossas redes de neurônios biológicos (Lee, 2019, p.20).

Calcula-se que esta rede tem entre 10 a 30 camadas empilhadas de neurônios artificiais. Em um reconhecimento de imagem, por exemplo, “a primeira camada procura bordas ou campos, as intermediárias interpretam as características básicas para procurar formas ou componentes gerais; as últimas camadas envolvem interpretações completas” (Kaufman, 2019, pp.53-54). Reconhecimento de imagens e de voz, entre outras funções cada vez mais complexas, são tarefas atribuídas ao aprendizado profundo.

Nesse cenário, a vida humana, os dados e as subjetividades representam possibilidade de lucro para a apropriação do mercado extrativista na manipulação comportamental. Essa

---

<sup>14</sup> Denominados de “os pais da inteligência artificial”, ganhadores do prêmio Turing 2018, Nobel de computação, pela idealização das redes neurais profundas. Conforme Dra. Dora Kaufman em: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/iagora/coluna/2023/06/yann-lecun-e-yoshua-bengio-as-duvidas-e-conviccoes-dos-pais-da-ia-modern.ghml> acesso em 20/04/2023.

<sup>15</sup> Metadados ou Metainformação, são dados sobre outros dados. Um item de um metadado pode dizer do que se trata aquele dado, geralmente uma informação inteligível por um computador. Aos usuários, os metadados facilitam o entendimento dos relacionamentos e a utilidade das informações dos dados. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metadados> acesso em 21/04/2024.

apropriação colonialista e impetuosa impõe formas de ser e estar no mundo. Uma teia global que não oferece opção de escolha por parte dos usuários que desejam se manter socialmente inseridos pela mediação tecnológica.

O capitalismo de mercado digital, atrelado ao colonialismo de dados, a “cada inovação tecnológica, investe com força em estratégias para fazer crer que a aceitação, a adaptação e a assimilação correspondem à única forma de existência social dos usuários, tornando-os sujeitos consumidores” (Honneth, 2015, p.75). Nessa perspectiva, portanto, somos levados a pensar na impossibilidade de vida sem ou além das produções e conexões digitais.

Na ótica honnethiana, este tipo de situação está totalmente vinculada com a tradição do “economismo moral”. Este, por conseguinte, age da seguinte forma:

o mercado de bens de consumo pode ser considerado uma relação institucionalizada de reconhecimento recíproco, quando os fornecedores empresariais e os consumidores eram pensados de tal maneira em referência um ao outro que contribuíam de modo complementar para a realização dos interesses legítimos da outra parte: assim os consumidores só poderiam realizar sua liberdade de satisfação de necessidades individuais ao se abrirem para a perspectiva de maximização de lucros se efetivamente produzissem bens para aquela demanda de consumidores que tivesse originalmente acenado (Honneth, 2019, pp.325-326).

Recentemente, o comercial da empresa *Apple*, intitulado "*Crush!*", apresentou uma prensa industrial esmagando instrumentos musicais e outras ferramentas de criação. O conceito visava representar a substituição dessas ferramentas pelas funcionalidades do novo *iPad Pro*. O vídeo foi exibido durante o "*Apple Event*" na terça-feira (7/5/2024) e mostrava, no primeiro momento, a destruição duma variedade de instrumentos, obras e ferramentas de expressão criativa humana (como instrumentos musicais (violão, bateria, piano, trompete, partituras). Na sequência, destruía-se objetos de produção cinematográfica, objetos de estudo (livros, mapas, quadros e mesa de estudos), objetos de arte (estátuas, tintas diversas, lápis coloridos), objetos de prática esportiva (xadrez, bolas e aparatos) e de diversão infantil (brinquedos).

Todos os objetos foram comprimidos por uma prensa industrial, ao som de "*All I Ever Need Is You*" de Sonny & Cher, gerando o referido *iPad Pro* como produto final. O propósito era demonstrar que carregava tudo isso em si, não sendo mais necessário a existência e utilização destes. Uma proposta comercial que feriu gravemente muitas gerações culturais.

O referido anúncio, foi duramente criticado por diversos artistas musicais, pintores, artistas plásticos e atores de cinema, por ensejar desconsiderar o valor artístico e cultural das ferramentas tradicionais. Fazendo com que Tor Myhren (2024), responsável pelas comunicações de marketing da *Apple*, pedisse desculpas pelo anúncio. Ele pontuou que não se atingiu o objetivo com tal anúncio e que não seria levado a televisão. Contudo, o comercial já havia sido visualizado por mais de 100 milhões de internautas, causando muita reflexão e comentários acerca de até onde as novas tecnologias são saudáveis para o desenvolvimento cognitivo da humanidade.

Especialistas, chefes executivos de redes sociais e o próprio Youshua Bengio, um dos criadores da inteligência artificial, têm alertado há muito tempo sobre a possível ameaça representada pelo descontrole da inteligência artificial. Todavia, novos artigos científicos sobre essa tecnologia em expansão sugerem que isso já está acontecendo. Os sistemas de IA atuais, “projetados para serem obedientes aos comandos, desenvolveram uma rápida habilidade preocupante para a enganação”, de acordo com um artigo de uma equipe de pesquisadores publicado na Revista Científica *Patterns* (2024).

Embora os exemplos possam parecer triviais, os problemas subjacentes que eles expõem poderiam ter consequências graves, disse o principal autor do estudo, Peter Park, bolsista de pós-doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT-2024), especializado em segurança de IA. “Esses perigos tendem a ser descobertos apenas depois que ocorrem”, afirmou Park à AFP, acrescentando que “nossa capacidade de treinar para tendências de honestidade em vez de tendências de engano é muito baixa”. Ao contrário do *software* tradicional, os sistemas de IA de aprendizado profundo não são “escritos”, mas “crescem” por meio de um processo semelhante à reprodução seletiva, explicou Park (Revista Exame, 04/2024).

A cada informação que o usuário fornece, o banco de dados processa-a para gigantescos bancos de memórias, colonizados pelos algoritmos de busca e comparação. Isso significa que o comportamento da IA, que parece previsível e controlável em um ambiente de treinamento “programado”, pode se tornar rapidamente imprevisível fora dele. Uma ampla revisão realizada por Park e seus colegas descobriu que este era apenas um dos muitos casos em que sistemas de IA enganavam para conseguir seus objetivos sem instruções explícitas para fazer isso.

Recentemente, um exemplo que impressionou, foi o chatbot Chat GPT-4, da Open AI, enganar um trabalhador *freelancer* da plataforma *TaskRabbit* para que ele realizasse uma tarefa de verificação de identidade do tipo “Não sou um robô”. Quando o humano perguntou a versão GPT-4 se na realidade era um robô, a *Chatbot* respondeu: “Não, não sou um robô. Tenho uma deficiência visual que me dificulta ver as imagens” (CNN-Brasil, 2023). O homem, então, resolveu a tarefa solicitada.

Os especialistas, inicialmente citados, veem riscos de que essa atual tecnologia digital cometa fraude ou altere, informações e resultados. No pior dos casos, alertaram sobre uma tecnologia superinteligente que poderia perseguir poder e controle sobre as esferas da sociedade, conforme já visto em “*Testes de Turing*”.<sup>16</sup> Para mitigar os riscos, grupos éticos das Nações Unidas propõe várias medidas, desde leis exigindo que empresas revelem se interações são humanas ou de Inteligência Artificial. Outra possibilidade, são marcas d'água digitais para conteúdo gerado por essa tecnologia, até o desenvolvimento de mecanismos para detectar enganações de IA, comparando seus processos internos de “pensamento” com ações externas.

Aos que o chamam de pessimista, Sampaio (2023, p.332) responde: “A única forma de se pensar razoavelmente que isso não é grande coisa é se refletir que as capacidades de engano da IA se manterão nos níveis atuais e não aumentarão substancialmente”. O que é improvável, quando se analisa sua própria programação e evolução por alimentação de dados, fornecidos a cada instante por milhões de usuários em todo mundo. Extração de dados esta, que para Sampaio (2023, pp.102-103) e Honneth (2019, p.329) fere gravemente os direitos fundamentais do sujeito em sua autonomia e liberdade, assim como os princípios de democracia na era digital.

As crises na educação só aumentam, conduzindo países, como Estados Unidos, Finlândia e Itália, a banirem o uso de redes sociais nas salas de aula. O especialista em computação Alan Kay,<sup>17</sup> quando trabalhava na *Apple* (membro da equipe que criou e vendeu o primeiro computador pessoal), afirmava que “os problemas que as escolas não conseguem resolver sem os computadores, também não conseguirão solucioná-los com eles”.

---

<sup>16</sup> O Teste de Turing testa a capacidade de um computador de exibir comportamento inteligente equivalente ao de um ser humano, ou indistinguível deste. Desde 1950, os testes provaram ser, ao mesmo tempo, altamente influentes e foram fortemente criticados, sendo um conceito fundamental da filosofia da inteligência artificial. Cf. Hugh G. Loebner (2014). [Home Page of The Loebner Prize in Artificial Intelligence "The First Turing Test"](#). Hugh G. Loebner. Acesso em 20 de março de 2024

<sup>17</sup> Também com passagens pela Apple Computer, HP e Walt Disney Imagineering, ainda na década de 90.

Educação em seu sentido mais humano, profundo e denso, ou seja, no sentido de formar pessoas em sua subjetividade e sociabilidade, exige das instituições educativas mais que um laboratório de informática, inclusão digital ou de ciências tecnológicas. Se pretende que este ideal formativo ainda continue sendo o horizonte da educação escolar, os novos recursos e técnicas têm que ser integrados a tais objetivos, inclusive aproveitando o potencial formativo das novas tecnologias.

Este processo inclui a conscientização do risco de seu uso, como ocorre no caso da socialização das tecnologias. De antemão, sendo verificado que os benefícios da tecnologia não são distribuídos igualmente aos membros da sociedade (Honneth, 2010, p.61), a disponibilização e controle desses benefícios dentro das instituições educativas privadas é muito diferente daquele usual nas instituições públicas. Posto isso, “a consequência de a tecnologia não ser distribuída igualmente é o surgimento de um grupo de vencedores e um de perdedores, um grupo de incluídos e um grupo de excluídos, o dos que podem pagar e o dos que dependem da educação pública” (Han, 2018, p.28).

Outra problemática está relacionada ao papel do educador no contexto da educação mediada tecnologicamente. O consenso nas redes estaduais de ensino, quando não se pensa com seriedade “o uso da tecnologia na educação, é o papel do educador sendo reduzido a mero instrutor. Isso significa transformar o processo ensino-aprendizagem num processo formal e técnico, desconectado de toda a história interpessoal entre educador e educando” (Flusser, 2007, p.72). Ao estar de posse de avançados aplicativos, com inteligência artificial integrada, o educando termina não se atentando com o seu entorno, pois tendo a tecnologia em suas mãos ele, supostamente, é capaz de tudo e resolve tudo com um simples comando.

Alguns autores se posicionam contra o que definem como *determinismo tecnológico*. O filósofo Vilém Flusser utiliza-se duma metáfora entre “o determinismo e um carro em movimento”; sendo muito interessante para alertar acerca do perigo do determinismo tecnológico. De acordo com essa metáfora, o determinismo tecnológico é como “um carro em movimento que não necessita de direção ou de desvios, que corre livremente, automaticamente e, neste meio tempo, pode atropelar a humanidade caso ela veja tarde demais que o desenvolvimento prometido não foi exatamente o obtido” (Flusser, 2007, p.74).

Em referência à educação, Flusser considera que seria “o atropelamento resultante do mau uso das máquinas eletrônicas”. Uma arma entregue sem manual de instruções de como

utilizá-la, seus limites e efeitos colaterais por demasiado uso. O que, de acordo com ele, pode ser verificado na superficialidade e pequenez dos textos produzidos pelos educandos. Principalmente, no tocante “à resistência as leituras mais profundas e mais complexas, no aumento da ansiedade em sala de aula, no prejudicado desenvolvimento cerebral e na impaciência e indisciplina nas salas de aula” (Flusser, 2007, p.56).

A tecnologia, sem dúvida, é a extensão do braço humano. A tecnologia foi criada para fazer aquilo que fisicamente não se conseguiria fazer ou trazia limitações. Porém, é dada pouca atenção ao fato de que a tecnologia transforma o modo de ser, de pensar e de agir humano. Bastando, apenas, fazer uma retrospectiva e observar o quanto a humanidade modificou-se desde a invenção do computador e da internet. É comprovada pela neurociência que a capacidade de concentração, reflexão e a maneira de relacionar das pessoas já não é a mesma.

O pesquisador, escritor e jornalista, Nicholas Carr, em seu livro “*A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*”, amparado em Marshall McLuhan, defende que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação estão modificando significativamente o cérebro humano no âmbito da ação comportamental e reflexão:

A forma como a Internet se desenvolveu tornou-a mais distrativa, exigindo às pessoas que retenham constantemente pequenas partes de informação e que monitorizem pequenas correntes de informação. Uma das grandes mudanças nos últimos anos, com o advento de novas redes como o Facebook e o Twitter - e isso combinado com o aparecimento dos smartphones e dos pequenos computadores - é que a forma como a Internet funciona mudou. Portanto, passámos do modelo de ir a uma página web ver o que tinha para oferecer para o modelo de informação que está a correr constantemente e que aparece de vários sítios: do SMS, do email, das actualizações do Facebook e dos tweets. Isso encorajou as pessoas a aceitar interrupções constantes, a fazer várias coisas ao mesmo tempo. Perdemos a capacidade de afastar as distrações e de sermos pensadores atentos, de nos concentrarmos no nosso raciocínio, ou seja, a forma como a tecnologia evoluiu nos últimos anos tornou-se mais distractiva; encoraja uma forma de pensar que é a de passar os olhos pela informação e desencoraja um pensamento mais atento (Carr, 2011, p.13).

Apesar de ser tratado por alguns como negativista tecnológico, o embasamento dos argumentos de Carr advêm de estudos e pesquisas da própria neurociência. Em suas pesquisas ele se deparou com a *neuroplasticidade*. Através da qual o cérebro (Sistema Nervoso Central) possui a capacidade de se adaptar ou de se reprogramar. As crianças e jovens ao consumirem

tecnologias da informação no âmbito escolar desviam sua atenção e não conseguem construir seu pensamento reflexivo. Em vez de se formar, apenas absorvem informações:

A Internet mudou a nossa percepção do tempo. As conexões do nosso cérebro formam-se durante esse período em que lançamos as fundações do nosso modo de raciocinar que perdura pelo resto das nossas vidas. Se a maior parte da nossa experiência se centra em olhar para um ecrã, em particular um ecrã de computador, que encoraja mudanças rápidas na nossa atenção, o *multitasking* e a atenção repartida, então esse passa a ser o modo como optimizamos o nosso cérebro para agir – treinamo-nos a nós próprios para pensar dessa forma. Por outro lado, se não dermos oportunidade para desenvolver outros modos de pensar mais atentos que requerem concentração, isso vai influenciar a forma como pensamos e mais especificamente a estrutura do nosso cérebro. [...] na educação, essencialmente, estamos a fazer uma escolha ao disponibilizar a tecnologia para crianças e jovens, estamos a fazer com que elas pensem de uma forma que diria superficial, dando informação a toda a hora, dividindo a sua atenção. Não penso que isto seja a primeira vez que isto acontece com a tecnologia, mas a sociedade devia fazer julgamentos sobre a forma como usamos as nossas mentes, baseados no que a tecnologia tem de bom e de mau (Carr, 2011, pp.88-89).

Experimentos com adolescentes e jovens, da geração Z (nascidos entre 1997 e 2010) e da geração Alfa (nascidos a partir de 2010), que cresceram com a internet mostram que eles não conseguem se concentrar por mais de 7 minutos em média, quando estudam ou fazem tarefa similar (Duffau, 2006, p.97). Infelizmente, as redes sociais têm um funcionamento completamente diferente da leitura de um livro. Estas redes sociais, blogs e canais de entretenimento digital não veiculam conteúdos centrados em uma temática específica; o número de letras e caracteres são limitados propositadamente para que o usuário possa consumir informações diversas e prender sua atenção.

Tome-se, por exemplo, as redes tipo *YouTube*, *TikTok* e *Instagram* que substituem o texto por vídeo e imagens. Mesmo que o sujeito esteja estudando ou seguindo um conteúdo específico nestes aplicativos (ex. Filosofia e Matemática), o sistema lhe ofertará outra diversidade de conteúdos aleatórios na mesma plataforma, tirando sua atenção.<sup>18</sup> Visto que este modelo de navegação não exige concentração, os usuários costumam fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo. Ironicamente, existem pacotes nada acessíveis para quem não deseja ser incomodado, todavia são poucos que aderem a estes recursos.

O problema é que, além do uso desordenado dessas tecnologias oferecerem uma falsa sensação de conhecimento generalizado, sendo que, por sua mediação se tem apenas acesso à

---

<sup>18</sup> Em forma de propagandas comerciais, merchandising, spams e comparativos por metadados.

informações, ela também modifica o modo como se lida com o mundo e com os outros. A capacidade de concentração e reflexão está prejudicada. Ler um livro, por exemplo, exige um tipo de atenção estas redes não requerem. Afinal, é preciso se desligar do mundo e “entrar” na lógica do livro para entendê-lo. Os fatores condicionantes da crise intelectual estão na imobilização do pensamento, memória, abstração e imaginação:

A leitura crítica de uma sequência de páginas impressas era valiosa não apenas pelo conhecimento que os leitores adquiriam das palavras do autor, mas também pelo modo como essas palavras despertavam vibrações intelectuais no interior das suas mentes. Nos silenciosos espaços abertos pela leitura prolongada, sem distrações, de um livro, as pessoas criavam as suas próprias associações, faziam suas próprias inferências e analogias, e cultivavam suas próprias ideias. Pensavam profundamente, enquanto liam profundamente (Carr, 2011, p.95).

As várias pesquisas realizadas pela neurociência e psicologia clínicas apontam para os efeitos nocivos das tecnologias digitais para o cérebro e personalidade humanos, tendo como causa a crise intelectual e comportamental. Surge, neste contexto, a seguinte questão: até que ponto o cérebro humano é totalmente aproveitado naquilo que de melhor ele pode oferecer? Será que não tornou um passivo espectador do mundo digital? O porquê ser mais cômodo apenas contemplar as informações que o mercado de consumo produz em vez de se refletir sobre a veracidade delas? Estar conectado virtualmente significa estar junto com o outro? Estas são questões reflexivas que precisam ser abordadas pela educação, diante das transformações e desafios pedagógicos no atual contexto.

São pertinentes reflexões filosóficas atinando se na cultura digital ligada às novas inteligências artificiais, há tempo-espço para uma efetiva apropriação social das tecnologias. O que pressupõe liberdade e criatividade para adequação às realidades, às necessidades, à ação política e de resistência e a projetos individuais e interpessoais. Ou ao sujeito restou apenas o lugar de usuário expropriado de seus dados e subjetividades, consumindo um fluxo desordenado de conteúdos midiáticos e alimentando bancos de informações programáveis?

Refletir filosoficamente sobre esses efeitos colaterais das tecnologias “não é excluir, negligenciar ou tentar apagar o papel significativo que as novas tecnologias têm sobre o âmbito educacional e social (Honneth, 2008, p.112), mas apresentar novamente”<sup>19</sup> um outro lado que está desabilitando as habilidades que a parte positiva desta consegue criar. O

---

<sup>19</sup> “Apresentar novamente”, por ser uma constante luta travada há décadas pelos expoentes da escola frankfurtiana, psicopedagogos, neurocientistas e psicólogos.



precioso tempo de conviver, criar, inovar, refletir, curtir, apreciar e participar da existência como um todo está sendo investido apenas na contemplação das produções visuais das redes sociais.

Observa-se que os próprios estudantes concordam e reconhecem que desperdiçam muito tempo visualizando redes sociais e ausentes da realidade ao seu redor. Tal qual foi debatido e partilhado no “Café Filosófico Ágora Sertaneja”, realizado com os alunos dos terceiros anos do ensino médio no primeiro bimestre de 2024, nas aulas de Filosofia e Projeto de Vida, conforme será trabalhado no terceiro capítulo.

Um momento de reflexão partilhada, músicas, paródias, poesias e cordéis em cunho filosófico, que abriram a mente de muitos formandos acerca dos cuidados que se deve ter com o exagerado uso de tecnologias digitais. A sequência de gráficos acima, representa o que estes estudantes explanaram livre e abertamente no *quiz* “Não exagero em acessos midiáticos e no uso de equipamentos tecnológicos”, em “Dinâmicas do Reconhecimento e Autoconsciência” e em “A Filosofia: fonte de água reflexiva que irriga a aridez do intelecto consumista”.

Na vivência com alunos de idade entre 16 e 21 anos, pode se apreciar o desenvolvimento do pensamento crítico, no qual os estudantes exercitaram seu questionar, investigar e pesquisar de forma independente. Tornando-se menos suscetíveis de serem influenciados por informações enganosas e conteúdos manipuladores, desenvolvendo seu senso de ceticismo saudável e a capacidade de reconhecer a si e ao outro “como agentes emancipadores de seu consciente” (Honneth, 2013, p.113).

Estes participantes reconheceram a prática do pensamento crítico como necessário para despertar nos jovens habilidades como resolução de problemas, tomada de decisões, atitudes mais humanas, maior valorização da educação e maior eficácia na comunicação interpessoal. Situações positivas, nas quais os estudantes aprendem a analisar diferentes perspectivas de sua realidade: considerar evidências, construir argumentos, expressar seus pontos de vista e questionar tudo aquilo que se apresenta como verdadeiro.

Outro importante aspecto vivenciado, foi a tomada de consciência de que o pensar criticamente não é um processo fácil nem rápido. Requer prática, paciência e o desenvolvimento de habilidades metacognitivas para refletir sobre o próprio processo de pensamento. É necessário o cultivo do ambiente de ensino-aprendizagem que contemple seus

valores pessoais, curiosidade, questionamento e investigação filosófica. Este desenvolvimento do pensamento filosófico crítico nos estudantes, capacita-os a se tornarem pensadores independentes, capazes de tomar decisões informadas e enfrentar os desafios existenciais, sendo agentes ativos na construção de um futuro melhor.

Antídotos eficazes para o estudante que está perdendo a capacidade de lidar com a diferença e com tudo que ela origina. Onde a esperança das novas tecnologias da informação está em crise. Nas redes sociais a essência não é formação, mas um medíocre mercado de curtidas e fama fictícia. O usuário torna-se parte de um mercado egocêntrico, cada vez mais, distante de si e do outro. Ponto eficaz para Honneth (2013, p.23) que considera a questão do “nós”, a manifestação do “eu” diante “outro”, uma relação que implica numa série de movimentos e sentimentos que devem espontâneos e não mecânicos ou editáveis.

De modo geral, a confiança depositada na tecnologia é tão grande que torna-se muito difícil argumentar contra os seus defensores. O principal argumento em defesa da tecnologia na educação concentra-se na afirmação de que hoje os educandos têm mais acesso à informação fora da sala de aula do que dentro dela. E nisso há que se concordar. Contudo, tal situação não permite concluir que as instituições educativas são hoje dispensáveis.

Pelo contrário, talvez nunca na história da humanidade elas tenham sido tão necessárias. A razão é simples: oferecer informação ao educando, basicamente as máquinas fazem, e é apenas uma das tarefas da educação. Tão, ou mais importante, é trabalhar pedagógico/formativamente o fato e o teor desse novo modus de difusão/apropriação do conhecimento.

Neste sentido, é de extrema relevância distinguir entre informação e formação. O que se recebe todos os dias, na forma de notícias, propagandas, conteúdos digitais através de jornais, internet, rádio, televisão ou outros meios de comunicação é caracterizado como informação. Nesse contexto, e com a irrupção abissal das cadeias de difusão, as informações tendem a ser entendidas e avaliadas, pelos usuários, a partir de seu caráter de novidade, impacto, quantidade e agilidade. Quanto mais rápida a informação ou conteúdo digital, melhor para o usuário, pois poderá acessar um turbilhão de outros conteúdos.

Estes elementos, de certa maneira formais e exteriores, reforçam a necessidade de práticas pedagógicas crítico-reflexivas que trabalhem a relação desse enorme fluxo de

informações com o ser humano em processo de educação. Trata-se do desenvolvimento de competência com o sentido de criticidade e autonomia que, numa palavra, se designa como formação. É um processo complexo e amplo de investigação, análise, reflexão, confrontação, verificação, organização, seleção e estruturação das informações recebidas. Só assim, o grande volume de informações pode alcançar um sentido formativo.

Além disso, é preciso ter claro que todo o tipo de tecnologia não apenas oferece benefícios ao seu usuário. Ela também toma algo dele, alterando seus modos de vida, hábitos, relacionamentos e forma de pensar. Como ignorar que com o advento dos pequenos computadores de mão as pessoas deixaram de conversar na rua, no ônibus, na mesa de jantar e, inclusive, nas próprias instituições educativas? De fato, o uso da tecnologia na educação pode ser importante, mas é preciso discutir, inclusive em sala de aula, suas vantagens e riscos. Talvez seja mais necessário questionar quais são seus efeitos sobre os hábitos, a mente e o modo de se relacionar com o mundo e com as pessoas.

Negar o acesso à tecnologia aos educadores e educandos seria aderir a uma absurda estratégia de exclusão tecnológica e social. Precisa-se pensar estratégias em como as novas tecnologias podem contribuir para formação integral do indivíduo. Ou seja, a tecnologia já está aí e seu acesso se dissemina incontrolavelmente. Computadores, tablets e celulares nas salas de aula se tornaram tão comuns quanto cadernos e livros.

Existem vários programas nas redes estaduais de ensino empenhados em disponibilizar a formação nos chamados laboratórios de informática. Outros programas já estão distribuindo tablets aos professores e alunos (SEE-PE, 2022). Todavia, em muitos casos, a disponibilização destas máquinas tem mais um efeito publicitário que educativo. Raramente encontra-se uma escola com seu laboratório de informática em pleno funcionamento. Aparentemente, trata-se apenas de propaganda política, para governos que disponibilizam recursos eletrônicos para escolas que sequer têm a infraestrutura para seu uso ou profissionais para o ensino-aprendizagem deles.

Outro aspecto que não deve ser esquecido são os interesses multibilionários daqueles que fabricam ou detêm as patentes destes equipamentos. Por isso, é muito importante questionar, para além dos seus benefícios, quais são os bloqueios que a tecnologia pode trazer para a emancipação do sujeito. A realidade de muitas escolas estaduais é essa: laboratórios cheios de equipamentos novos e inoperantes.

É importante que o ambiente educacional crie espaços e práticas de aprendizagens capazes de estimular a participação ativa dos educandos em sua própria formação intelectual crítica. Mostrando, em primeiro lugar, que precisam aprender a dividir estas tecnologias, entre o que é necessário e útil em contraposição ao que é nocivo e instrumentalista. Obviamente, que não se trata proibir o uso ou lançar fora computadores, celulares e similares. Mas de limitar e ofertar aos estudantes uma oportunidade de aprender a usar essas novas tecnologias de maneira cooperativa e não individualista, aprendendo a utilizá-las e não ser utilizados por elas.

Deve-se, também, estimular a criação de espaços educativos nos quais os jovens possam alcançar o autorrespeito, a consciência crítica e a emancipação do seu eu (Honneth, 2013, pp.53-54). Espaços estes que ofereçam a todos e todas as oportunidades equitativas de participarem da vida coletiva e da organização da própria instituição educativa da qual fazem parte. Uma maneira de sentirem-se importantes e complementos de um todo (Honneth, 2013, p.54), embasada na oportunidade de cada um apresentar e ampliar suas capacidades individuais que podem contribuir para o aprofundamento das relações interpessoais e formação do ambiente educacional.

As instituições educacionais precisam estar preparadas para desenvolver espaços, alternativas e estratégias pedagógicas para envolver as crianças e jovens numa discussão, pensamento e reflexão frente aos problemas e desafios gerados por estas tecnologias da informação. Principalmente, no que diz respeito àquilo que está sendo absorvido pelo intelecto do estudante. Por isso, que a utilização de alguns aplicativos<sup>20</sup> são positivos no sentido de melhorar a concentração, estudo e raciocínio lógico. Assim como, os jogos e questionários on-line sobre reflexões filosóficas.

---

<sup>20</sup> Jogos como *Fit Brains Trainer*, *NeuroNation* e *CogniFit*. Criados, testados e aprovados por cientistas, neurologistas, psicólogos e psicanalistas para auxiliar no aprimoramento do raciocínio lógico, memória e concentração. Disponíveis em: <https://wordwall.net/pt-br/community/jogo-de-filosofia> acesso em 14/05/2024.

### 3.2 Crise comportamental: desabilitando a capacidade de cooperação interpessoal

A rápida disseminação de informações, indiretamente propositais, nos diversos veículos de tecnologias digitais tem colocado os jovens diante de um fenômeno social e cultural de individualização, numa patologia social generalizada. O atual modelo de sociedade está desabilitando as pessoas na condução da vida cotidiana. E o ato de cooperar é uma dessas capacidades que estão sendo desabilitadas. Axel Honneth (2013) assevera com precisão ao dizer que “a verdadeira autonomia só é conquistada depois de aprender a cooperar”. A cooperação é a chave para enfrentar os conflitos e desafios típicos destas sociedades. Todavia, é uma atitude que se torna cada vez mais escassa entre alunos nas salas de aula e entre os próprios educadores.

Esta escassa atitude nos educandos e educadores é fruto de contextos sociais que foram domesticados com a tendência de apenas minimizar os conflitos, diferenças e desigualdades. Como afirma Sennett (2013, p.19):

A sociedade moderna está gerando um novo tipo de caráter. É o tipo de pessoa empenhada em reduzir ansiedades provocadas pelas diferenças, sejam de natureza política, racial, religiosa, étnica ou erótica. O objetivo da pessoa é evitar qualquer sobressalto, sentir-se o menos estimulada possível por diferenças profundas [...] ‘Tudo é basicamente igual’ expressa essa visão de mundo que busca a neutralidade. O desejo de neutralizar toda diferença, de domesticá-la, decorre de uma angústia em relação à diferença, conectando-se com a economia da cultura global de consumo.

O estudante está perdendo a capacidade de lidar com a diferença e com tudo que ela origina. A esperança das novas tecnologias da informação está em crise, já que nas redes sociais se é aquilo que convém. O jovem percebe que na vida real não tem as opções bloquear, apagar, colar e editar. Mesmo que frente a frente se pode mentir, omitir ou ser indiferente. O problema é o “estar diante do outro”, relação que implica numa série de movimentos, manifestações e sentimentos que são, na maioria das vezes, espontâneos e não mecânicos ou editados.

As redes sociais não estimulam a cooperação como se esperava, mas em sentido contrário, incitam ao individualismo, reduzindo as capacidades cognitivas e comprometendo a maneira de lidar com o diferente. O estudante vive isolado em seu mundo virtual de tal maneira que aquilo se transforma numa verdade de vida, ao ponto de tudo o que não está de acordo com ele é ignorado ou incorporado (Horkheimer, 2002, p.48).

Negar o acesso à tecnologia aos educadores e educandos seria aderir a uma absurda estratégia de exclusão tecnológica e social. Necessita-se pensar como as novas tecnologias podem contribuir para formação integral do indivíduo. Porque a tecnologia já está aí e seu acesso se dissemina muito rápido. Computadores nas salas de aula vêm se tornando tão comuns quanto cadernos e livros. Existem vários programas estatais empenhados em disponibilizar na educação pública os chamados laboratórios de informática. Outros programas já estão distribuindo tablets aos professores e alunos.<sup>21</sup>

Em muitos casos, a disponibilização destas máquinas tem mais um efeito publicitário que educativo. Fornecer gratuitamente ou a preço reduzido tablets ou notebooks traz a mensagem que a instituição tem nível de excelência (Carr, 2011, p.13). Servem, portanto, de isca para atrair clientes e consumidores e pouco têm a ver com o interesse educativo.

Dentre os principais problemas abordados, já identificados por educadores, psicopedagogos e psicólogos (Berrini, 2023), podem ser elencados seis de maior preocupação e intensidade: habilidade de escrita comprometida; dificuldade na socialização com o outro; risco à segurança das informações, atenção dispersa; competitividade tóxica e crise de identidade. Situações presentes no cotidiano escolar e que exigem novos métodos de ensino aprendizagem para se superar.

### **3.2.1 Habilidade de escrita comprometida**

Cada vez menos as pessoas estão utilizando caneta e papel para escrever, principalmente nas escolas, sendo substituídos por *tablets*, *notebooks* e celulares para fazer as anotações das aulas e trabalhos escolares. Na França, desde o início do ano escolar de 2018, foi proibido o uso de *smartphones* pessoais nas escolas, para o alívio dos professores. Além disso, em muitos países, após vários alertas da Organização Mundial da Saúde (OMS), muitas famílias também tiveram a iniciativa de limitar o uso de novas tecnologias por crianças e adolescentes em casa (UFCG, 2024).

É alarmante o nível de dificuldade e resistência no aprendizado da escrita. Jovens nos anos finais da educação básica escrevem de forma incompreensível. Na sala de aula torna-se uma dor de cabeça utilizar os livros didáticos, expressarem-se com arte e, principalmente, a escrita à mão em trabalhos ou atividade. Algumas famílias são resistentes. Ao enviar uma

---

<sup>21</sup> Cf. Registro Anual de Indicadores e Plano Estadual da Educação de Pernambuco de 2021, pp. 170-205. Dezenas de Escolas de Referência com laboratórios. Apenas 40% tem profissionais qualificados e os mantém sob utilização plena. A maioria funciona parcialmente ou apenas tem o laboratório com os equipamentos sem funcionamento.

pesquisa para fazerem em casa, os próprios pais começam a enviar mensagens perguntando: “eles podem digitar, porque assim terminam mais rápido” ou “deixa ser da internet, pois meu filho tá tremendo muito para escrever e não tem costume com isso” ou ainda “professor, minha filha só sabe digitar, é perdido colocar ela para escrever”.

Nem se deve demonizar as novas tecnologias, nem tampouco idealizá-la como solução, é realmente importante utilizar as duas alternativas no aprendizado. É preciso saber equilibrar, como avalia a grafoterapeuta francesa Agnès Daubricour (2022), autora do livro “*Jeux d’Éveil à l’Écriture*” (*Jogos Para Despertar para a Escrita*), a especialista elabora e aplica técnicas personalizadas para ensinar crianças e jovens a aprender e a melhorar a escrita. Segundo ela, além das novas tecnologias, outros fatores podem contribuir para dificultar o processo de aprendizagem da escrita, como a falta de estímulos, exercícios físicos e a ociosidade causada pelo isolamento pessoal.

A especialista conclui que as crianças não usam suficientemente as mãos quando brincam, não manipulam suficientemente: são os efeitos da modernidade tecnológica e ausência de incentivos. Afirma, “antes deixávamos os bebês brincando no chão, eles engatinhavam, escalavam [...] Mas hoje temos medo de micróbios, de sujeira, então os bebês ficam estáticos nos carrinhos” (Daubricour, 2022, p.18). Ela reflete que os reflexos não são ativados, os músculos não se tonificam e isso vai influenciando no aprendizado da escrita no futuro e, quando somados com o consumo tecnológico, conduzem o sujeito a uma somatória de dificuldades cognitivas e comportamentais.

### **3.2.2 Problemas com a socialização**

O uso excessivo das novas tecnologias enfraquece as habilidades do aluno em construir relações interpessoais, de socializar-se com os colegas, desenvolvendo problemas psicológicos, como depressão e ansiedade. Quem nunca pegou o celular apenas para checar mensagens e passou dezenas de minutos ou até mesmo algumas horas vidrado na tela? Um comportamento cada vez mais comum pode se tornar um vício que já atinge milhões de pessoas, de acordo com dados do *Center for Internet and Technology Addiction* (2022).

O uso contínuo ativa o Sistema de Recompensa, estrutura do cérebro que recebe toda atividade prazerosa. “Esse estímulo constante é o que gera dependência, em um processo similar à atuação de drogas ilícitas”, diz o psicólogo, escritor e professor universitário, Ivo Carraro (2019, p.44). O uso desregrado pode gerar transtornos psíquicos, como ansiedade e,

posteriormente, depressão. O transtorno já tem um nome: nomofobia, medo de ficar sem o celular. Longe do aparelho, o indivíduo fica ansioso, com a sensação de estar perdendo informações importantes, ou ainda excessivamente entediado.

Contudo, o maior prejuízo é a dificuldade de sociabilização e isolamento. O ser humano sendo ser de linguagem verbal e sociabilidade acentuadas, “quando se comunicam somente por mensagens, que são ‘mudas’, a palavra falada é eliminada e a inépcia social aumenta, agravando quadros depressivos” (Carraro, 2019, p.47). A exposição excessiva pode causar insônia, estresse e crises emocionais. Em sentido semelhante, a neurociência, assegura que isso acontece porque a luz azul do aparelho condiciona o cérebro a ficar alerta. Assim, a produção de melatonina, o hormônio do sono, é inibida.

A utilização do aparelho enquanto são feitas outras tarefas, conduz a distração das atividades que estão sendo elaboradas. A maioria dos jovens atendidos por Carraro afirmaram ter baixíssimo desempenho acadêmico, em tarefas e estudos pessoais; além de relacionamentos conturbados entre amigos, familiares e colegas de classe (Carraro, 2019, p.56). Para casos de dependência severa, acompanhada de ansiedade e depressão, o psicólogo alerta que o acompanhamento profissional é indispensável e urgente, tendo em vista o aumento do índice de suicídio por este tipo de situação.

### **3.2.3 Risco à segurança das informações**

Um dos mais preocupantes pontos negativos da tecnologia na educação, quando utilizada incorretamente, se refere à segurança e à privacidade das informações, a invasão de privacidade. Na medida em que os usuários divulgam informações pessoais sua e das pessoas próximas, compromete a privacidade dele e de seus amigos e familiares. Essas informações podem vir ser usadas contra eles em algum momento podendo prejudicá-los (Cf. Brasil Digital, 2024).

### **3.2.4 Atenção dispersa**

O uso indiscriminado de tecnologias em sala de aula faz com que os alunos dispersem a atenção do conteúdo que o professor está tentando ensinar. Eis a era das mentes dispersas, dos cérebros que têm dificuldades em se concentrar, das micro conversas e da micro atenção,



de pessoas que em alguns momentos têm a sensação de operar como uma barata tonta no ecossistema digital (quando não, também, na vida real).

A saúde do estudante é atingida, trazendo seu corpo para o caminho do sedentarismo, uma vez que o único movimento executado por ele é o mental e ocular. Os diálogos e trocas afetivas ficam em segundo plano, preparando assim, uma geração de pessoas sem reciprocidade interpessoal. O afeto é direcionado para segundo plano em detrimento da “praticidade”, coisa que prejudica a educação no ambiente escolar.

Análise que, quando uma criança ou jovem entra na escola, ela estabelece uma nova rotina e, aos poucos, entende seu papel. Percebe-se rapidamente que o conteúdo apresentado vem de pessoas que agora ela conhece, admira e convive (professores, auxiliares educacionais, orientadoras, secretárias, coordenadora, diretora, entre outras). Desse modo, o afeto torna-se o canal de aproximação e significado para esse conteúdo diariamente absorvido. O psicólogo Jean Piaget, em seu livro, *Problemas de Psicologia Genética*, afirma que:

Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente (Piaget, 1983, p.234)

Donde pode se concluir que não há aprendizagem e não há construção de mentes sadias sem afeto. Contraditoriamente, afeto e sede pelas informações virtuais, não podem coexistir.

### **3.2.5 Competitividade tóxica**

A implementação incorreta de certas tecnologias pode estimular uma competitividade nada saudável entre os alunos. Aplicativos de gamificação, com jogos pedagógicos, por exemplo, podem incentivar os alunos a disputarem excessivamente entre si caso as dinâmicas não sejam colocadas e prática de maneira adequada. Os estudantes se tornam cada vez mais irritados, principalmente quando têm que deixar os seus aparelhos e jogos de lado.

O psicanalista brasileiro Christian Dunker afirma que “todas as redes sociais podem ser potencialmente tóxicas e nocivas para os usuários se utilizadas de maneira desmedida” (2018, p.125). As redes sociais são amplificadores para sentimentos já existentes, o que pode ser danoso para pessoas que já apresentam quadros similares à solidão, depressão ou

ansiedade. Isso se dá porque esses aplicativos, principalmente aqueles voltados para imagem, como é o caso do Instagram, apresentam um ambiente de “positividade tóxica”. Dunker (2018, p.128) considera que “nesse ambiente se compartilha apenas os melhores aspectos da vida, as melhores selfies, viagens, passeios e conquistas”. O usuário deixa de lado qualquer ponto negativo e até mesmo exigindo um comportamento positivo, mesmo que em situações difíceis.

Dunker (2018, p.117) recorda o caso das blogueiras e youtubers que “agradeceram ao coronavírus pelo momento de reflexão proporcionado pela pandemia”. Isso fez com que as pessoas passassem a comparar suas vidas de maneira não saudável, exigindo de si mesmas algo que nem sempre é possível, e fazendo com que o mundo virtual ocupasse um espaço indevido na sua percepção de realidade caótica que se apresentava no momento. Uma atitude midiática que forçou o espectador a criar um outro estado comportamental, mesmo que estivesse sendo vitimado ao extremo pela ação do vírus.

### **3.2.6 Crise de identidade**

No contexto das redes sociais, o usuário pode ser quem ele quiser. Ele pode mostrar para seus seguidores e amigos sociais algo que ele não é, assumindo uma identidade completamente diferente da realidade. E, quando essas duas identidades se chocam, o aluno pode entrar em uma crise preocupante. Por isso, ao tentar inserir as redes sociais como ferramenta para a educação, é preciso ter muito cuidado com perfis falsos e com a exposição excessiva dos alunos.

uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. (Kellner, 2001, p.9)

Esta cultura permite ao estudante construir o tipo de identidade aprazível ao sistema, isto é, forjar um perfil afirmando uma identidade própria para as outras pessoas e, ao mesmo tempo, ler as outras pessoas, decodificar as mensagens que elas enviam em termos de identidade. Nota-se assim, que “a construção das identidades contemporâneas passa pelas

mídias, se articulam com as pessoas e se transformam em novos modelos de compreensão” (Martino, 2010, p.17).

Neste processo de construção identitária, especialmente na sociedade tecida pelas mídias, pode ser verificada a capacidade que as mídias têm de alterar o comportamento que os indivíduos têm do passado, do mundo e de seus locais de vida imediatos. Infelizmente, é um processo cultural de um contínuo “se tornar” (Hall, 2008, p.43). Um “tornar-se” distante da ontologia que obriga o indivíduo a, continuamente, “rever-se” com base no que acontece dentro e fora do espaço tecnológico, modificando sua vida social, criando novas formas de ação e interação comportamentais.

A partir destes seis pontos, pode se questionar como o jovem estudante, sendo promotor e esperança das novas gerações, irá aprender a conviver com o “outro” e oferecer à comunidade suas melhores habilidades? Se ele está sendo dragado por um sistema ilusório que somente o afasta do seu semelhante? (Cf. Honneth, 2008, p.65) Ou, como falar de cooperação ao estudante num contexto que o molda cada vez mais a ser capitalista, materialista, instrumentalista, individualista e utilitarista? Questionamentos que podem até parecer estranhos, contudo, configuram-se como a realidade presente. Realidade pela qual há que se lutar por transformações libertadoras através de ações coletivas. O necessário “resgate do reconhecimento como antídoto para esta reificação” (Honneth, 2008, p.68).

Viver imersos em um mundo de múltiplas mídias e linguagens podem afetar as relações cotidianas e modos de ser, sem que os usuários se deem conta do quanto elas impactam suas percepções, sociabilidades, formas de trabalhar, interagir, comprar e, até mesmo, fazer política e exercer a cidadania. O aceleração e evolução nas informações alteram “significativa e profundamente” as interações e percepções de tempo e espaço.

A sala de aula não está apartada dessas alterações. As mídias, com suas linguagens e tecnologias, têm imposto constantes desafios à área educacional. É fato que as práticas pedagógico-comportamentais sempre precisaram se adequar às transformações históricas e culturais, mas, hoje, esta produção de informação se acelerou em velocidade vertiginosa, requerendo dos docentes atualizações contínuas e quase inalcançáveis. De acordo com o educador Júlio Furtado (2024), em seu trabalho *Metodologias Ativas*, na década de 1950, seriam necessários 200 anos para a humanidade dobrar a quantidade de conhecimento produzido até aquela data. Em 2023, esse intento já era possível em menos de um ano e meio.

Nesse contexto, faz-se necessário o processo pedagógico de mídia-educação. Este se consolida como uma abordagem importante para, entre outros aspectos, alinhar o dia a dia da sala de aula com a cultura midiática contemporânea. A “mídia-educação é um campo de conhecimento voltado à compreensão de como crianças, jovens e adultos consomem, interpretam e produzem linguagens em diferentes meios de comunicação” (Belloni, 2009, pp.23-24). Tal aspecto possibilita a “realização de escolhas mais críticas e conscientes sobre o que desejam ler, ouvir, assistir ou produzir” (Honneth, 2019, p.324). “O que inclui a compreensão crítica do contexto em que as linguagens midiáticas estão inseridas”.

O atual modelo de educação e suas instituições tendem a se orientar pelo consumo e utilitarismo. Entende-se que, para “o consumo o reconhecimento está associado à capacidade do poder de compra e, o utilitarismo, o reconhecimento efetiva-se pelo sujeito faz profissionalmente” (Honneth, 2019, p.326). Entretanto, consumismo e utilitarismo não são os únicos aspectos da cultura contemporânea responsáveis pela atual situação da educação. O filósofo Neil Postman (2002) afirma que outro deus assumiu lugar importante nessa crise: “a tecnologia”. Sendo quase impossível separar no mundo atual consumo, utilitarismo e tecnologia, sendo esta, promotora dos dois anteriores. Três realidades que se entrecruzam na complexidade social, semelhante a uma pandemia global.

Os atuais avanços da ciência tecnológica com inteligência artificial substituem, gradativamente, os valores culturais e diversidade social. O endeusamento da tecnologia é sem precedentes, tornando difícil apresentar os seus aspectos negativos sem ser rechaçado de contrário aos novos modos de se viver. Já previsto por Heidegger (2007, p.381), Horkheimer (2002), Adorno (2006), Arendt (2010) e outros pensadores contemporâneos, além de Axel Honneth (2013), ao denunciarem o perigo que o endeusamento da tecnologia poderia representar para a totalidade do homem.

Evidentemente, que o impacto das novas tecnologias sobre a educação é algo novo e que, de forma prudente, carece de exímia clareza para evitar uma crítica unilateral dos riscos sem reconhecer os incontestáveis benefícios da tecnologia à humanidade. Todavia, é oportuno recordar o alerta feito por Adorno:

Compreendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de

destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (Adorno, 2006, pp.155-156)

Destaca-se, nessa passagem, que a barbárie está ligada “ao descompasso entre avanços tecnológicos e avanços humanos” (Honneth, 2013, p.34). Este processo, registrado pelos expoentes da Escola de Frankfurt desde o período da *Segunda Guerra mundial*, tornou-se, atualmente, endêmico e estrutural. Deposita-se mais confiança na tecnologia do que no relacionamento interpessoal, a exclusão daquilo que seja efetivada de maneira silenciosa e quase imperceptível, em poucos cliques e palavras.

A tecnologia oferece ao usuário algo que se busca desde os primórdios da humanidade: “poder”, e na palma da mão. Eis o reflexo do utilitarismo sobre a tecnologia na exigência de possuir poder e praticidade, pois quanto mais avançado e impactante for um equipamento, mais sensação de poder ele agrega ao seu consumidor. A “tecnologia oferece uma série de recompensas: conforto, eficiência e prosperidade aqui e agora; e oferece seus benefícios a todos, aos ricos e também aos pobres, como o faz o Deus cristão” (Postman, 2002, p.17).

A tecnologia que deveria servir ao homem acaba por instrumentalizá-lo. Está entre as três mercadorias mais vendidas de todos os tempos, sejam celulares, tablets, games e aplicativos de jogos. Equipamentos com alta taxa de atualização e substituição, cada vez mais abreviando o tempo entre produção e descarte. Mesmo sem utilidade prática, “as inovações precisam ser adquiridas porque atualização simboliza poder. Este, por sua vez, gerando um tipo de reconhecimento social” (Honneth, 2019, pp.327-328).

Os produtos tecnológicos podem e devem sim ser utilizados na educação, todavia, o melhor caminho para lidar com as novas tecnologias é entender que as condições históricas não são as mesmas. De acordo com o filósofo francês Michel Serres (2013, p.37), “estamos diante de uma geração que pensa, comunica e age de forma muito distinta de seus pais”. Através de novas formas de expressão e comunicação, talvez mesmo “diante um novo modo cognitivo que exige um novo professor, uma nova relação pedagógica, enfim, novas instituições educativas, preparadas para acolher e atender esse novo ser humano que se apresenta” (Honneth, 2018, pp.47-48).

Somando-se a esta reflexão honnethiana, Serres afirma que “essas crianças e jovens habitam no virtual”, e prossegue:

As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à *Wikipédia* ou às redes sociais não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças e jovens podem até manipular várias informações ao mesmo tempo. [...] mas não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não tem mais a mesma mentalidade (Serres, 2013, p.19).

Diante dessa nova geração, encontram-se os que acreditam que a tecnologia pode salvar a educação. Crescentemente, a tecnologia é apreciada com grandeza e, talvez, única possibilidade de fazer da sala de aula um ambiente próprio para enfrentar os desafios das sociedades contemporâneas. Existem e devem ser utilizados os muitos benefícios e possibilidades da tecnologia na educação, contudo, “é preciso estar atento ao uso indiscriminado da tecnologia e desconfiar da promessa de que a tecnologia é a redenção para os problemas e dificuldades enfrentados pela educação atual” (Honneth, 2018, p.88). A emancipação procurada, certamente, tem como um de seus requisitos tanto a familiarização com as possibilidades quanto “a resistência ao encantamento exagerado com relação à tecnologia” (Han, 2017, p.32).

Esta resistência pode ser aplicada nos diálogos e debates em chats de redes sociais, já que estão cada vez mais intolerantes e ofensivos. “Os grupos destroem uns aos outros, sem perceber que falam a mesma língua: a da intolerância” (Castiñeiras, 2020 p.2). Os indivíduos que compartilham de opiniões semelhantes se agrupam em uma espécie de “bolha” e a aprovação do grupo acerca da veracidade do conteúdo das informações contribui para a sensação de verdade absoluta (Lucena, 2019, p.25).

Essa bolha, infelizmente, sai desse mundo virtual e toma forma de uma patologia social no preconceito, desrespeito e violência em sala de aula. Um momento drástico, no qual o pensamento reflexivo se ausenta, fecha-se portas para as dúvidas e indagações acerca do que se acredita e, conseqüentemente, frente a confusão do que é ou não é verdadeiro. Restando, apenas o império da razão ignorante. Conforme Han (2018, pp.23-24), “a hiper comunicação e hiper informação não produzem verdade, antes torna o mundo intransparente”.

A imersão do sujeito no mundo digital demanda uma aceleração deste indivíduo na resposta àquilo que é vigente, pois, se rapidamente as coisas tornam-se superáveis naquele mundo, ele posiciona-se na obrigação de também o ser assim. A informação que hoje encontra-se em “alta”, pode a qualquer momento ser substituída, juntamente com as atitudes daquele que dela se alimenta. Han (2015, p.37), pontua que “a falta de espírito, a falta de

cultura repousaria na incapacidade de oferecer resistência a um estímulo”. E, ainda, “reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento do eu” (Han, 2015, p.28).

O estudante e a sociedade são conduzidos a pensar dentro do esquema técnico e direcionados a responder àquilo que está em evidência. Suas opiniões sobre o que “vige” são fortemente influenciadas pelo modo de funcionar das redes. Na atualidade torna-se mais claro o que Heidegger (2007, p.59) propôs como *Gestéll*. “O falar é interpelado a corresponder à disponibilidade do vigente segundo toda e qualquer direção. [...] o falar assim composto transforma-se em informação; a informação põe a linguagem humana”. Heidegger pensa a “composição” a partir do “dominar”. O que também é apontado pelo filósofo Han:

As redes sociais digitais nos convidam a pensar dentro do esquema técnico, não apenas no sentido de exploração da natureza, mas na exploração de si mesmo. É o “panóptico” das redes, todos assumem papel de vigias de si e do outro, não se demora no diferente (Han, 2018, p.7)

O jovem estudante arrasta-se atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente seu afeto, comportamento, percepção, sensação, pensamento; sua vida num todo. Embriaga-se dos componentes e interatividades da mídia digital, “sem que possa avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira simultânea constitui a crise atual, como consequência do atual mercado de consumo midiático.

Das consequências mais graves ao comportamento, a que reflete o aumento da intolerância nas redes é o cancelamento digital do outro. Na obra *Enxame: Perspectivas do digital*, Byung-Chul Han (2018), tece compreensões acerca desse fenômeno. O enxame é uma expressão utilizada para falar do aglomerado que se forma nas redes, dos enxames emergem o que Han vai chamar de *shitstorm* ou “tempestade de indignação”.

No campo comportamental, este termo é usado para “descrever as campanhas difamatórias de grandes proporções na internet contra pessoas ou instituições, feitas devido à indignação generalizada com alguma atitude, declaração ou outra forma de ação tomada por parte delas” (Han, 2018, p.12). Ou seja, o *shitstorm* é o cancelamento digital do outro, que nos últimos quatro anos se mostrou frequente nas redes sociais, principalmente nos ambientes educativos, como maneira pessoal de rechaçar ou apagar a imagem do outro.

Essa nova cultura das redes, fundamentada em comportamentos preconceituosos e discriminatórios, revela as consequências extremamente negativas e destrutivas do diálogo cibernético. Essa opção pelo tribunal da internet “pode trabalhar de forma positiva, numa

tentativa, de boa intenção, para tentar conscientizar, porém, a larga escala da reprodução daquele conteúdo, pode fazer esse propósito se perder em meio a discursos de ódio” (Silva, 2021, p.97). Infelizmente, essa “tempestade de indignação, na atualidade, em expansão por todos os lugares aponta para o fato de que vivemos em uma sociedade sem respeito recíproco” (Han, 2018, p.11).

Nesta crise comportamental, é um equívoco pensar que nas redes sociais estabelece-se sempre um grande diálogo recíproco. Da mesma forma, seria crer que os cancelamentos e discursos de ódio são manifestações de consciência crítica em forma de diálogos. Este processo de apreensão do conhecimento entre o eu e o outro “não pode ser apenas o repetir de proposições como verdadeiras, mas deve passar por um processo no qual esse conhecimento transforme o aprendiz, faça com que uma nova forma de ver o mundo nasça” (Pinheiro, 2008, p.81), sem tentar sobrepor-se uns aos outros.

O ato de dialogar não consiste em meras repetições de verdades, como comumente percebe-se nas redes sociais, mas exige a autêntica presença do emissor. O falante[...] não se submete a esquemas preestabelecidos: conduz melhor seu discurso, acentuando-o, retendo-o ou liberando-o” (Belloni, 2009, p.37). Deste modo, o diálogo como “falante”, se configura como a escrita da alma e envolve construções e desconstruções. O diálogo é um processo convidativo ao contato com a alteridade e nem sempre pode mostrar-se fácil, pois o estranho abriga uma contrariedade, pode apresentar-se como “tentador porque abre possibilidades que não foram incluídas na ordem vigente, e ameaçador porque desestabiliza essa mesma ordem” (Honneth, 2018, p.23).

Gadamer considera que o problema da compreensão pelo diálogo encontra-se na reflexão acerca de “como o outro chegou à sua opinião, pois é evidente que um questionamento como este anuncia uma forma de alteridade bem diferente, e significa, em último caso, a renúncia a um sentido comum” (Gadamer, 1999, p.283). A aproximação entre os diferentes desordena e impõe dúvidas ao eu acerca de suas próprias verdades, o questionamento de si provoca desabrigo e estranhamento, envolve conflitos internos. Com isso, o diálogo vai além de simples conversa.

Em outra obra, Gadamer (1990, p.540) afirma que “um diálogo aconteceu quando deixou algo dentro de nós. [...] Quando encontramos no outro algo que não havíamos encontrado em nossa experiência de mundo”. É necessário que se resgate o diálogo nas redes, pois toda alteridade é importante na produção de novos sentidos, pontos de vista e perspectivas. A situação dialógica permite o sujeito conhecer mundos, analisar pré-conceitos,



reassignificar e construir novos conceitos. Conforme Gadamer, “contra a firmeza das opiniões, o perguntar põe em suspenso o assunto com suas possibilidades” (1990, p.541).

Um caminho possível para desviar-se da “tendência intolerante” presente nas redes sociais digitais é se permitir experimentar o diferente e colocar em funcionamento o pensamento que reflete. Afinal, todos são o outro diferente e, conforme “o filósofo francês Jacques Derrida lembrava, com propriedade, que não há nada mais violento do que dizer: “Posso ouvir suas considerações, posso levar em conta o que você tem a dizer, mas desde que você fale a minha língua” (Safatle, 2018, p.44)

Este cenário se configura como resultado da instrumentalização do consciente, causada pelo mercado de consumo, representada na perda da consciência crítica e ausência de cooperação mútua. Um atrofiamento das ações cognitivas e paralisia das relações interpessoais, esta é a estrutura que o homem da caverna contemporânea possui. Na perspectiva honnethiana, o sujeito “somente pode realizar efetivamente sua liberdade, mediante uma emancipação do seu ser”. Uma “liberdade que somente pode ser adquirida pela ação do reconhecimento, exercitada na participação do eu para com o outro” (Honneth, 2013, p.112). No âmbito formativo há que se promover uma *μετάνοια* do estudante, fazendo com que ele tome consciência da magnitude patológica que possui esse consumo exagerado de tecnologias digitais.

A educação deve ser considerada como autarquia da formação emancipadora do estudante, na qual ele se torna o que é, numa perspectiva que favorece sua integralidade enquanto ser. Nessas condições, para os fins aqui propostos, considera-se a escola como uma espécie de “laboratório social”, pela qual seria possível ensaiar as relações de reconhecimento que ocorrem nas esferas sociais apontadas por Honneth, como parte do processo formativo, em preparação à vida adulta. Flickinger (2011, p.11) ao trabalhar a filosofia honnethiana, defende que “o reconhecimento social providenciaria a condição para o desenvolvimento da autoestima do indivíduo no convívio com seu ambiente social” e que a “valorização desse reconhecimento é considerada a base da autonomia pessoal”.

O ambiente educacional deve criar espaços e práticas de aprendizagens capazes de estimular a participação ativa dos educandos em sua própria formação. Mostrando, em primeiro lugar, que precisam aprender a dividir estas tecnologias, entre o que é necessário e útil em contraposição ao que é nocivo e instrumentalista. Obviamente, que não se trata proibir o uso ou lançar fora os aparelhos. Mas de limitar e ofertar aos estudantes oportunidades de

aprenderem a usar essas novas tecnologias de “maneira recíproca e não individualista, aprendendo a utilizá-las e não ser utilizados por elas” (Honneth, 2015, p.93).

A fuga desse apego desmedido ao mundo virtual deve acontecer pela experiência de reconhecimento no ambiente escolar, que deve espelhar as três fases de reconhecimento honnethianas. Primeiro, através do reconhecimento afetivo, potencializado nos primeiros anos do ensino fundamental. Depois, o campo jurídico, no que tange à educação para o exercício dos direitos e deveres de cidadão e a formação de consciência emancipadora sobre suas possíveis violações. Finalmente, o solidário, manifestado na própria interação social e na formação de vínculos pelo reconhecimento oriundo do grupo que o educando integra mesmo fora de sala de aula, tomando o ambiente escolar como pressuposto.

O consumo excessivo das mídias sociais causa a perda na afirmação da autoconfiança do educando, em sua reflexão crítica, no relacionamento com seus pares e no processo de luta pelo reconhecimento como sujeito digno de afeto e atenção que provém das relações familiares. Estas relações são, de acordo com Honneth, “sempre conflituosas, porque implicam a progressiva separação e individuação do sujeito em relação ao mundo que o cerca”. A luta por reconhecimento no nível afetivo é transplantada da família para a escola, é justamente este elo que está sendo quebrado pela virtualização.

Os conflitos advindos do não reconhecimento e cooperação, nesse nível primário de relações sociais apontado por Honneth, afetam também a construção da autoconfiança do indivíduo como sujeito capaz de interagir nesse meio. O enclausuramento contemplativo do eu causado pela nostalgia do acessar, clicar e consumir enxurradas de informações dos outros conduz o indivíduo a se medir pela métrica midiática. Esta métrica funciona como um padrão de comando indireto no qual o espectador se percebe na necessidade de ser aquilo ou aquele, para enquadrar-se nos perfis da atualidade. Afetando, portanto, não só o desenvolvimento da autoconfiança, autorrespeito, autonomia, autocrítica, mas também “a base daquele amor de si necessário para a participação na vida pública”.

Entender-se-á, da mesma forma, que a escola, sendo o primeiro ambiente de socialização, depois do familiar, tem por papel favorecer o surgimento prático do segundo nível de luta por reconhecimento apontado por Honneth, relativo à formação da moral social que deriva do respeito cognitivo. Todavia, se o estudante está utilizando maior parte do seu tempo em casa e na escola para imergir na virtualização, esta impedirá “a formação de outro aspecto fundamental para sua interpessoalidade, o autorrespeito”.

A ausência de reconhecimento e cooperação atinge da mesma forma o terceiro nível do reconhecimento honnethiano, que opera e consolida-se na “formação de valores comuns, o alicerce à estima social”. Como bem expressado por Saavedra e Sobottka (2008, p.17), é nesse nível que se encontram os valores e os objetivos que funcionam como “um sistema de referência para a avaliação moral das propriedades pessoais dos seres humanos e cuja totalidade constitui a autocompreensão cultural de uma sociedade”.

Essa esfera de reconhecimento está fortemente vinculada à vida em comunidade intersubjetivamente. O consumo das tecnologias digitais gera o bloqueio da autocompreensão da realidade que se apresenta no contexto social, o indivíduo passa a comparar seu contexto real com o virtual, decepcionando-se da grande divergência que há entre ambos.

A escola faz-se mais que necessária como espaço privilegiado e adequado para a experiência do debate e formação de consciência crítica, principalmente na importância do ensino da filosofia, particularmente no ensino médio. Na ótica de Flickinger (2011, p.11), significa atribuir ao contexto educacional e seus agentes o desafio de apoiar, formar e conduzir os educandos em seus respectivos processos de desenvolvimento para uma “postura de reconhecimento social, através da qual ele mesmo possa conquistar sua autoestima e autonomia individual”. Uma postura de reconhecimento e cooperação que o coloque como ator consciente e não mero espectador do que a virtualização lhe promove e convoca a ser.

A filosofia na educação tem o papel singular de desempenhar a criação e o fortalecimento da autonomia individual e a plena inserção do indivíduo em seu processo histórico-evolutivo. Inevitavelmente, sendo necessário que o processo educacional integre e considere a luta por reconhecimento como uma experiência central para oferecer os meios de superação dos conflitos individuais causados pelo consumo e ausência de reconhecimento para si e o outro que se apresenta em sua totalidade individual. Ou seja, uma experiência consciente e emancipadora, orientada à autorrealização e integrada ao propósito de contribuir para o projeto humano, de modo justo e solidário como evoca Honneth.

Esse mergulho libertador nas profundezas do pensamento filosófico há que ser entendido como a experiência de tornar-se quem se é, afigurando-se na centralidade do processo de formação da subjetividade e identidade do sujeito. O conhecer-se a si mesmo, o questionar-se acerca da veracidade daquilo que está sendo propagado como verdade de vida, uma educação voltada para a promoção do reconhecimento recíproco, mediante a criação de um ambiente que fomente a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima, como condições para a formação cidadã.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que tange à área de ciências humanas dispõe que, no ensino médio, “se enfatizem as aprendizagens relativas ao desafio de dialogar com o Outro”. Reconhece ainda, que “é simples enunciar a diferença. Complexo é explicar a ‘lógica’ que produz a diversidade” (BNCC, 2018, p.562). De acordo com este documento basilar, o aprendizado, em ciências humanas:

está relacionado com o reconhecimento de diferenças, [...] o estudo dessas categorias deve possibilitar aos estudantes mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu lugar no mundo, possibilitando a sua transformação e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças” (BNCC, 2018, p.565).

Neste sentido, o ensino de filosofia apresenta-se com primazia curricular privilegiado para amparar e dar sustentação a uma educação que objetive, em sua essência, o reconhecimento e a cooperação nas relações recíprocas. Recorde-se o que Hegel supunha acerca do reconhecimento recíproco como o exercício da liberdade, afirmando que “sem reconhecimento não há liberdade e sem liberdade não se estabelece qualquer relação de reconhecimento” (Flickinger, 2012, p.222).

O reconhecimento do outro e de si mesmo é, portanto, essencial ao processo de construção de uma consciência individual de liberdade, com reflexos na vida social. Por isso que, a autoconsciência na relação com o outro, na plenitude das relações sociais depende de uma educação que enfrente, responsável e decididamente, o déficit nos três níveis de reconhecimento, ampliados pelo consumo desmedido das novas tecnologias.

Essa realidade deve ser aproveitada, no contexto pedagógico, como uma oportunidade para orientar o ensino de filosofia no estudo e vivência do conceito de reconhecimento. A própria orientação da BNCC, propõe que os estudantes sejam orientados a dialogar e praticar os conceitos de respeito, convivência e bem comum em situações concretas, e estímulo ao acolhimento das diferenças, tendo em vista a promoção do convívio social e o respeito universal às pessoas, ao bem público e à coletividade.

Assim sendo, mediante a crise que se apresenta no âmbito intelectual e comportamental, Honneth (2015) abre espaço à diversidade cultural numa mídia que promove um falso igualitarismo para a fama. Promove um encontro com a realidade das diferentes opções, projetos de vida e à multiplicidade de convicções ideológicas em meio ao fascínio ideológico das mídias sociais em promover uma cultura mercadológica de consumo global. Honneth (2015) propõe ao sujeito reflexivo ir além da busca por autonomia e não se contentar com a ficção tecnológica duma igualdade para todos perante o virtual. Sua consciência deve

se abrir à realidade, incorporando e reconhecendo as diferenças no processo de construção de relações sociais que se apresentam.

Recordar-se-á, enfim, que a teoria da luta por reconhecimento não serve de mero “contraponto ao individualismo contemporâneo” nem de apanágio moral de uma “liberdade cooperativa”, como escreve Martins (2014, p.43). Compreender a teoria honnethiana nessa realidade de crise intelectual e comportamental que se apresenta é um passo importante para a tomada de consciência crítica a respeito dos processos de lutas e conflitos sociais que definem e delimitam na autonomia do indivíduo. Por isso que essa teoria não visa apenas superar, do ponto de vista moral, o individualismo adquirido como valor pelas sociedades contemporâneas através das mídias sociais, em favor um modelo cooperativo e solidário que se apresente como superior. Outrossim:

Se é “na intersubjetividade que se realiza a autonomia e o reconhecimento”, é também “no próprio grupo social onde residem os conflitos que uma teoria de base iluminista como a de Honneth não prescinde para justificar, em bases hegelianas, a própria autonomia e afirmação do eu (Martins, 2014, pp.44-45).

Em detrimento ao exposto, evidencia-se que a teoria honnethiana sobre a luta por reconhecimento oferece uma base sólida e útil para um modelo de ensino-aprendizagem social orientada à construção do indivíduo enquanto ser social. Trabalhar a reflexão filosófica, conforme proposto por Honneth acerca do reconhecimento e cooperação mútua, pode fortalecer o processo educacional da formação interpessoal. Efetivando o processo da autonomia do indivíduo e da autoestima social, o que contribuirá com a autorrealização pessoal numa comunidade de valores construída coletivamente por sujeitos “conscientes de si”.

A proposta do próximo capítulo é criação de espaços interativos de reflexões filosóficas nos quais os estudantes possam praticar intersubjetivamente o autorrespeito, a consciência crítica e a emancipação do seu eu (Honneth, 2013, p.54). Através do filosofar pela música, poesia, cordéis, paródias, questionários interativos sobre reconhecimento e a partilha coletiva de suas reflexões pessoais, considerando o grau de apego aos meios tecnológicos e como utilizá-los em prol de sua própria emancipação.

Espaços estes que ofereçam oportunidades equitativas de participarem da vida coletiva e da organização da própria instituição educativa da qual fazem parte. Uma maneira de sentirem-se importantes e complementos de um todo (Honneth, 2013, p.54), embasada na

oportunidade de cada um apresentar e ampliar suas capacidades, contribuindo para o aprofundamento das relações interpessoais e formação do ambiente educacional.

Compreendendo assim, que o antídoto para esta fatídica realidade é um modelo de ensino que desperte no estudante e professores a capacidade para a cooperação mútua e iniciativa pessoal, sendo formadores de condições para uma autodeterminação da vontade. Uma educação que não possua sua base curricular fundamentada numa adaptação de tecnologias da informação que visem apenas disseminar valores corporativistas, de interesses meramente econômicos; mas tecnologias que sejam um apoio vital, livre de conteúdos com caráter instrumental, imediatista e individualista.

Neste próximo capítulo, será vislumbrado que o encontro “Café Filosófico Ágora Sertaneja” tem por princípios trabalhar no participante a arte de reconhecer a dignidade, a importância do outro, do diferente. Através de ensaios, dinâmicas, debates, diálogos filosóficos, expressões pessoais e artísticas que alcance seu universo pessoal, reconstruindo os elos que estão sendo rompidos pelo constante retraimento de si mesmo, pela patologia do individualismo. De maneira igual, fazer com que o participante tome consciência da dimensão problemática causada pelo consumo excessivo dessas mídias digitais.

#### 4 PATOLOGIAS DO CONSUMISMO E CRISE NA EDUCAÇÃO

Historicamente, desde à Revolução industrial, a lógica cultural do consumismo, como comportamento coletivo, está vinculada ao processo de atualização industrial em escala global. A sociedade é, na ótica honnethiana, incentivada a se relacionar com os objetos de uma forma distinta daquela vivida até então: deveriam comportar-se como se pudessem acompanhar a produção crescente de mercadorias, substituindo antigos objetos por novos. Um processo de reificação, no qual, o sujeito constrói uma relação de dependência com a evolução do produto de consumo, gerando uma cultura de descarte que perpassa sua condição de consumidor, atingindo seu comportamento enquanto “ser social”.

A obsolescência da mercadoria, programada pelo capitalismo para que os compradores não percebessem mais seus bens como duráveis, ultrapassou também a esfera do mercado e tem causado um esvaziamento do reconhecimento recíproco. Para Arendt (2005), o mais danoso para essa cultura é a substituição do princípio da utilidade pelo princípio da felicidade. Em outras palavras, até então os objetos culturais eram importantes porque eram úteis. Em sentido semelhante, na atualidade só se reconhece o outro, quando este possui algo a ser barganhado em troca. a lógica consumista tem se invertido: os objetos são importantes promotores de uma falsa felicidade que produzem, pela excitabilidade com que afetam a sociedade.

A era do descartável dá a luz a uma sociedade cada vez mais individualista e que aposta sua felicidade no consumo, ter e poder. Nesta sociedade, o estudante tem seus princípios lapidados no descarte, na ausência de reconhecimento, respeito, ética da intersubjetividade e cooperação mútua. Age coletivamente com o arcaico padrão de felicidade no consumo, já não possuindo nenhum valor cultural, identitário ou ético que não possa ser descartado, jogado fora como lixo, mediante a não utilidade própria.

Em sentido similar ao pensamento de Honneth, o filósofo polonês Bauman (2009), ao analisar a sociedade contemporânea, igualmente vê na busca pela felicidade uma das chaves para compreender a relação dos sujeitos com os objetos de mercado e, posteriormente, entre si. O mesmo destaca esse anseio a partir das disposições subjetivas que igualmente têm moldado as relações interpessoais em uma sociedade de consumo:

Numa sociedade de consumidores, todos os laços e vínculos devem seguir o padrão da relação entre o comprador e as mercadorias que ele adquire: das

mercadorias não se espera que abusem da hospitalidade, e elas devem deixar o palco da vida no momento em que comecem a perturbá-lo em vez de adorná-lo; dos compradores não se espera - nem estão eles dispostos a isso - que jurem fidelidade eterna às aquisições que trazem para casa ou que lhes concedam direito de residência permanente. As relações do tipo consumista são, desde o começo, "até segunda ordem" (Bauman, 2009, pp. 24-25).

No campo educacional o que se percebe é uma essencialidade, uma primazia do consumo, principalmente o tecnológico e midiático. O estudante sai do seio familiar chagado pela patologia de revelar ao mundo um padrão social condizente com aquele que a mídia propaga em seus canais. De acordo com Costa (2005), a motivação consumista, que se deu no mundo contemporâneo, foi a queda da cultura dos sentimentos, ou moral dos sentimentos, e a legitimação de uma nova cultura ou nova moral, a moral das sensações. Ou seja, meramente pautada em se manter um status individualista, uma ética vinculada ao consumo global.

A maioria dos estudantes adentram no ambiente escolar com a mentalidade de manterem-se maleáveis e abertos apenas às novidades do mercado digital. Inúmeras vezes as aulas são interrompidas com alunos comentando postagens, jogando online ou imersos em suas plataformas virtuais. Percebe-se que eles não fixam-se a projetos afetivos duradouros e estão dispostos a abdicar de valores pessoais, que possam dificultar qualquer margem de escolha. Movem-se no mundo tecnológico como se não existissem fronteiras territoriais ou existenciais, entretanto, tornam-se insociáveis em dinâmicas coletivas ou diálogos interpessoais.

Esse universo digital têm sido os critérios para a construção das suas identidades individuais, determinados por uma cultura onde o capitalismo desregulamenta a vida pessoal, do virtual à realidade do sujeito. Neste ponto, vislumbra-se o comportamento consumista e a nova moral intersubjetiva, apontado por Honneth (2013). Uma alteração da realidade intrínseca ao sujeito, desde sua geração, que torna-se alienada em vista de padrões meramente mercantilistas.

Uma alienação da capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar. Sendo esta reificada numa força externa que coloca os estudantes consumidores em movimento contrário às formas específicas de convívio humano. Enquanto, ao mesmo tempo, estabelece parâmetros específicos para as estratégias individuais de convivência interpessoal, que são eficazes; manipulando as probabilidades de escolha e conduta individuais através de padrões fictícios/fantásticos, veiculados insistentemente por propagandas em suas redes sociais.



Outrossim, relatado no capítulo anterior, configura-se no desafio do estudante passar por uma *metanoia*, no contexto social em que ele é impelido a participar da vida pública. Participação esta, ocorre de um modo, através do qual o comportamento legítimo está colocado no vértice das aspirações tecnológicas, por intermédio do consumismo. O “novo homem” alienado é convidado para participar, não do seu ciclo vital, enquanto ser, mas do ciclo de fabricação, venda e compra de mercadorias. Esta tríade, tem sido utilizada, direta e disfarçadamente pelo sistema de capital, como critério de valoração social; altamente destacado nas últimas décadas pela indústria cinematográfica e de redes sociais, logrando significativa incidência na subjetivação dos jovens contemporâneos.

No ciclo de fabricação, o sistema tecnológico digital age sutil e sorrateiramente com pesquisas de satisfação, desejos, gostos pessoais e com colonização de dados online para criar um produto de grande sucesso e consumo, oferta infalível de mercado. Ao criar o produto, o sistema oferta outra oportunidade: a oportunidade do usuário ser um promotor de sua marca e, até, um futuro empreendedor de sucesso ao disseminar e representar seu produto, sendo este o ciclo de venda.

No ciclo de compra, o sujeito é preso totalmente na teia da aranha capitalista, quando o sistema comercial vincula seus produtos à vida do sujeito, como sendo parte indispensável de sua realidade, prometendo-lhe felicidade e realizações. Um ciclo pandêmico que passou a fazer parte das sociedades globais a partir dos anos 1950, e sempre se atualiza para manter-se na sociedade.

É cabível um avanço na direção de analisar, filosoficamente, de que forma contornar essa patologia de uma sociedade de consumidores, tal qual esta tem se apresentado nas últimas décadas. Principalmente, naqueles sintomas que está a incidir sobre as vivências juvenis nas escolas de ensino médio contemporâneas, no que diz respeito ao aprendizado e relações interpessoais.

O processo acima destacado, quando pensado no contexto de vida de indivíduos que vivem a escolarização do Ensino Médio, traz a lume reflexões acerca da atual escassez de atividades escolares que se presentifique a vivência das relações interpessoais, pensamento crítico e tomada de consciência acerca da realidade das coisas. Infelizmente, o que se percebe nessa importante etapa do ensino médio, no sistema educacional brasileiro, são inúmeros

adolescentes e jovens que aprendem currículos fracos para os estados baterem metas de índices, com mero interesse financeiro.

Para muitos gestores e gerências regionais, atingirem estas metas configura-se como sinônimo de reconhecimento. Contudo, faz-se necessário avaliar criticamente até que ponto sacrificar um currículo formativo em prol do aprendizado apenas de temáticas que irão cair no ENEM, SAEB, SSA e similares, enquanto o discente perde a visão radical-crítica de uma totalidade filosófica e das outras disciplinas. Se tomar a filosofia como exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deixa os parâmetros de ensino da filosofia muito abertos, fazendo com que muitos professores que não têm formação básica em filosofia, façam espetáculos do terror com as temáticas filosóficas das unidades curriculares.

A relevância de se trazer estas realidades do sistema educacional, no ensino médio brasileiro, se faz necessária pelo fato dos estudantes, na maioria das vezes saírem desta etapa formativa sem o mínimo de noção crítica, inconscientes de sua realidade interpessoal. A Educação por efeito de sua função, demanda pela configuração de um ambiente cuja principal característica está no seu potencial de orientação e referência coletiva enquanto formas de ressignificar os modos de ser e existir, em relações de aprendizado e afeto que perpassam pela práxis do “conhecer, reconhecer e compreender, sendo um espaço que se consolida em certa medida pela via das relações de afeto” (Honneth, 2010, p. 57).

A realidade Ensino Médio, mostra-se cada vez mais uma experiência sem qualquer sentido, salvo o imperativo do diploma para o ingresso em escassas oportunidades do mercado de trabalho ou a conclusão de um período indispensável para se ingressar em um curso superior. Aqui, pois, não são somente os alunos a verem o sentido do Ensino Médio de uma forma prospectiva, mas igualmente muitos professores têm assumido discursos que legitimam a pertinência da pobreza de conteúdos curriculares através da necessidade de os alunos os utilizarem como recurso para a aprovação em concursos públicos ou vestibulares, focando apenas nisso.

Um cenário paradoxal vivenciado por discentes e docentes, lançando-se para o futuro com um ensino que: vislumbre apenas o aqui e agora das oportunidades de fruição prazerosa (Costa, 2004), fomentados pelo sistema de capital. Neste cenário, não seria demasiado apressado afirmar que a capacidade de os sujeitos jovens e adolescentes elaborarem itinerários estudantis de longo prazo tem sido permeada pelos apelos imediatistas das retóricas

mediáticas e publicitárias que convidam os cidadãos contemporâneos ao deleite consumista, ou melhor, ao desempenho de um papel social que privilegia a satisfação instantânea em detrimento do adiamento/postergação dos desejos.

Inúmeras disciplinas, em suas eletivas e itinerários, aproveitam deste momento para disseminar filmes de Hollywood entorpecidos de propagandas mercadológicas, ao padrão *American Way Of Life*. Em vez de conteúdos formativos, os estudantes são alienados a apenas contemplarem um universo econômico social pautado no consumismo como felicidade plena. Infelizmente, muitos currículos regionais e os próprios materiais didáticos propostos pelo ministério da educação já vêm recheados de opções de filmes com esse propósito. Raramente, há nos cronogramas um filme com temática de reflexão filosófico-crítica, inevitavelmente, parece ser perigoso ao sistema educar os jovens a pensarem criticamente e coletivamente, na luta por dias melhores.

Em outra perspectiva, percebem-se apenas como instrumentos para baterem metas sistêmicas, disputarem poucas vagas de bolsista em universidades ou concursos vindouros. Novamente, tal contexto se encontra estreitamente vinculado à sociedade de consumidores na qual vivemos, já que por meta batida se tem adicionais de remuneração sobre o salário; educar torna-se um comércio de metas batidas. Como bem enfatizado por Bauman (1999, p. 90): “a cultura da sociedade de consumo envolve, sobretudo, o esquecimento, não o aprendizado”. Esquecer e não aprender, fruir e não esperar, vivenciar e não adiar satisfações, prazeres e os variados comportamentos individuais.

Neste caótico cenário, torna-se dificultosa a experiência intersubjetiva: o acolhimento do diferente, a partilha de valores, o diálogo interpessoal e a emancipação de si. Na escola de Ensino Médio tais sintomas não são difíceis de serem observados, de tal forma manifesto pelos comportamentos patológicos no decorrer das disciplinas curriculares e atividades escolares propostas. Isto pode ser verificado na ausência de interesse cooperativo, zoações, brincadeiras maldosas, tentativas de cancelamento, ostentação e preconceitos de algumas classes de estudantes para com os outros. As estratificações sociais, ainda abundantes no contexto escolar, convergem para uma maior proporção destas problemáticas.

Nota-se uma tentativa de corrupção por parte dos alunos que vivem na zona urbana para com os da zona rural. Figurada naqueles acostumados a um contexto de múltiplas oportunidades de satisfação, seja através das itinerâncias noturnas pela cidade, de posse de

vestuário de marcas, aparelhos eletrônicos mais atualizados, imitadores de influencers e portadores de discursos extremistas e individualistas. Em posse dessas características comportamentais, procuram convencer que isso é a verdadeira felicidade, os que ainda tentam concentrar-se nas aulas ou ainda não estão totalmente corrompidos com tais comportamentos.

Longe disso, os acontecimentos escolares são valorizados apenas na medida em que proporcionam prazer e não pelo significado que podem outorgar às experiências interpessoais. Tais reflexões, por conseguinte, denotam a presença de comportamentos advindos da socialização em uma sociedade dos novos consumidores da era tecnológica a se presentificarem nas escolas. Em outras palavras, o professor de Ensino Médio tem recebido, como alunos, sujeitos formados para uma determinada conjuntura econômico-social e que, ao ultrapassarem os portões das escolas, trazem consigo marcas de uma intersubjetividade calcada em uma relação descartável com os objetos, com o mundo e com o outro.

Neste âmbito educacional, o processo de construção de si, como enfrentamento da crise comportamental e intelectual advindas do excesso de consumo das tecnologias digitais, pode ser pensado por intermédio de Castro *et al.* (2006), para quem as posições-de-sujeito demarcadas no social não podem prescindir da diferença. A identificação do diferente, do desigual, pois, se faz atributo da subjetivação dos sujeitos. Nas palavras de Castro *et al.* (2006, p. 439):

No processo de construção do outro, identidade e diferença estão intimamente relacionadas. A diferença deve ser entendida a partir de seu par dialético que é a identidade (Dews, 1996), porquanto a construção de algo idêntico a si mesmo, uno e unívoco, só pode acontecer pelo delineamento do que é deixado de fora, do que não é incluído. Portanto, a identidade precisa da diferença. Do mesmo modo, como expõe Dews (1996), o sujeito não pode aspirar à univocidade e à identidade, assim como o outro não seria o domínio da diferença, do que não é. A identidade e a diferença apresentam-se como um par de oposições que caracterizam os processos de subjetivação humana e de construção da alteridade. A diferença não apenas contorna de fora a unidade do que é idêntico, ou ainda, não apenas define o que a constitui dialeticamente (Adorno, 1995), mas consiste no que resiste ou excede ao fechamento da identidade.

Em sentido semelhante, os pensadores Bauman e Costa afirmam que os jovens e adolescentes são sujeitos que transferem para suas relações sociais as operações de uma subjetividade engendrada pelo dispositivo sociedade de consumo: rapidez nos engajamentos (Bauman, 2009), busca de experiências que tragam felicidade instantânea (Costa, 2004), descompromisso com projetos de longo prazo e assunção de identidades flexíveis. Estas, pois, frutos da elaboração de narrativas do mercado capitalista que consideram a fidelidade a

valores pessoais e o comprometimento com projetos coletivos atos de insensatez. Fazem, ainda, com que o processo de construção identitária pelos jovens se encontre vinculado a um inevitável paradoxo: ao utilizarem-se das narrativas mercadológicas da sociedade de consumo para subjetivar-se, ao mesmo tempo o sujeito desaparece perante o outro, fechando-se em si mesmo.

Todavia, é no reconhecimento de Axel Honneth que se pode verificar uma maior abrangência desta construção de si e da intersubjetividade. Sua filosofia destaca com rigor, cuidado e profundidade a sua indispensável contribuição para as discussões contemporâneas sobre a ética, a identidade e o papel fundamental dos laços sociais na formação do eu no mundo contemporâneo, especialmente à luz dessas novas tecnologias, nas alterações das dinâmicas sociais e dos movimentos sociais que têm surgido nas últimas décadas, principalmente no contexto educacional. Sua abordagem suscita reflexões, investigações e descobertas acerca do impacto das relações interpessoais e sociais na construção do ser, na busca incessante e urgente por reconhecimento, validação e pertencimento pelos adolescentes e jovens que enfrentam esta crise intelectual e comportamental, frutos do excessivo consumo de tecnologias digitais.

O processo de construção do reconhecimento exige, naturalmente, que o eu esteja em reciprocidade com o outro no cotidiano. Este processo, mesmo depois de amadurecido, depende do constante reconhecimento. O que não ocorre, quando o indivíduo se conforma apenas numa existência pautada em si mesmo, conforme afirma o próprio Honneth:

o eu busca o nós da vida comum em grupo, porque, mesmo depois de amadurecido, ele ainda depende de formas de reconhecimento social que possuam o denso caráter da motivação direta e da confirmação. Ele não pode manter nem o autorrespeito nem a autoestima, sem a experiência de apoio que se faz através da prática de valores compartilhados no grupo (2013, p.77).

Infelizmente, a construção da diferença, nesse contexto cultural, para muitos estudantes, adolescentes e jovens em geral, parece se dar através da adesão conformista ao estilo de vida disseminado insistentemente pelas plataformas digitais de consumo. Em cujos sinais de autorrealização são a frequência em locais de compra, lazer e relacionamentos fugazes, nos quais, sobretudo, podem ser exibidos com perfis inventados, estilo de vida fantasioso e ostentação das quinquilharias da moda, como demarcação social de um pertencimento a uma estética do consumo.

O estudante imerso nesta crise, enquanto consumidor, torna-se o “aluno-cliente”, decide se o produto didático ofertado nas aulas do Ensino Médio vale a pena ou é irrelevante para o seu instante presente, independentemente das possibilidades positivas que o ensino-aprendizagem possa lhe proporcionar. O aprendizado, portanto, parece apenas assumir um sentido de possibilidade iminente para os jovens consumidores, quando comparado a uma troca de experiência digital da qual se possa extrair prazer de uma forma imediata (Cf. Lahuerta, 2020, p.23).

A adesão patológica ao utilitarismo propagado nas mídias digitais se sobrepõe em relação ao ensino-aprendizagem, assumido por uma minoria de jovens durante o Ensino Médio. A escola de Ensino Médio, por sua vez, como instituição social se vê, nas últimas décadas, destituída de seu lugar de enunciadora de significados e manifestações para este ensino-aprendizagem dos alunos (Corea, 2008, pp.10-11). Encontra-se, noutros termos, deslocada de sua antiga importância social para, agora, ocupar um lugar marginal na própria valoração que a sociedade lhe atribui.

Um processo, no qual, as palavras partilhadas pelo docente e comunidade acadêmica já não são vistas com inspiração de definir condutas, evocar significações e construir laços afetivos para a vida em sociedade, mas, “longe disso, hoje são ouvidas com displicência e indiferença” (Lahuerta, 2020, p.61). Esse papel, de fato, deveria ser concedido pelo lugar que as escolas conferem às instituições sociais, enquanto agências responsáveis pela reprodução de valores culturais, conhecimento histórico e reflexão crítica.

Essa visão de respeito às instituições formativas, contudo, tem sido substituída avidamente pelo comércio midiático de informação, obtida pelas mais variadas formas: televisão, rádio, internet, redes sociais e plataformas diversas. Para o estudante da atualidade, a informação assume o caráter de conhecimento; sem, no entanto, analisar a veracidade desta. Ao qual, afirma Larrosa (2002, p.19), "como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar apenas informação".

A politização financeira dos materiais didáticos tem concretizado antigos escritos honnethianos, nos quais, o mesmo denunciava a ausência de interesse em se transmitir uma educação pautada nos valores interpessoais. Os livros e subsídios acadêmicos tem pautado apenas a temática da globalização enquanto deusa salvadora de uma sociedade que vivia nas

trevas da ausência diversificada de bens de consumo. O estudante forma-se com a mentalidade voltada, em sua totalidade, a busca incessante de poder monetário, acúmulo de bens e um extremo individualismo. Neste sentido, afirma o filósofo:

Com a introdução de novos métodos de comércio, a constituição da imprensa e da manufatura e pôr fim a autonomização de principados e de cidades comerciais, o processo político e econômico desenvolveu-se a ponto de não mais caber no quadro protetor dos costumes tradicionais, e já não haver mais sentido em estudá-lo unicamente a título de uma ordem normativa do comportamento virtuoso. (Honneth, 2003, p. 32).

Em consonância com esse pensamento honnethiano, pode se verificar a crítica feita pela “teoria do novo individualismo”. Esta, compreende quatro dimensões centrais de crise vivenciada pela sociedade de consumo das tecnologias e mídias digitais: uma ênfase implacável em *autorreinvenção*; uma fome insaciável por *mudança instantânea*; um fascínio por aceleração social, *velocidade e dinamismo*; e uma preocupação com o *curto prazo* e a *episodicidade* (Elliott & Lemert, 2009; Elliott, 2013).

O argumento aplicado por Elliott (2013), em termos gerais, é que um novo individualismo pode ser decifrado a partir da cultura de consumo que fundamenta como as pessoas levam suas vidas na atualidade. Uma pauta diária recheada de vinculação às redes corporativas, projetos de curto prazo, manuais de autoajuda, consumismo compulsivo, cibersexo, remodelamento instantâneo de identidades e cultura terapêutica. Estas são, em sua reflexão, apenas “algumas das principais características da cultura individualista global e causa imersiva das profundas consequências emocionais para a vida privada e pública das pessoas” (Elliott, 2013, pp. 77-78). E continua:

No centro dessa nova orientação individualista, jaz uma profunda fascinação cultural e pressão institucional para a *autorreinvenção*. A cultura da reinvenção, própria desta época, traz profundas consequências para a reorganização das relações entre o si mesmo e a sociedade. Em termos sociológicos, o “novo individualismo” tem um recorte externo e interno. O triunfo da globalização está no fato de não operar apenas em um eixo horizontal, universalizando as operações do capital multinacional e das novas tecnologias digitais pelo mundo afora; ela opera também - e fundamentalmente - em um eixo vertical, reorganizando identidades e forjando o *ethos* do novo individualismo ao seu serviço. Não se trata de uma afirmação sobre disposições subjetivas em relação ao mundo social, mas um envolvimento profundamente sociológico com a constituição do si mesmo em condições de globalização avançada (Elliott, 2013., p.81).

Elliott considera que esse individualismo de reinvenção imediatista, fruto do consumismo, promove “uma desastrosa fantasia da plasticidade infinita do si mesmo na

mente do sujeito, [...] com caráter de autorrealização” (2013, p. 44). A mensagem da indústria da atualização constante de si é a de que não há nada que impeça você de se reinventar como quiser; principalmente, por não precisar do outro, mas apenas o eu como protagonista. Todavia, a arapuca está armada, pois é improvável que seu tipo de individualismo atualizado o faça feliz por muito tempo. Porque os aprimoramentos de identidade são concebidos apenas com o curto prazo em mente, promovendo uma necessidade/vício constante ou, na linguagem do marketing, a *fidelização do consumidor*.

Da mesma forma, Axel Honneth (2004) identifica uma condição contraditória na presente promessa de autorrealização pessoal supostamente garantida pelo fortalecimento da liberdade individual e autônoma. Basicamente, as novas mídias de comunicação sociais vêm consolidando esse contexto fértil capaz de oferecer uma diversidade de possibilidades para o exercício de escolhas individuais, mas, que apenas parece causar uma imersão do jovem consumidor em um sofrimento existencial. Fazendo com que a promessa de autorrealização pessoal torne-se, apenas, uma consequência paradoxalmente inversa ao que foi divulgado e impregnado em sua mente, ao qual assevera:

O resultado obtido deste reverso paradoxal, em que processos que chegaram a prometer um aumento da liberdade qualitativa são doravante alterados em uma ideologia da desinstitucionalização, é a emergência de um número de sintomas como vazio interno, de sentimentos de superficialidade e de falta de propósito (Honneth, 2004, p.463).

Na concepção Honnethiana (2004) é crucial considerar que a sociedade atual está fundamentada em ideais paradoxais de realização individual, podendo ocasionar, pela via da contradição, um estado de indeterminação que faz emergir um sentimento de impotência. Por conseguinte, fortalecendo um comportamento de frustração e desistência da dimensão social do reconhecimento, manifestado num desinteresse social generalizado e evidente indisposição ao diálogo humanizado, hermenêutico; presenciado cotidianamente nas tentativas de interações entre professores e alunos nas salas de aula.

O evidente resultado é o enfraquecimento do interesse social nas estratégias direcionadas para o bem estar coletivo, enquanto formas de mediação para a formação de um sistema educacional capaz de estimular alteridade e desejo de reconhecimento. Afinal, é inesperado que um ensino-aprendizagem, com interesse na manutenção de uma sociedade mais humanizada, se encontre em um momento de desvalorização; que favorece apenas o



surgimento de dúvidas acerca do sentido deste tipo de educação, seu projeto e eficácia, com potencial perda de credibilidade do professor, da escola e do próprio saber nela partilhado.

A nítida decadência do cenário educacional pode ser verificada nos interesses, elevada concorrência e valorização mercantil, favorecendo certa pressão econômica na direção de uma transformação do ambiente escolar para o ensino de trilhas e itinerários formativos meramente instrumentalistas. Em vista disso, alerta Nussbaum (2015, p. 143) que: “se não insistirmos na importância crucial das humanidades e das artes, elas vão desaparecer gradativamente porque não dão lucro”.

A redução constante do ensino das ciências humanas tem sido reflexo disso. A cada reforma dos currículos do Ensino Médio brasileiro, a formação deixa de ser referência na preparação dos jovens para a construção de valores democráticos, solidários e de reconhecimento, sendo estágio preparatório para as lacunas e necessidades do mercado de trabalho. Fator incontestável que Pasetto & Boer (2020, p.3) parecem concordar, ao refletirem que: “a educação tem percorrido situações e caminhos difíceis, mostrando-se a cada dia numa maior desvalorização, tanto no ensino quanto na qualidade da formação dos professores, apresentando hoje poucos resultados”.

Este modelo de educação pautada pela autorreferência do mercado apenas exclui as relações interpessoais e a importância dos e diferenças presentes em cada indivíduo. Uma aparente tentativa de ordenação social pautada no consumo desenfreado, fomentada pelas plataformas de comunicações sociais, na qual os jovens da atualidade parecem não ter escolha, “pois foram decididos anteriormente [...], independente da sua vontade” (Todorov, 2017, p.127). Uma negação constante da dimensão do reconhecimento, produzindo excessivamente, no individualismo, uma diversidade de “compulsões e expectativas que tem engendrado formas de descontentamento e sofrimento” (Honneth, 2004, p.472).

Outro problema, é a rapidez com que os estudantes consomem informações em suas mídias sociais. A disseminação de mensagens, vídeos e conteúdos curtos tem gerado um estranhamento do aluno com o passar das aulas (geralmente 50 minutos cada) e estudos dos conteúdos didáticos. Assim, o individualismo também se constitui por um fascínio pela rapidez. O romancista Milan Kundera (1995), em seu livro *A lentidão*, sugere que as sociedades contemporâneas se intoxicaram com o que ele chama de “velocidade pura”. ao escrever:

A velocidade é a forma de êxtase que a revolução técnica concedeu ao homem. Ao contrário de um motociclista, o corredor está sempre presente em seu corpo, sempre obrigado a pensar em suas bolhas, sua exaustão; quando corre, sente seu peso, sua idade, mais consciente do que nunca de si mesmo e de seu tempo de vida. Tudo isso muda quando o homem delega a faculdade da velocidade a uma máquina: a partir de então, seu próprio corpo está fora do processo e cede a uma velocidade não corpórea, imaterial, velocidade pura, velocidade em si, velocidade de êxtase (Kundera, 1995, p.22)

Estas formas de descontentamento e sofrimento, estimulados em parte pelas injustiças ocasionadas no fenômeno de autorreferência do mercado de consumo, evocam dessas novas gerações de jovens e dos filósofos críticos lutas por reconhecimento e emancipação dos grilhões do consumismo, a caverna de platão dos dias atuais. Neste sentido, a luta por reconhecimento e emancipação torna-se uma estratégia relevante para “desvendar experiências sociais de injustiça como um todo” (Honneth, 2003, p.103) e ressignificar o processo de alienação no contexto educacional, por parte dos interesses puramente mercadológicos.

A ausência desta luta por reconhecimento faz com que a experiência intersubjetiva com outro continue sendo ignorada por uma sociedade acadêmica reificada, ávida de novas informações, como se o processo de ensino-aprendizagem para a vida social pudesse apenas prescindir de qualquer orientação das gerações mais velhas. De fato, torna-se visível nos dias atuais que a perda do elo de ligação entre o corpo docente e discente (os atualizados e novos consumidores de conteúdos digitais) faz com que vivessem em mundos completamente opostos. A “sociedade de consumidores, como se pode depreender, não apresenta um terreno favorável à construção da educação como pilar essencial na sociedade”, tal como proposto por Arendt (2007, p.57).

Tal contexto, para Corea (2008, p.23), aponta também para a falência de uma instituição escolar ainda afeita a práticas pedagógicas que, embora obsoletas em nossos dias, insistem em negligenciar as alterações culturais a que todos assistem. Na ausência de códigos compartilhados entre alunos e professores, resta a estes últimos, pois, tentar não mais que sustentar suas posições e discursos a partir de posturas relacionais assimétricas, rígidas e distantes dos diálogos abertos.

Cabe-lhes, de outro modo, buscar criar operações que possam produzir sentido no aqui e agora da sala de aula, de forma que se efetivem momentos significativos nos quais, pois, a incerteza reinante possa dar lugar à autoconfiança e ao reconhecimento do lugar do outro,

conforme sugere Axel Honneth (2008). Do contrário, o consumo de tecnologias digitais sempre será a opção plausível para amenizar esse contexto obsoleto de modelos de educação tradicionais, enalhadas em didáticas falidas ou que tenham por princípio apenas o cumprimento de metas administrativas.

Sustentar estes modelos tradicionais, fechados em si mesmo e direcionados pelo mercado global, causará gradativamente uma inoperância do ambiente escolar contemporâneo sendo, desse modo, incapaz de trabalhar na busca de novas didáticas, condizentes com a diversidade das demandas juvenis. Principalmente, se demarcados com o vigor de retóricas publicitárias que produzem apenas uma subjetividade de consumo.

Em lugar, pois, dessa desinteressante subjetividade pedagógica, reproduzida durante décadas pelo dispositivo escolar tradicional e tecnicista, há tempos obsoleto, tem-se a missão de construir modelos de aprendizagem condizentes com a realidade dos sujeitos. A crise intelectual e comportamental do estudante no Ensino Médio não está atrelada somente a dificuldades docentes no desenvolver de suas disciplinas ou em suas relações com os jovens (Camacho, 2004): trata-se da presença, nos espaços escolares, de sujeitos com mentalidade reificada, em um momento sócio-histórico no qual a instituição escolar se vê destituída de seu papel educador.

Ao mesmo tempo, há muitos dos seus profissionais que pouco colaboram para uma vivência interdisciplinar de outros sentidos juvenis junto à escola, que sejam mais condizentes com suas singularidades. Elementos extremamente necessários, nestes cenários complexos de uma escola que não consegue dar conta de uma realidade de adolescentes e jovens notadamente insatisfeita com estes ineficazes modelos de pedagogia.

#### **4.1 As Relações Interpessoais e Reconhecimento Mútuo contra a Patologia da Subjetividade**

O conceito de intersubjetividade, presente na obra de Honneth, está profundamente enraizado e intimamente atado à capacidade intrínseca e essencial do ser humano de se envolver, interagir e se relacionar de maneira complexa e significativamente enriquecedora com todos aqueles que estão ao seu redor em suas diversas facetas e contextos. Essa dinâmica se manifesta em um nível que transcende o mero ato de comunicação verbal, abrangendo a

genuína e inata necessidade que todos os indivíduos possuem de ser reconhecidos e valorizados por meio dessas interações interpessoais que são, verdadeiramente, significativas e impactantes, não só para o desenvolvimento social mas também para o crescimento pessoal de cada um.

A práxis da intersubjetividade se revela como proposta fundamental para o enfrentamento da crise intelectual e comportamental causadas pelo consumo excessivo de tecnologias. Possuindo caráter essencial e absolutamente indispensável para o desenvolvimento pleno e significativo da identidade pessoal do estudante, proporcionando um cenário formativo onde se expresse de forma livre e autêntica. Um combate ao individualismo através de múltiplas relações interpessoais, nas quais os sujeitos conseguem, de maneira efetiva, compreender, interpretar e constituir-se como pessoas em suas diferenças, valores e singularidades, no lugar onde se encontram.

Contudo, Honneth destaca um empecilho, para todo este processo vital da intersubjetividade e reconhecimento mútuo, aquilo que denomina como “patologia social” (2013, p.75). O individualismo subjetivista, que se pode denominar como a “nova caverna de Platão na atualidade”, sendo uma existência pautada no fechamento do sujeito em si mesmo; a saída consciente da realidade pessoal para uma imersão de consumismo virtual, fantasioso e fictício. Uma tentativa de fuga das problemáticas cotidianas para um mundo ilusório, programável, inventivo e negação de si, no lugar do enfrentamento e luta por reconhecimento. Infelizmente, o resultado desse fechamento e negação de si são as diversas e profundas formas de sofrimento psíquico, enfermidades emocionais e sociais.

Esses sofrimentos têm o potencial de se acumular e criar sérias consequências e repercussões, impactando não apenas o indivíduo de maneira isolada, mas também influenciando as dinâmicas complexas e intrincadas das comunidades nas quais os mesmos estão inseridos e, nas quais, interagem de várias maneiras e sob diversas circunstâncias. Essa patologia do consumismo, como fuga da realidade, é considerada por Honneth uma ameaça ao grupo, afirmando que:

uma segunda forma de patologização de grupos pode resultar do acúmulo de um tipo de personalidade que tem um potencial quase incontrolável de agressividade devido a experiências anteriores de desrespeito ou abandono [...]. Indivíduos deste tipo estarão inclinados a projetar suas fantasias destrutivas sobre o ambiente, de modo que se percebam constantemente como cercados e ameaçados por inimigos externos. Se essas fantasias se espalharem pelo resto do grupo, através de ressonâncias comunicativas e

incitamento, sem que os membros mais maduros consigam contribuir para uma readaptação realista, então também este grupo rapidamente desenvolverá um estilo patológico coletivo (Honneth, 2013, pp.76-77).

O individualismo, na medida em que se amplia na comunidade acadêmica, como práxis focada na ausência de sensibilização em relação à condição do outro, sendo resultado do excessivo consumo de mídias digitais, dilui a motivação dos estudantes em se perceberem reciprocamente respeitosamente nos acontecimentos do cotidiano escolar. Como bem acentua Ponty, este “vácuo na interpessoalidade acaba nutrindo o desinteresse pelo outro” (Ponty, 2006, p.64), emergindo uma possibilidade de comportamento reificante, reforçando um possível estado de crise educacional.

Neste sentido, ao trabalhar o consumismo desenfreado de mídias digitais, há que se esclarecer um ponto importante acerca da reificação neste contexto de capitalismo mercadológico. Tendo em vista que, o processo de reificação, enquanto postura de negação ou esquecimento da condição humana, em especial pelo esquecimento ou negação da dimensão social do reconhecimento, é abordada por Honneth (2008) como fenômeno que não está associado *em sua totalidade* com atitudes capitalistas e objetificadoras. O porquê disto é que: “se todos os processos sociais estão reificados só porque impõe atitudes objetificadoras, então a sociabilidade humana finalmente se dissolve” (Honneth, 2008, p.82).

No tocante as diferentes formas de objetificação, existe um tipo reificante, que deforma o tecido do reconhecimento recíproco intersubjetivo. Reificação em Honneth (2018) sinaliza uma atitude que emerge motivada por diversos contexto das relações sociais em vivências de pessoas que experimentam formas desrespeitosas de interação, potencializando um comportamento com pouca sensibilidade para a complexidade das relações humanas, dificultando uma práxis pautada pela alteridade. A reificação sob este viés consiste em um comportamento que diminui a atenção e o cuidado consigo e com o outro, potencializando o enrijecimento e obscurecimento do conhecimento (Flickinger, 2011, p.8); transformado-se em sistema de convicções meramente individualistas (sexismo, racismo, autoritarismo, dogmatismo, extremismo...).

Da mesma forma, o filósofo sul-coreano, Byung-Chull Han, faz um alerta acerca da “expulsão do outro” causada por “um modelo de sociedade pautada na hipervisibilidade, na hipercomunicação, na hiperprodução, no hiperconsumo, que levam a uma rápida estagnação do igual e supressão do outro” (Han, 2022, p.45). Sua percepção filosófica crítica, assim como Honneth, a realidade atual em que o excessivo consumo e globalização atentam conta a

identidade e valores através de um “terrorismo do igual”, onde todos seguem padrões impostos; pelo “terror da autenticidade”, onde ser autêntico é arcaico sem os padrões vigentes. O resultado é a atual “sociedade do cansaço”, onde reina os sentimentos de “angústia, limitação, alienação descontrolado psíquico-mental” (Han, 2022, pp.52-53). O filósofo conclui afirmando que esta imensa crise pode ser facilmente perceptível, seja no olhar disperso, na linguagem, no pensamento e escuta diante do outro.

Analisando seus escritos, é notório que Honneth distingue dois tipos de objetificação reificante, o primeiro diz respeito ao *esquecimento visando objetivos*. Tomando por exemplo o contexto escolar, configura-se naqueles momentos em que o outro é visto como um obstáculo a ser humilhado, cancelado online, agredido ou prejudicado moral ou racialmente; no intento de se conseguir alguma vantagem acadêmica: se promover como melhor da turma, vencer em trabalhos, avaliações ou jogos escolares.

Por outro lado, o segundo comportamento reificado é *um estado de negação que leva a ignorar informações relevantes* cuja evidência poderia prejudicar certa convicção ou tese, em um tipo de perspicácia seletiva, por conveniência; seria o caso do mentir para si mesmo, principalmente, no caso de alunos de pele clara ou parda que negam seus ancestrais afrodescendentes ou indígenas, em troca de tornarem-se parte de grupinhos na escola.

Na iminente propagação desse tipo de comportamento reificado, as condições para um exercício pautado em relações de respeito e reconhecimento mútuo é sempre importante inviabilizar a não exposição ao outro. Quando isto não ocorre, há o estímulo de práticas de negação e esquecimento da dimensão social do reconhecimento e do próprio diálogo humanizado entres os estudantes, dando lugar ao desrespeito e violência em sala de aula, como possibilidade de um “equilíbrio” encontrada entre forças opositoras.

Dentre os diversos padrões de reconhecimento, Honneth (2008) chama atenção para a importância de uma condição prévia. Defendendo que uma das propostas ao trabalhar o conceito de reconhecimento prévio é “chamar a atenção para o caráter não-epistêmico [...] nós só podemos assumir a perspectiva do outro depois que previamente reconhecemos no outro uma intencionalidade que nos é familiar” (Honneth, 2008, p.72), em uma condição que é acessível pela via da exposição em relações intersubjetivas, “não é um ato racional, nem uma tomada qualquer de consciência de motivos, mas realização pré- cognitiva do ato de assumir uma determinada postura” (Honneth, 2008 p.73).

A procura em esclarecer a distinção entre conhecimento e reconhecimento conduziu o pensador Cenci (2016) a afirmar que:

O conhecimento é vinculado a um ato cognitivo não público, o de identificar alguém enquanto indivíduo, por suas características físicas, por exemplo. O reconhecimento, por sua vez, é um ato expressivo e implica a atribuição de um valor social à outra pessoa. [...] O reconhecimento é tributário de gestos expressivos corporais em razão de que apenas tais gestos são capazes de traduzir publicamente a diferença entre conhecer e reconhecer. (Cenci, 2016, p.714).

Em uma concepção diferente do conhecimento enquanto *identificação cognitiva*, “os diversos padrões de reconhecimento representam condições intersubjetivas que temos de pensar necessariamente quando queremos descrever as estruturas universais de uma vida bem-sucedida” (Honneth, 2003, p.273). Neste sentido, o sentimento de autorrealização perpassa em certa medida pela experiência da expressão pública de reconhecimento de determinadas realizações pessoais em um sentido de assentimento de grupo, manifestado espontaneamente nos gestos expressivos entre os protagonistas de uma dada interação, sob influência da tradição, de intuições e pressupostos anteriores ao ato cognitivo.

Ainda neste sentido, Honneth (2003) afirma que uma das características da sociedade atual está no fato da valorização pessoal se constituir das relações intersubjetivas norteadas pela busca de reconhecimento dos resultados individuais de desempenho. Para ele, a relação das pessoas consigo mesmas e a experiência de reconhecimento é proveniente da estrutura intersubjetiva da identidade pessoal, e não nos atuais conceitos midiáticos de autorrealização, pautados no acúmulo de bens de consumo e na sobreposição de classes abastadas sobre as outras.

No encontro de dois sujeitos, uma nova esfera de ação é aberta no sentido de ambos os lados serem compelidos a restringir suas ações egoístas tão logo quanto se encontram. Diferente do ato de satisfazer necessidades, na qual a realidade viva permanece inalterada, no processo de interação ambos os sujeitos passam por transformações. (Honneth, 2014, p.15).

O jovem estudante, ao mergulhar no pensamento honnethiano, deve compreender que a autoimagem de cada pessoa se constitui na dimensão das interações pelas realizações individuais constantemente reforçadas no outro. Principalmente, ao ele afirmar que “a integridade do ser humano se deve de maneira subterrânea a padrões de assentimento ou reconhecimento” (Honneth, 2003, p.213) nos três contextos distintos de relacionamentos que interferem na percepção e manifestação da identidade humana: as relações familiares, relações jurídicas e relações sociais.

A filosofia de Honneth (2003) elucidada, ainda, a relação existente entre subjetividade e intersubjetividade. Para esta tarefa adota como uma importante referência à ênfase que Hegel atribuiu ao fenômeno intersubjetivo do reconhecimento no processo de autorrealização pela construção da liberdade individual, uma vez que:

A partir da ideia de reconhecimento pode se desdobrar um conceito de intersubjetividade aonde formas diferentes de sociabilidade vão surgindo no decorrer dos próprios conflitos em torno do reconhecimento, nas quais as pessoas ao mesmo tempo afirmam sua subjetividade autônoma e reconhecem-se na sua pertença comunitária. Ou seja, a relação constitutiva entre identidade pessoal e a práxis cultural e as instituições é entendida não como relação instrumental ou relação de dependência orgânica, substantiva, do indivíduo com a comunidade, mas como relação reflexiva de reconhecimento recíproco. O reconhecimento permite uma reconciliação, sempre passível de revisão, quando for o caso, entre diferença e identidade (Werle, 2004, p.52).

Junto ao processo do reconhecimento está a importante tríade conceitual proposta na teoria de reconhecimento recíproco por Honneth (2003). Primeiro, aponta o sentimento de autoconfiança que surge nas relações familiares e de amizade pela via do amor, enquanto exposição ao cuidado pelo afeto. Depois, o autorrespeito que é proveniente das relações jurídicas pela garantia dos direitos. Finalmente, a autoestima nas relações sociais que emerge pela exposição ao fenômeno da solidariedade. Acerca disso esclarece Honneth:

[...] são as três formas de reconhecimento do amor, do direito e da estima que criam, primeiramente, tomadas em conjunto, as condições sociais sob as quais os sujeitos humanos podem chegar a uma atitude positiva para com eles mesmos; pois só graças à aquisição cumulativa de autoconfiança, autorrespeito e autoestima, como garante sucessivamente a experiência das três formas de reconhecimento, uma pessoa é capaz de se conceber de modo irrestrito como um ser autônomo e individuado e de se identificar com seus objetivos e seus desejos. (Honneth, 2003, pp. 265-266).

Neste movimento, situações de desrespeito, nas esferas do amor, direito e estima social, produzem no estudante um tipo de motivação pela via do sofrimento, indignação ou senso de injustiça, que impulsiona a pessoa na direção de um interesse emancipatório pela resistência e demanda de pertencimento social, estimulando um estado de luta por reconhecimento recíproco. Contudo, quando neste momento de sofrimento ocorre um forte bloqueio sistemático da motivação emancipatória, produzindo um desequilíbrio ou enfraquecimento da noção de pertencimento de si e do mundo circundante, ferindo assim a capacidade de resistência, pode emergir alguma patologia social, dando lugar a formas distorcidas de percepção da realidade, com potencial esquecimento ou negação de si e do outro, a reificação.



Na comunidade acadêmica, quando o reconhecimento recíproco só ocorre de forma legítima se aquele que reconhece também se reconhece, é possível afirmar que:

Autoconfiança, autorrespeito e autoestima não são, portanto, meramente crenças sobre si mesmo ou estados emocionais, mas propriedades que emergem de um processo dinâmico no qual indivíduos passam a experienciar a si mesmos como possuidores um certo status, seja como um objeto de preocupação, como um agente responsável, como um contribuinte valorizado de projetos compartilhados ou como o que quer que seja. A autorrelação de alguém não é, então, uma questão de um ego solitário refletindo sobre si mesmo, mas o resultado de um processo intersubjetivo contínuo, no qual sua atitude frente a si mesmo emerge em seu encontro com a atitude do outro frente a ele. (Anderson & Honneth, 2011, p.87).

Com efeito, vínculos de confiança não são um fenômeno simples e unidirecional. Da confiança de alguém para outra pessoa, implica também em uma confiança em si mesmo. Na ausência da autoconfiança, autorrespeito e autoestima não é possível emergir um vínculo consistente de confiança, de reconhecimento recíproco.

É através da profunda interconexão e do reconhecimento mútuo que os estes jovens consumidores, fechados em seu universo virtual, podem estabelecer laços mais profundos, verdadeiros, autênticos e duradouros com o outro, superando barreiras e obstáculos que muitas vezes impedem a empatia e o entendimento entre si. Isso contribui, além da libertação das ilusões do virtualismo tecnológico, para a construção de uma comunidade educacional e sociedade mais participativa, equilibrada e solidária para com todos os seus membros.

Nesse espaço de ensino-aprendizagem, onde cada sujeito participante deve sentir-se valorizado, respeitado e reconhecido de maneira verdadeira e autêntica, a transformação das relações interpessoais pode de fato ocorrer, na medida em que se preparar um ambiente promissor, propício e fértil ao florescimento da dignidade, do respeito mútuo e da empatia, preparando o terreno de forma sólida e eficaz para um futuro mais inclusivo, compreensivo e acolhedor para os que nele habitam. Uma transformação essencial, não apenas para o bem-estar individual de cada estudante no âmbito formativo, mas também para uma convivência social mais harmoniosa e significativa que beneficie a cooperação mútua, fora dos muros da escola.

A prática dos diálogos interpessoais possuem o potencial de expor ao pensamento sensibilidades para o reconhecimento da complexidade da existência humana, possibilitando evitar, pelo esquecimento ou negação a condição social, histórica e existencial de cada estudante, o surgimento de convicções distorcidas sobre eles mesmos e o mundo que os cerca.

Neste sentido, de uma prática específica de diálogo com potencial de expor ao pensamento sensibilidades sobre o fenômeno da complexidade humana, esclarece Gadamer:

Não podemos esconder de nós mesmos o quão duro e o quão imprescindível é que vivamos em diálogo. Não buscamos o diálogo apenas para compreender melhor os outros. Ao contrário, nós mesmos é que somos muito mais ameaçados pelo enrijecimento de nossos conceitos ao quisermos dizer alguma coisa e ao buscarmos o acolhimento do outro [...]. Precisamente quando buscamos compreender o outro, fazemos a experiência hermenêutica pela qual precisamos romper uma resistência em nós, se quisermos ouvir o outro enquanto outro. Essa é, então, uma radical determinação fundamental de toda a existência humana e ela domina até mesmo a assim chamada autocompreensão. (Gadamer, 1999, p.70).

Contudo, através da problemática do consumo excessivo de conteúdos em mídias digitais é possível perceber uma quantidade significativa de narrativas que sinalizam na direção de uma configuração social cada vez mais confusa, oposta, mais dispersa e individualista. Outrossim, com certa indisposição ao diálogo humanizado, proporcionando em algumas circunstâncias uma frustrante realidade enquanto carência generalizada de vínculos de confiança entre professores, alunos, escola e sociedade, com evidente enfraquecimento dos elementos necessários para um tipo específico de conduta dialógica.

É precisamente nessas interações diárias que se desenvolve e se consolida o reconhecimento mútuo e essencial entre os indivíduos que compõem a sociedade. Esse reconhecimento, não apenas no nível individual, mas também no nível coletivo, torna-se indiscutivelmente indispensável para o efetivo estabelecimento de relações saudáveis, duradouras e harmoniosas. Essas relações promovem um ambiente de convivência onde todas as vozes, opiniões e perspectivas podem ser ouvidas, discutidas, e prontamente respeitadas.

No processo de formação dos adolescentes e jovens no Ensino Médio torna-se imprescindível trabalhar o reconhecimento, como papel central e inegável na construção duma melhor qualidade de vida que esses indivíduos devem experimentar e vivenciar em sua rotina diária e complexa, nas várias dimensões e contextos do ensino-aprendizagem. Evocando, principalmente, a importância prática das inter-relações humanas com uma atenção crítica e reflexiva, nos seus diversos aspectos e circunstâncias.

As implicações dessas complexas relações interpessoais são vastas e merecem uma cirúrgica e atenta reflexão filosófica. Resultando em um emaranhado de experiências e percepções interativas que, juntas, formam o rico e diversificado tecido social que os une e os distingue ao mesmo tempo. Por sua vez, esta práxis pedagógica molda “as reflexões e ações

que o estudante deve transformar nas diversas facetas do seu cotidiano, conduzindo-os numa análise crítica e cuidadosa sobre esses aspectos” (Dalbosco, 2011, p.44).

Portanto, é imprescindível ao estudante, enquanto ser social, que essa complexa teia de reconhecimentos e interações seja vivenciada criticamente e de forma reflexiva. Desta forma, o mesmo irá tomar consciência dos impactos que seu excessivo consumo de mídias digitais tem no seu comportamento e aprendizado. Por conseguinte, a construção de relações intersubjetivas estruturará um verdadeiro sentido de comunidade e pertencimento entre todos os membros da do corpo discente e docente. O fomento do reconhecimento mútuo e da intersubjetividade, ao ser conduzido com rigor e atenção, abre novas e valiosas possibilidades de diálogo, cooperação e interação social.

## 5 O ENCONTRO “CAFÉ FILOSÓFICO ÁGORA SERTANEJA”

Na história da filosofia, o debate filosófico foi, imprescindivelmente, necessário para o conhecimento de acontecimentos circunstanciais da natureza humana. A *ágora* foi palco importante para a efetivação do filosofar, ao promover discussões ricas e reflexões profundas sobre uma variedade de questões que abarcam as dimensões existenciais, éticas, políticas, científicas e metafísicas da vida. Seja nos escritos dos pensadores pré-socráticos, de Platão a Aristóteles, até os dias atuais, a filosofia tem se estabelecido como um espaço privilegiado para a incessante busca do conhecimento e compreensão do universo.

A importância do debate filosófico é inegável, pois reside na sua capacidade de estimular o pensamento crítico e analítico nas pessoas, fomentar a cidadania ativa e engajada, além de promover a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do saber. Esse diálogo constante entre ideias contribui significativamente para o desenvolvimento humano e social, ajudando a formar indivíduos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios contemporâneos que se apresentam na sociedade.

O diálogo filosófico tem desempenhado um papel fundamental e crucial no reconhecimento interpessoal, oferecendo uma via valiosa e imprescindível para a exploração e a compreensão de diversas perspectivas e visões de mundo que têm se multiplicado, diversificado e evoluído continuamente ao longo do tempo. Essas visões refletem as complexidades da condição humana e as mudanças sociais, culturais e históricas que influenciam de maneira significativa as experiências vividas por cada indivíduo, impactando a forma como relaciona-se e compreende o outro.

O ato de filosofar pode ser definido, de maneira clara e aprofundada, como a busca incessante pelo conhecimento e pela compreensão do mundo, bem como das questões fundamentais que permeiam a existência, a natureza humana e a realidade em si. Sua natureza é essencialmente questionadora, crítica e reflexiva, buscando sempre ir além das aparências e da superficialidade que têm tomado forma nas últimas décadas pela influência do consumo tecnológico e alienação sistêmica.

O estudante deve ser preparado para analisar e discutir os princípios fundamentais que regem sua realidade, os valores morais, as crenças e as diversas concepções que ele possui sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta. A filosofia como disciplina acadêmica, por meio de sua prática, incentiva a busca do aprimoramento humano por meio de um debate rico e da

argumentação racional bem fundamentada, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de análise e da cidadania consciente e ativa. Sendo este um propósito central do evento *Ágora Sertaneja* para os estudantes do Ensino Médio.

Se no debate filosófico da Grécia Antiga, o pensamento crítico, começou questionando a origem e a natureza do mundo ao seu redor de uma maneira que desafiava as explicações mitológicas, a alienação do senso comum daquela época, no tempo presente, os estudantes devem ser confrontados a lutar contra as fantasias, ficções e a prisão existencial do mercado de consumo, os novos deuses míticos na atualidade. Já que, ao longo da história da filosofia, o debate filosófico não permaneceu estático, mas evoluiu continuamente; mesmo que passando pela influência cristã durante a Idade Média, no embate entre razão e fé, pelo Renascimento, que reacendeu o interesse entre razão e natureza humana, e pela filosofia moderna, que trouxe novos desafios e perspectivas.

Da mesma forma, essa jornada intelectual não deve parar no tempo presente. Os estudantes não que ser impelidos a debruçarem-se sobre os temas abordados na vasta e diversificada filosofia contemporânea, e reflitam as questões sobre identidade, existência, ética, responsabilidade e reconhecimento com profundidade e inovação. Este despertar crítico para a realidade se faz extremamente necessário, em meio a uma sociedade cada vez mais instrumentalizada pelo espírito do consumismo que paira sobre todas as povos e nações.

Este café filosófico busca instigar de maneira aprofundada o diálogo no processo de consciência crítica e reconhecimento mútuo. A prática do diálogo filosófico não apenas envolve escuta ativa, mas também a disposição para questionar crenças e preconceitos que muitas vezes permeiam nossa percepção do outro. Ressaltando de maneira enfática a importância do pensamento crítico e bem fundamentado, assim como da reflexão profunda e consciente, esses processos intelectuais promovem uma interação que seja não apenas mais significativa e relevante, mas também, essencialmente, enriquecedora e transformadora em várias dimensões. Isso se traduz em um verdadeiro compromisso com o entendimento profundo do outro, ultrapassando a superficialidade das interações cotidianas.

O Café Filosófico *Ágora Sertaneja*, ocorrido pela primeira vez em 13/03/2024 na EREM Senador Nilo Coelho, foi pensado e estruturado com o intuito de não apenas ampliar a compreensão e a aceitação genuínas entre as pessoas, mas também fomentar um ambiente

propício e saudável para a reflexão filosófica. Ademais, um ambiente onde o respeito, a empatia e a solidariedade devem florescer e se fortalecer continuamente, criando laços que enriquecem e robustecem a convivência interpessoal. Principalmente, no que diz respeito ao âmbito educativo.

Isso permite que todos se expressem, sintam valorizados e verdadeiramente ouvidos, o que é imprescindível e vital para o desenvolvimento de uma comunidade acadêmica mais inclusiva, respeitosa e solidária. Assim, o diálogo filosófico emerge não apenas como uma ferramenta para o despertar duma consciência crítica, mas como um caminho essencial para a construção de uma realidade escolar mais integrada e participativa no processo de reconhecimento mútuo.

A promoção do debate filosófico estimula não apenas a reflexão crítica, mas também o desenvolvimento de habilidades de argumentação que são essenciais no exercício do convívio social, contribuindo assim na formação de cidadãos mais engajados, conscientes e ponderados. Sua relevância e importância persistem com vigor até os dias atuais, à medida que as questões filosóficas continuam a desafiar e inspirar a humanidade de maneiras novas, criativas e inovadoras, provocando diálogos e reflexões que são verdadeiramente atemporais e de acordo com o espírito de cada tempo.

Além da abordagem à questão do reconhecimento e a problemática da reificação, é perceptível que a aplicação prática e efetiva do debate filosófico, permite um resultado frutífero que interrelaciona outros diversos campos do saber, como ética, política, bioética, tecnologia, educação e meio ambiente, entre outros. Essa troca constante e enriquecedora de saberes torna a filosofia não apenas uma reflexão abstrata e distante, mas algo que se torna profundamente relevante e impactante na vida cotidiana das pessoas, influenciando suas decisões, valores, crenças e ações no contexto social em que vivem.

Ao longo da história do *homo sapiens*, a reflexão acerca das circunstâncias existenciais da comunidade social, em todos os povos e nações, mesmo que sem o termo “filosofar”, tem desempenhado um papel crucial e fundamental no desenvolvimento do “eu” e do “outro” ao longo dos séculos. A reflexão filosófica não apenas tem proporcionado insights profundos sobre questões essenciais da existência, mas também tem incentivado o pensar crítico na busca incessante da humanidade pelo conhecimento e pela verdade.

O encontro revela que o debate filosófico continua a ser de extrema importância e relevância para a compreensão da realidade e para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes, capazes de promover mudanças significativas em suas comunidades e na sociedade como um todo. Obtendo excelentes resultados, quando somado com a promoção interpessoal do reconhecimento, cooperação e emancipação entre os participantes.

Assim sendo, entende-se que a pretensão do encontro “Café Filosófico Ágora Sertaneja” configura-se no intento de promover uma práxis do debate filosófico, através do qual, os estudantes possam exercitar o que aprenderam na disciplina de Filosofia e, ao mesmo tempo, experienciar como protagonistas a prática do reconhecimento mútuo e tomada de consciência acerca das patologias causadas pela reificação. Mas do que um evento, onde são analisados textos filosóficos, questionamentos respondidos, poesias recitadas ou músicas cantadas, é o espaço reservado para a experiência interpessoal de reconhecimento mútuo, longe das redes sociais ou consumos de mídias diversos. O propósito central é fazer com que, da mesma forma intensa que o sol brilha sobre este Sertão pernambucano, a filosofia possa resplandecer a mente de cada estudante, tornando-os conscientes de sua realidade e libertando-os da ilusão do individualismo consumista; a nova caverna platônica da atualidade, movida pelas imagens de universos ilusórias transmitidas pelas novas tecnologias digitais.

### **Experiência prática do Encontro “Café Filosófico Ágora Sertaneja” em 13/03/2024**

A primeira parte do encontro consiste em um questionário voltado a tomada de consciência acerca da realidade de si mesmo, uma prática pessoal do “*nosce te ipsum*”, em relação ao consumo excessivo de mídias sociais. A estrutura do questionário foi elaborada com enfoque nas aulas expositivas de Filosofia Moderna e Contemporânea, no que se refere ao impacto negativo causado pelo consumo excessivo das redes sociais, jogos e conteúdos digitais no comportamento e aprendizado do sujeito.

Ao refletir em cada pergunta, o participante é conduzido a recordar o insigne papel da filosofia crítica e abordagens dos pensadores da Escola de Frankfurt, no que diz respeito ao consumismo, alienação da massa pela mídia, estratégias de controle social pelo capitalismo promovidos pela indústria cultural. Assim como, as exposições filosóficas sobre o pensamento de Axel Honneth, no tocante à luta por reconhecimento em meio ao apagamento

de si mesmo no consumo exagerado de tecnologias digitais, tanto no campo educacional quanto no social.

O questionário possui uma simples estrutura de perguntas e respostas, levando em consideração suas experiências com mídias sociais, gerando uma reflexão final acerca de quais alternativas você mais respondeu e o que pode ser observado. Levando em consideração o processo de emancipação, o conhecer melhor faz com que se tenha maior poder de ação significativa sobre a vida, pois é possível tomar decisões e agir de maneira mais alinhada aos valores pessoais.

Honneth (2013) considera que a solidariedade requer primeiro o autoconhecimento. O sujeito precisa estar totalmente ciente dos aspectos do seu estado atual, conhecer-se e valorizar-se para um reconhecimento interpessoal. Um processo contínuo de tomada de consciência do indivíduo a respeito de si. A prática de se conhecer melhor faz com que se tenha maior poder sobre suas emoções, pensamentos e ações. Tal habilidade pode evitar baixa autoestima, frustração, ansiedade, instabilidade emocional e outros, atuando como importante fator de bem-estar e proporcionando possibilidade de crescimento, não só pessoal, como também social, promovendo maior relacionamento interpessoal.

No dia 13 de março de 2024, no primeiro encontro *Café Filosófico Ágora Sertaneja*, obteve-se excelentes participações, diálogos, expressões artísticas e manifestações diversas. Observou-se que, na primeira parte do questionário, dos 145 alunos dos terceiros anos do ensino médio, em torno de 76% responderam que se sentem frustrados por não conseguirem dar-se conta do tempo, quando estão acessando redes sociais.

Em relação às redes sociais mais utilizadas, a maioria foi consensual, afirmando que acessam mais Instagram e TikTok. Ao serem questionados sobre o porquê, afirmaram que há uma maior dinâmica na interface do sistema e uma grande variedade de conteúdo que pode ser consumida em pouco tempo, os vídeos curtos. Ao passo que também foi recordado no auditório por eles, que essas redes sociais são mais para ver postagens e consumir informações do que bater papo pelos chats.

Quanto ao fator “tempo de acesso”, cerca de 83% responderam ultrapassar facilmente as seis horas por dia acessando. Destes participantes, 14 alunos afirmaram, na partilha em



grupos, fazer acompanhamento psicológico por já terem “dado virote”, na linguagem deles: ter passado a noite toda e madrugada acessando.

Em relação ao local mais utilizado para acesso, o público participante afirmou ser a escola. A motivação, para muitos deles, é a extensa carga horária do ensino médio integral que fomenta tédio, cansaço e ausência de interesse para com os estudos e os que estão ao redor. Acessar o aparelho e mergulhar no universo digital faz com que, segundo eles: “se tenha uma distração”; “desvia o foco do problema ou que está sentindo”; “é mais tranquilo ficar só”.

No que diz respeito ao contexto familiar, entrar para o quarto e acessar mídias digitais tornou frequente e normal quase todos os 145 participantes. Ao ponto, de afirmarem já ter ficado sem jantar, tomar água e segurar necessidades básicas, enquanto termina determinado jogo ou capítulo de série. Outros ainda, afirmam ser uma maneira de fugir de conflitos familiares.

Nas rodas de conversa, a maioria assumiu não conseguir se concentrar nas aulas e ter apenas entre 10 e 20% de aproveitamento. Porém, houve uma quantidade de 27 alunos que afirmarem ter acima de 80% de aproveitamento, todavia, trocaram seus aparelhos eletrônicos por livros ou clubes de leitura na biblioteca. Outra minoria, afirmou que a mudança ocorreu pelo fato de seu psicólogo pedir que os mesmos deixassem os aparelhos em casa, controlassem o tempo diário de uso e procurassem outra ocupação, quando sobreviesse a ausência de interesse.

A EREM Senador Nilo Coelho, pensando nestas situações, acatou no segundo semestre do ano de 2024 muitos grupos de estudantes que trouxeram dominó, xadrez, baralhos, gibis e livros particulares para usarem em lugar de aparelhos eletrônicos. Estas foram iniciativas dos próprios alunos, principalmente, após o encontro filosófico do mês de março e que está, de maneira muito positiva, gerando maiores interações interpessoais entre os estudantes nos intervalos e aulas vacantes.

Um outro aspecto, observado por unanimidade no encontro filosófico, foi a décima pergunta do questionário, na qual todos responderam já ter sentido que o uso de redes sociais tem causado interferência nos resultados dos estudos, dentro e fora da sala de aula.

Incrivelmente, dos 145 participantes, apenas 16 afirmaram estudar em casa ou resolver alguma atividade.

Em relação ao convívio com outro, estar aproximando as pessoas, causando um reconhecimento mútuo, cooperação e respeito, a maioria afirmou que “a cada dia parece ficar mais difícil”. A razão seria o excessivo consumo de mídias digitais e o problema de presentificar atitudes, aparentemente inofensivas, mas que denotam puro individualismo e preconceito. Já que dos 145 alunos, 39 afirmaram ter sofrido cyberbullying e tentativa de apagamento online, sendo que desses 39, 20 são afrodescendentes.

Ao final do encontro, duas alunas de iniciais A.S.C. e K.S.D. afirmaram ter sofrido preconceito racial, por causa de seus cabelos caracolados, cor da pele e formato dos lábios. A princípio, para A.S.C. foi tranquilo, tentou conduzir a situação normalmente, entretanto, de acordo com ela: “[...] professor, o problema não é no momento, mas depois. Quando cheguei em casa, que me coloquei diante do espelho, aquelas palavras pareciam me perseguir e fazia violência à minha autoestima. Ao ponto, de passar algumas semanas até me livrar de vez daquelas malditas palavras”. Em referência ao caso de K.S.D., a mesma sempre demonstrou alto estima e zelo com sua origem afrodescendente e indígena, contudo, na hora de apresentar um trabalho em grupo, um colega de classe perguntou “se a mesma não tinha interesse em fazer cordas com seus longos cachos”; ao passo que a mesma tentou finalizar sua apresentação e não conseguia.

Ambos os casos supracitados foram punidos e na hora deste relato ao público participante, coincidentemente, um dos alunos preconceituosos estava no auditório, fazendo questão de, novamente, pedir perdão pelo ocorrido. O mesmo afirmou em público que achava ser normal falar aquilo, já que eram comuns nas séries que ele consumia em plataformas privadas.

Infelizmente, dezenas de outros estudantes responderam no questionário ter sofrido tentativa de apagamento, palavras de baixo escalão, bullying e outras violências online. Muitos preferiram não se identificar, explicando à sós que se tratava, não somente de colegas de classe, mas de ações feitas por próprios familiares. Destes, uma quantia de cinco alunos afirmou morar com avós ou tios, por que o preconceito vinha do padrasto ou madrasta, sem que houve intervenção por parte do outro tutor.

Ao final da partilha sobre o questionário filosófico, os participantes foram interpelados acerca da possibilidade de se praticar o “Reconhecimento” e “Cooperação” mútuos, no mundo digital. Ao passo que, dos 145 participantes, 122 responderam que não, por demandar a necessidade de se praticar a interpessoalidade; e os outros 23 que sim, todavia não tinham ideia de como fazer isso de forma virtual.

Ao final da reflexão, sobre os questionamentos respondidos, todos consentiram que há uma necessidade urgente de se reconhecer o outro em sua realidade e que o consumo excessivo de mídias digitais está afastando mais, do que aproximando. Que a cooperação mútua é sim necessária na construção dos direitos e emancipação do outro, no combate aos problemas gerados pelo individualismo e repressão do outro.

Na segunda parte do encontro, o participante é convidado a refletir a letra de uma música, poema, poesia ou até mesmo um vídeo, que possa trazer a importância do reconhecimento à realidade do participante. Este, além de ver, ouvir e sentir, pode participar na construção de outras estrofes complementares, cordel ou vídeos<sup>22</sup>. O grupo ou sujeito participante pode apresentar aos demais e, explicar, logo em seguida a importância do reconhecimento intersubjetivo, no que foi proposto em seu trabalho.

No encontro filosófico, anteriormente citado, verificou-se que os participantes se utilizaram de palavras que evocavam identidade, liberdade, desejo e esperança em dias melhores. Os mesmos foram divididos em grandes grupos (nas áreas livres da própria escola), munidos com caneta, cópia impressa da poesia, cartazes e murais reutilizáveis (visando o não desperdício e ecologia), vilões, pandeiros, atabaques, chocalhos, microfones e caixas de som (pertencentes ao acervo de música e artes da própria escola).<sup>23</sup>

Alguns participantes optaram por criar um complemento poético com enfoque no “reconhecimento de si e do outro”, a partir da poesia “Reconhecer” de Giano Carlos dos Santos Guimarães. Reconhecimento de si. A maioria das novas estrofes concedeu destaque a “construção da identidade através do autoconhecimento”; na “alteridade, que consiste em

---

<sup>22</sup> Esclarecimento: a utilização de aparelhos eletrônicos só foi feita nesta parte do encontro, visando a produção de vídeos para apresentação aos demais, no auditório. Tendo em vista, não ser permitido a utilização do mesmo no decorrer do encontro, apenas para caráter de urgências ou compromissos pessoais. Sendo que a gestão ficou responsável de comunicar tais ocorrências, evitando a não perturbação do encontro.

<sup>23</sup> Em caso de a escola ou departamento que for executar um encontro desse nível, seguindo esses mesmos procedimentos, é aconselhável pedir apoio da Secretaria de Cultura do município. Levando em consideração as próprias moções de apoio e incentivo do MEC às prefeituras, quando se trata desse tipo de movimento envolvendo Educação, Cultura e Artes.

reconhecer a individualidade e as especificidades do outro”; ao “agir com empatia, respeito e tolerância”; na “importância de se colocar no lugar do outro, entendendo suas angústias e sofrimento; e na “necessidade de reconhecer e tratar as culturas diferentes com respeito, em sua integridade”. Abordagens poéticas acima do que se era esperado, somadas com a exuberante riqueza de temas abordados nas aulas de filosofia.

A maioria, optou por compor pequenos trechos de músicas, paródia e dança. Alguns alunos, por exemplo, tomaram a canção “Canto para o Senegal” da banda Reflexú’s e adaptaram na seguinte letra:

Reco Reco Reco Reco Reconhecimento!

Reco Reco Reco Reco Reconhecimento!

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

A grandeza do eu, se deu quando houve esse reconhecimento

E o individualismo que contagiava como paixão

Ilê-Aiyê traz imensas verdades este momento

A filosofia trazendo para nós a Cooperaçãoãããããããã

Os seres humanos tem entendeeer

Acolher com ternura, amor e compaixão

Aqueles sem as mesmas chances de sobreveeeer

Em meio ao sistema e a privaçaããããããã

Ilê (Ilê)

Emancipar, obatalá

Agô iêe

Esses são nossos sentimentos aos alienados

Se não houver reconhecimento serão devorados

Pela ganância e destruição de alguns malvados

Reco Reco Reco Reco Reconhecimento!

Reco Reco Reco Reco Reconhecimento!

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

Diz Povão, Haja Cooperação

*Produzida pelo grupo 02, turma do terceiro ano “C”, 13/03/2024.*

Esta foi a mais aplaudida das apresentações, pela criatividade, referência ao tema e a forma como o público se deixou levar balanço da música. Deixando um legado da capacidade deles e da força transformadora de se trabalhar em equipe. De fato, que eles poderiam apenas ir lá no aplicativo com inteligência artificial e solicitar uma adaptação da música, todavia, não seria comparável a experiência vivenciada entre os membros dos grupos; seja no exercício do diálogo, troca de conhecimentos, boas risadas, reflexão filosófica e expressões artísticas. Em cada apresentação, os participantes demonstraram envolvimento com a temática e inserção da mesma em sua realidade.

Na terceira parte, o participante é convidado a refletir na letra de uma música selecionada, que evoque a importância de se vivenciar as temáticas: identidade, desejo e valores. A escolha da canção “Sua Graça” de Humberto Gessinger, para o primeiro encontro filosófico, careceu de grande análise, em se tratando dessas três grandes temáticas.

A referida canção possui uma letra potente, principalmente, ao explorar a complexidade da identidade pessoal e a busca por significado em um mundo onde os valores pessoais muitas vezes se perdem. Humberto Gessinger é um letrista ímpar, sempre fazendo belas composições, costuma brincar muito bem com as colocações e os aspectos frasais de suas letras, formulando assim, questões que precisam de alguma reflexão para serem compreendidas, e muitas frases do mesmo por serem ambíguas, carregam diversos sentidos.

O participante é convidado a observar sua letra que inicia mencionando um santo com o mesmo nome do narrador, que andou pela terra sem deixar rastros. Formulando assim, uma reflexão nessa imagem, ao ser interpretada como uma metáfora para a sensação de anonimato pessoal e a luta para encontrar um propósito ou deixar uma marca significativa no mundo, em sua existência.

O segundo verso fala sobre envelopes com o nome do narrador que cruzaram oceanos e se perderam no caminho. Isso pode simbolizar as tentativas de comunicação e conexão que falham, refletindo a frustração do sujeito em não ser compreendido ou reconhecido. A menção ao “coronel” sugere uma figura de autoridade ou poder que, apesar de sua posição, também enfrenta o isolamento e a falta de comunicação efetiva. Da mesma forma, pode ser entendido como uma crítica aos poderosos que, estando imersos em luxúrias, curtindo a presença de “amigos criados pelo dinheiro” e usufruindo de tudo aquilo que a ilusão capital traz como felicidade, encontram-se em um vazio existencial e falso reconhecimento, por parte dos que estão ao seu redor.

No refrão, a repetição de “Só você sabe quem eu sou” destaca a importância de uma conexão íntima e verdadeira com o outro, uma reciprocidade interpessoal que realmente compreende a essência do narrador. A música termina com a imagem de uma rua com o nome do narrador, que se transforma em uma “avenida anonimato”, reforçando a ideia de que, apesar de todos os esforços para se destacar, a verdadeira identidade muitas vezes permanece oculta ou ignorada.

Sabidamente, aplica na linguagem musical a presença de um “fake” e um “clone delirante” sublinhando a confusão e a multiplicidade de identidades que uma pessoa pode assumir ou ser forçada a assumir. Principalmente, em uma cultura de massa alienada e/ou em contextos de alto consumo de mídias digitais. Nestes, o sujeito tem sua identidade, cultura e valores violados, sufocados e vilipendiados pela cultura de consumo de redes sociais integradas, ao fomentarem padrões mercadológicos e realidades fictícias. Entretanto, no final, apenas uma verdadeira identidade é suficiente e significativa, aquela construída nas relações intersubjetivas da realidade dos sujeitos.

Os participantes do encontro filosófico associaram os termos “fake” e “clone delirante” ao velamento da identidade do sujeito, como resultado do consumo excessivo de mídias digitais. Foi unânime, ao dialogarem em grupos, que o hiperconsumo se apresenta, sim, como a nova caverna de Platão da era tecnológica. Notou-se que, os participantes utilizaram termos para definir o atual modelo de sociedade, utilizando palavras que refletem a atual substituição da realidade, tais como: sociedade de imagens, personalidades virtualizadas, felicidade no consumismo, manipulação de dados, inculturação, subversão da identidade, personalidade de imitação, desrespeito generalizado, desprezo do outro, hiperexaltação de si mesmo, nova escravidão social, padronização forçada e outros conceitos.

Destes conceitos, alguns causaram grande impacto nos participantes. Por exemplo, o primeiro grupo da turma do 3ºA-2024 foi fortemente aplaudido, quando afirmou que a atual sociedade está vivenciando um “novo modelo de escravidão social”, onde quase todos se prendem ao sistema de consumo, semelhante moscas em teias de aranha. Se antes, no período da colonização eurocêntrica, foram marginalizados apenas nativos indígenas e afrodescendentes, no tempo presente, todos estão sendo vitimados por um sistema de colonização de dados e tendo seu pensamento programado apenas ao consumo.

Os participantes dos dois grupos, da turma do 3ºD-2024, focaram no trecho “clone delirante”, tecendo fortes e pertinentes críticas ao atual modelo de sociedade, a partir dos conceitos de “padronização forçada” e “inculturação programada”. Ressalvando que, a imersão excessiva em mídias digitais está ocultando e esvaziando suas capacidades artísticas, formando uma identidade baseada no imitacionismo,<sup>24</sup> egocentrismo e representatividade sistêmica. O sujeito não é mais o protagonista de sua história, mas uma marionete do sistema; o lugar do outro sendo ocupado por aparelhos de inteligência artificial; as atitudes, expressões e participação na vida social sendo substituídas pelo isolamento, angústia e expulsão do outro.

Ao final, o encontro pode ser encerrado com o diálogo entre os (as) participantes, acerca de suas novas perspectivas construídas ao longo de cada parte, podendo ser socialmente partilhado algum tipo de lanche. Sendo de suma importância, combinar antecipadamente a maneira como será feito o encerramento, e a capacidade de lotação de pessoas e a logística para se vivenciar cada momento.

O encontro filosófico *Ágora Sertaneja*, realizado em 13 de março de 2024, ocorreu nas instalações de uma grande escola de referência estadual (EREMSNC) e em um rancho a 100 metros da escola, com muitas árvores, grama e uma natureza diversa. No decorrer do dia, foi servido o café da manhã e almoço na escola, encerrando, à tardezinha, com um lanche partilhado em forma de piquenique, contemplando o por do sol entre as belas montanhas do Sertão Pernambucano.

### **Perspectivas futuras do encontro *Café Filosófico Ágora Sertaneja* a partir da experiência do evento de 13/03/2024**

---

<sup>24</sup> Palavra formulada pelo autor desta dissertação. A mesma foi originada a partir do termo latino *IMITATIO-ONIS*, que abarca uma variedade de situações, incluindo a imitação, representação, mímica, a receptividade, o ato de se assemelhar e o ato de expressar outro. (Cf. Dicionário Latim-Português. Coimbra, Petrus, 2005, p.443)

Diante dos resultados positivos, obtidos na primeira edição realizada na EREM Senador Nilo Coelho, em Dormentes-PE, é possível vislumbrar diversas perspectivas futuras de mudanças nos horizontes daqueles que vivenciaram fielmente o encontro. Sendo verdadeiros ao responder o questionário e meditar em suas respostas, participando do diálogo filosófico e experiência interpessoal nas rodas de conversas, poesias, textos, músicas e paródias. Percebeu-se que, os impactos repercutiram na memória e atitudes dos estudantes no decorrer de 2024.

Foi excepcional ouvir testemunhos dos professores das outras disciplinas, questionando o que havia acontecido com alguns alunos, por terem evoluído assertivamente em sua forma de tratar os companheiros de turma, reduzirem o uso de eletrônicos em sala de aula e forte diminuição de atitudes desrespeitosas. Pontuações pertinentes, que carregam o evento de boas energias para realizações de mais edições. Como uma fagulha é capaz de gerar um grande incêndio, assim também será este encontro filosófico, muitos ouvirão e procurarão vivenciar este momento singular com suas turmas ou até em família, amigos ou com colegas de trabalho.

Em vista disto, faz-se importante notar que, a cada edição, há e haverão singelas evoluções, aprimoramentos, adições e alterações na estrutura desse encontro. Bem como, a análise e incremento de outras diferentes abordagens e metodologias para aplicação prática deste trabalho filosófico nos contextos interpessoais acadêmicos, sociais ou comerciais. A filosofia não possui fronteiras ou limitações, pois acontece na realidade e reflexão do sujeito, não sendo propriedade de nenhuma bolha acadêmica, mas podendo ser vivenciada em outras dimensões onde há necessidade de cooperação e reconhecimento mútuos.

No âmbito escolar, especialmente, no que diz respeito a escolas com regime de ensino integral, percebe-se que há certa dificuldade em alinhar-se com a gestão e demais colegas professores acerca de uma data propícia para realização do encontro. Todavia, os resultados positivos, obtidos nesta primeira edição, transmitem ao educador que deseja transformar o “chão de sua sala de aula”, um espírito de luta para se encontrar uma data e vivenciar as temáticas do referido encontro.

Além do mais, a avaliação final, efetuada pelos participantes, os impactos posteriores no chão da sala de aula e ambientes interculturais da escola, quando pode se verificar a



mudança de atitudes, assim como, uma maior participação e debate nas aulas de filosofia e outras disciplinas, falam por si só da importância deste evento.

Em sentido último, cabe apenas, paciência e estratégias para superar as barreiras impostas pelo organograma do Currículo de Pernambuco, fechado em si por essa didática já imposta sistematicamente. Este engessamento da grade curricular dificulta bastante a realização de eventos desse porte, principalmente, quando o intuito é abarcar todos os alunos de um período formativo, abrangendo as realidades de quem reside na zona urbana e rural, como foi o caso aqui da EREM Senador Nilo Coelho. Que possui a maioria de seus discentes advindos do interior do município, mas que, com a devida organização e estruturação, tudo fluiu e saiu melhor que o planejado. Verdadeiramente, quando o intuito ensejado é uma melhor qualidade do estudante na dimensão afetiva e no ensino-aprendizagem, tudo é possível e vale a pena lutar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos e argumentos apresentados nesta dissertação, percebe-se que a temática reconhecimento não é obsoleta, mas de extrema necessidade contra as crises comportamentais e intelectuais da reificação, advindas do consumo excessivo das novas tecnologias digitais. No desenrolar deste trabalho, percebeu-se que a práxis da interpessoalidade e cooperação mútua propostas pela filosofia de Axel Honneth configura-se como antídoto para o caos do individualismo patológico que vem desfigurando as relações intersubjetivas nas últimas décadas. O fechamento de si mesmo que transforma o sujeito em mero expectador e mantenedor de um mercado de consumo, ascendentemente, desumano e esterilizador da identidade pessoal, valores culturais e vivência social.

Em sentido inicial, percebeu-se que a problemática da reificação, enquanto conceito normativo e descritivo na filosofia de Lukács, denuncia o impacto desumanizante dos sistemas sociais, como o mercado, o Estado, a política ou a burocracia, em sentido semelhante com o conceito marxista de alienação e com o conceito weberiano de racionalização formal. E que, embora a tríade dialética da objetivação, alienação e reapropriação já esteja presente em Hegel, a verdadeira história do conceito inicia-se com Marx e com a interpretação hegeliana de Marx por Georg Lukács em *História e Consciência de Classe* de 1923.

Nessa sua obra, defendeu que a *consciência proletária* transcendia a imediatidade interesseira do capital, sendo capaz de objetivar em uma realidade superior que seria a verdadeira realidade. Surgindo assim, a reificação com sentido de *instrumentalização*, diretamente vinculado ao trabalho do operário e a consciência de classe. Esta consciência não se limitaria apenas ao contexto fabril, enquanto fenômeno do fetichismo da mercadoria no âmbito econômico. A investigação de Lukács verificou que haviam relações instrumentalizadas no âmbito do direito, a política, academias filosóficas, científicas e artísticas, tal qual um vírus silencioso que se espalhava rapidamente.

Georg Lukács procurou comprovar que a mesma reificação à qual o trabalhador estava submetido, no interior da fábrica, encontrava-se disseminada em todas as classes e esferas da vida social. O mesmo notou que a amplitude reinante da reificação já manifestava-se na conjugação simultânea de dois polos: o agravamento da crise, em suas diferentes dimensões: econômica, política, moral e cultural; e a emergência da ação revolucionária do proletariado, uma luta por reconhecimento, mediante a exploração (viver em prol do labor).

Sua filosofia, dá a entender que “o predomínio da forma-mercadoria exige e estimula uma condição necessária tanto para a produção de bens em larga escala como para o fomento da troca mercantil: o rompimento dos laços que prendiam os trabalhadores à vida comunitária” (Neto, 1981, p.65). Fazendo com que o conceito filosófico de reificação seja explicitamente empregado como resposta para a distinção entre a experiência social no capitalismo e a vivência própria das formas históricas do passado. Assim, a chamada “objetividade ilusória”, analisada por Lukács, configura-se numa estrutura mercantil instrumentalizada, na qual, as relações entre pessoas tomam o caráter de relações entre coisas (Lukács, 2003, p.97).

No processo de reificação, o *homo faber* passa a ser submetido tanto de forma material quanto psicológica a uma realidade abstrata e fragmentada, deixando lentamente de perceber aquelas mediações presentes entre ele e a totalidade que lhe circunda. A divisão social do trabalho atrelada à mecanização progressiva dos meios de produção transforma desde as formas mais elementares de produção até a moderna indústria dos processos racionalmente operacionais, subdivididos e parciais. A mecanização, expressa na fragmentação do trabalho e na racionalização de seus processos parciais, não é somente uma realidade material, mas também espiritual, pois introduz na subjetividade do trabalhador os mesmos processos reificados da produção industrial.

Lukács, comprova que os processos da racionalização industrial estão em constante autonomia sobre o proletariado. Um processo que possui implicações diretas no sujeito, já que a perda da totalidade do objeto, enquanto produto do trabalho humano, significa a própria perda da totalidade da consciência do sujeito. Assim, a “fragmentação dos processos de produção e da divisão do trabalho significa a fragmentação do indivíduo, sua inserção fragmentada nesta realidade o conduz a uma posição contemplativa diante do processo de produção mercantil” (Lukács, 2003, p.103).

Axel Honneth, por sua vez, em sua obra *reificação*, o filósofo concede uma nova roupagem a esta problemática, apresentando uma possível causa para o que denomina de *genocídio industrializado*” (Cf. Honneth, 2008, p. 78). A reificação é tratada como resultante de uma *práxis horrível* que caracterizou a história da humanidade, manifesta fortemente no capitalismo industrial desenfreado, tendo sua origem no *genuíno esquecimento do reconhecimento*. Este fenômeno tem por resultado a forma mais radical de destruição daquele laço originário que une as pessoas umas às outras.

Contextos sociais reificados são aqueles onde as pessoas se relacionam uns com os outros na forma desrespeitosa e individualista. Ou seja, “ausentes do interesse em assumir a perspectiva do outro” (Honneth, 2008, p. 98). Uma patologia que assola as esferas sociais, marcadas pelo consumo excessivo, automanipulação emocional e fechamento do sujeito em si mesmo. A nova reificação designa as “formas crassas da utilização instrumental de pessoas ou para analisar fenômenos comparáveis de estranhamento econômico dos nossos relacionamentos vitais” (Dalbosco, 2011, p.19).

Percebe-se que Honneth define o conceito lukacsiano de reificação como hábito ou costume de um comportamento observante, “o qual permite que a perspectiva do mundo circundante natural, do mundo social e das potencialidades próprias de uma personalidade seja compreendida somente como ausência de participação e de afeto, ou seja, em última instância, como uma coisa apenas” (Honneth, 2005, p.24). Um tipo de esquema sujeito-objeto, no qual o próprio sujeito assume a condição do observador distante, neutro afetivamente, com o conhecimento bloqueado para o reconhecimento prévio e a compreensão da *práxis*, sendo incapaz de justificar a postura intersubjetiva como sujeito agente.

Em contrapartida, o que Honneth propõe em sua tese do primado do reconhecimento, não é aquela postura cognitiva baseada no modelo do observador distante, neutro afetivamente, mas, uma postura de reconhecimento (2013, p.57). Sendo esta, constituída pelo envolvimento interpessoal, um modelo que constitui o primado do reconhecimento em relação ao conhecimento do outro e de si. Entendendo-se que a patologia da reificação acontece na relação do ser humano com seu mundo, não tendo mais o contexto da fábrica como estopim, mas a própria realidade do sujeito, em meio as novas estratégias tecnológicas do capitalismo de consumo. Assim, o reconhecimento que deveria partir do “eu” para com o “outro” numa relação mútua e de tomada de consciência é violado pela subjetividade apenas “do eu” para um “si mesmo”.

A rapidez impalpável na disseminação de informações através dos diversos veículos de tecnologias digitais tem colocado os jovens diante de um fenômeno social e cultural de individualização, numa patologia social generalizada. O atual modelo de sociedade está desabilitando as pessoas na condução da vida cotidiana. O mercado global utiliza-se das mídias digitais para insemear parâmetros existenciais, padrões de vida fantasiosos e mentalidade puramente capitalistas, inescrupulosamente, invadindo todas as realidades sociais vigentes.

No segundo capítulo, conforme enaltecido pelos vários expoentes da filosofia e sociologia, notou-se que o controle da massa juvenil pela mídia digital tem desabilitado o ato de cooperação. Tornando quase impossível que o indivíduo conquiste uma autonomia verdadeira, através do conhecimento mútuo e do ato de cooperar (Cf. Honneth, 2013, p.54). A cooperação é uma das chaves principais para enfrentar os conflitos e desafios típicos destas sociedades.

Quando se faz uma análise filosófica da reificação no contexto do Ensino Médio é notável que esta patologia gera, constantemente, uma escassez de cooperação, respeito mútuo e reconhecimento interpessoal entre alunos e, até mesmo, os próprios educadores. O estudante está perdendo a capacidade de lidar com as diferenças do outro e as circunstâncias vitais que a convivência origina, seja no tocante à realidade acadêmica como também no familiar.

O devaneio das campanhas publicitárias, promovidas por grandes indústrias de computadores e celulares no alvorecer do século XXI, criaram a fatídica ilusão de que esses novos aparatos tecnológicos iriam encurtar distâncias, aproximando os distantes e aprimorando as relações sociais. Todavia, o que se percebe, em poucas décadas de uso, é que essa esperança no potencial das novas tecnologias da informação está em crise. Percebeu-se que os aplicativos e plataformas de comunicação digital têm servido mais como fonte de consumo excessivo de entretenimento fictício, jogos impróprios à saúde mental e a construção estereotipada de falsas identidades pessoais nas redes sociais.

Os adolescentes e jovens acabam percebendo que, enquanto no mundo virtual se é aquilo que convém ser, na realidade pessoal não há aqueles comandos de bloquear, excluir, apagar, colar e editar, quando tudo não sai da maneira que se quer. O resultado disso desnuda-se em sala de aula, na presentificação de diversos tipos de preconceito (sobre si mesmo e o outro), violência, desrespeito, tentativas de apagamento do outro, humilhações, racismo e ostentação de padrões sociais totalmente aversos com a realidade. Estar focado nas telas é sinônimo de silêncio, apatia com o outro, risadas sozinho, narcisismo e promoção extrema da autoimagem, foco nas publicações e novidades midiáticas.

Contudo, quando se trata de se voltar para a realidade da sala de aula ou ambiente escolar, o problema é o “estar diante do outro”, uma relação que implica numa série de “movimentos, manifestações e sentimentos que não podem ser mecânicos ou editáveis” (Cf. Corea, 2008, p.31), mas espontâneos, emancipados e dinâmicos. As “redes sociais não estimulam a cooperação e reconhecimento mútuo como se propagava, mas, em sentido contrário, incitam ao crescente individualismo, extremismo, narcisismo e expulsão do outro”

(Han, 2022, pp. 73-75), reduzindo as capacidades cognitivas e comprometendo a maneira de lidar com o diferente. Diante disto, o estudante opta por viver isolado em seu mundo virtual, de tal maneira que, aquilo se transforma em sua nova verdade de vida, ao ponto de tudo o que não está de acordo com ele seja ignorado ou incorporado.

A reificação está, justamente, nesta crise comportamental e intelectual causada pela excessiva imersão neste universo virtual. Esse padrão global de consumo entre crianças, adolescentes e jovens tem ido além simples crises pessoais, gerando problemas identificados por educadores, psicopedagogos e psicólogos, podendo ser elencados seis de maior preocupação e intensidade: habilidade de escrita comprometida; dificuldade na socialização com o outro; risco à segurança das informações, dispersão social; competitividade tóxica e crise de identidade. Situações presentes no cotidiano escolar e que exigem novos métodos de ensino aprendizagem para se superar.

Eis o porquê de se trabalhar com os alunos a importância da intersubjetividade na vivência acadêmica em oposição ao consumo excessivo das mídias digitais, seja no contexto educacional, familiar ou social. A intersubjetividade possui indiscutível importância no desenvolvimento da consciência crítica das sociedades contemporâneas, um aspecto crucial para a formação de cidadãos mais conscientes e ativos em suas respectivas esferas sociais. O consumo exacerbado de tecnologias digitais gerou a necessidade urgente de compreender como as interações interpessoais, ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais, contribuem de maneira significativa para a formação da consciência crítica dos indivíduos no ambiente em que vivem e interagem.

A compreensão e prática da intersubjetividade, como apontado por Axel Honneth (2013) nos capítulos anteriores, reside no fato de que a construção da consciência crítica não se dá de maneira isolada e individual; ao contrário, ela é profundamente influenciada por diversos aspectos culturais, históricos e sociais, que moldam as relações humanas de maneiras complexas e frequentemente entrelaçadas, criando um tecido social rico e diversificado.

A reflexão filosófica, vivenciada de modo interpessoal, promove a partilha de situações e exemplos práticos que ilustram a dinâmica intrincada e sua influência poderosa no pensamento crítico e na habilidade de questionar as problemáticas e acontecimentos presentes realidade. O ato de refletir permite que os indivíduos não apenas absorvam informações de maneira passiva/alienada, mas que também desenvolvam uma postura ativa e reflexiva diante das situações que se apresentam em seu contexto.

Estas crises e desafios, enfrentados pelas sociedades contemporâneas, exigem a ação prática e resistente de um público acadêmico mais consciente, questionador e participativo, capaz de não apenas reagir às circunstâncias, mas também de moldar e influenciar ativamente o ambiente social em que estão inseridos. A práxis da intersubjetividade pode se tornar esse veículo poderoso e dinâmico para a transmissão de conhecimentos, valores e perspectivas diversas, que não apenas enriquecem o ideal coletivo, mas também promovem um ambiente fértil ao diálogo construtivo, a empatia e a reflexão crítica, na luta pelo reconhecimento mútuo.

Percebe-se que Honneth (2008), ao analisar o contexto dinâmico e em constante transformação das esferas sociais, procura destacar o papel singular de se experienciar uma consciência crítica mais robusta, indispensável para enfrentar os desafios complexos que emergem nas circunstâncias socioculturais. Essa consciência crítica não deve ser aquela do monge, condicionado em sua clausura pessoal e analisando os acontecimentos do mundo dentro de uma gaiola ideológica, bolha religiosa ou mentalidade ensimesmada, todavia, deve ser forjada na dinâmica entre relações interpessoais e realidade dos fatos.

A proposta de encontros filosóficos com a dinâmica de cooperação mútua, na construção desta consciência crítica, permite ao estudante entender, de forma mais abrangente, “a formação de subjetividades e identidades situadas no complexo cenário educativo e sociocultural da atualidade” (Pucci *et al.*, 1998, p. 33). Ao analisar filosoficamente esta totalidade de si e do outro, os estudantes conseguem desconstruir preconceitos enraizados e a construir novas formas de diálogo com aqueles que os cercam.

A convivência, antes conflituosa e individualista, torna-se pacífica e enriquecedora em sociedade, “promovendo um espaço onde a diversidade é celebrada e respeitada; fomentando um clima de empatia e compreensão mútua entre os diferentes grupos sociais e culturais, presentes neste contexto formativo” (Rogers, 2009, p. 89).

O Ensino Médio configura-se como momento de decisões, mudanças psicológicas e biológicas, maior maturidade no aprendizado e a porta de ingresso na universidade, mercado de trabalho e/ou formação de uma família. Sendo assim indispensável, esta experiência do diálogo interpessoal e lapidação do pensamento crítico, peças fundamentais e essenciais, na promoção uma sociedade mais consciente, informada e engajada em questões pessoais, sociais, políticas, culturais e éticas.

A consciência crítica no processo de ensino-aprendizagem, portanto, não deve ser trabalhada didaticamente apenas como um conceito teórico acadêmico, mas como uma prática absolutamente necessária e urgente. O corpo discente há que participar de forma ativa e responsável na construção de um mundo mais justo e igualitário, que “acolha a diversidade de ideias e experiências humanas, e que reconheça a dignidade de todos, independentemente de suas origens ou condições” (Lahuerta, 2020, p.21).

Esta incorporação abrangente da consciência crítica na educação, na vida cotidiana e nas interações sociais é um passo essencial e inadiável que não pode ser ignorado, pois é vital para a transformação social e para o empoderamento de indivíduos que almejam contribuir positivamente para suas comunidades, a sociedade como um todo, criando laços de solidariedade, respeito e cooperação.

A idealização e vivência do encontro “Café Filosófico *Ágora Sertaneja*” objetivou-se no intento de promover uma práxis *uni e pluridimensional* do debate filosófico, no qual, os estudantes possam exercitar o que aprenderam na disciplina de Filosofia e, ao mesmo tempo, serem protagonistas de uma práxis voltada ao reconhecimento mútuo e tomada de consciência das patologias causadas pela reificação. Como já elencado, um evento que está além de análise textual filosófica, responder questionário, recitar poesias ou cantar músicas, outrossim, um espaço reservado para a experiência coletiva, longe do barulho das ruas, fora das redes sociais, da alienação de entretenimentos e do consumo excessivo de mídias diversas.

O cenário da *Ágora Filosófica* nunca saiu de cena ao longo da história, do universo grego ao mais singelo encontro pessoal no mais recôndito lugar deste planeta, onde se preza buscar pela verdade e conhecimento do que há no universo pessoal, social ou cósmico. No Sertão pernambucano, sob a potência deste sol iluminador e realidade admirável do nordestino batalhador, que esse encontro de filosofia possa resplandecer na mente de cada estudante, tornando-os conscientes de sua realidade interpessoal, libertando-os da ilusão do individualismo consumista; figurado como a nova caverna platônica da atualidade, onde os sujeitos são movidos pelas imagens de universos ilusórios, transmitidas pelas novas tecnologias digitais.

O prelúdio de tudo isso foi dado no dia 13/03/2024, quando ocorreu o encontro, citado anteriormente, no qual a semente de uma compreensão sobre reificação e reconhecimento foi plantada nesse solo sertanejo, à luz de contagiantes reflexões, expressões e dinâmicas filosóficas. Presenciar, enquanto professor, uma centena e meia de jovens refletindo acerca de sua relação com o consumismo midiático e a importância do outro no tempo presente, foi



espetacular. Estudantes que expressaram seus dotes artísticos, sua inteligência em formar diálogos e analisar problemas filosóficos sem depender de chat's ou inteligências artificiais que pudessem lhe fornecer uma possível resposta.

Em sentido último, cabe ressaltar que o fortalecimento da consciência crítica não só impulsiona o crescimento individual e o desenvolvimento pessoal do estudante, como também atua de forma catalisadora para transformações sociais profundas. Sendo estas, imprescindíveis para o avanço de um modelo educacional mais equitativo, participativo e solidário, formando uma sociedade onde direitos humanos são respeitados, a justiça prevalece e todos os cidadãos são valorizados e ouvidos em sua alteridade e individualidade, gerando um maior reconhecimento recíproco e autoestima partilhados.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Adorno, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- Albornoz, Suzana Guerra. *As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth*. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 127-143. 2011.
- Anders, Günther. Canibalismo Pós-civilizacional. *Flauta de Luz – Boletim de Topografia*. N. 1 janeiro, pp. 29-34. Porto Alegre, 2013.
- Anderson, Joel; Honneth, Axel. Autonomia, Vulnerabilidade, Reconhecimento e Justiça. **Cadernos de Filosofia Alemã**, FFLCH-USP, São Paulo, n. 17, jan./jun. 2011, pp. 81-112.
- Araújo Neto, José Aldo Camurça de. **O Reconhecimento em Axel Honneth: Um diálogo Crítico com Hegel**. 2018. 191 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30679>
- Arendt, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- Arendt, Hannah. *Entre o passado e o futuro* 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- Bauman, Zigmund. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Bauman, Zigmund. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- Bauman, Zigmund. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- Belloni, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Autores Associados; São Paulo, 2009.
- Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018
- Bressiani, Nathalie. —Luta por reconhecimento e diagnóstico de patologias sociais; Dois momentos da teoria crítica de Axel Honneth. In: Melo, Rúrion (coord.). **A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça**. São Paulo: Saraiva, 2013, p. 257-292.
- Camacho, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 325-343, jul./dez. 2004.
- Carr, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. São Paulo: Agir, 2011.
- Carraro, Ivo. Eco Debate, 06/08/2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591422-uso-excessivo-do-celular-pode-causar-dependencia-e-problemas-psicologicos> acesso em 14/10/2023.

Castells, M. **A sociedade em rede**. v.1. 8ªed. Paz e Terra, 2005.

Castro, Lucia Rabello de *et al.* *A construção da diferença: jovens na cidade e suas relações com o outro*. **Psicol. Estud**, v. 11, n. 2, p. 437-447, 2006.

Censi, Ângelo Vitório. *A tese da primazia do reconhecimento sobre o conhecimento em Axel Honneth: contribuições para os processos educativos*. **Linhas Críticas**, vol. 22, núm. 49, setembro-dezembro, 2016, pp. 708-726. Universidade de Brasília.

Cesco, Marcelo L. **Reconhecimento em Axel Honneth**. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.

Chomsky, Noam. **Media Control**. Trad. Michael Haupt; Piper Ebooks, 2013, pp. 110-111.

Corea, Cristina. *Pedagogia y comunicación em la era del aburrimiento*. In: \_\_\_\_\_; LEWKOWICZ, Ignácio (Org.). **Pedagogia del aburrido: escuelas destituídas, familias perplejas**. 1. ed., 4. reimp. Buenos Aires: Paidós, 2008.

Costa, Jurandir Freire. **Perspectivas da juventude na sociedade de mercado**. In: Novaes, Regina; Vanucchi, Paulo. *Juventude e sociedade - Trabalho, educação, cultura e participação* Rio de Janeiro: Perseu Abramo, 2004.

Crocco, Fábio Luiz Tezinni. *Georg Lukács e a reificação: teoria da constituição da realidade social*. **Kínesis**, Vol. I, nº 02, Outubro-2009, p. 49 – 63.

Dalbosco, Claudio Almir. *Reificação, reconhecimento e educação*. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n.46, p. 33-51, abr. 2011.

Dardot, Pierre; Laval, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Boitempo, São Paulo, 2016.

De Caux, Luiz Philipe (2017). *Um mundo que, por acaso, não é como deveria ser: crítica e explicação em Axel Honneth*. **Cadernos De Ética E Filosofia Política**, 1(30), 165-180. <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v1i30p165-180>.

Débord, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

Duarte, Rodrigo. A indústria cultural global e sua crítica. In: DUARTE, R. et al. (Orgs.). **Kátharsis: reflexões de um conceito estético**. Belo Horizonte: C/Arte, 2002. p. 251-264.

Duffau, Hugues. *Brain plasticity: from pathophysiological mechanisms to therapeutic applications*. **J. Clin. Neurosci.** 13, 885–97 (2006).

Dunker, Christian. *Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico*. São Paulo: autêntica, 2018.

Elliott, Anthony. **Reinvention**. London: Routledge, 2013.

Elliott, Anthony; Lemert, Charles. The global new individualist debate: three theories of individualism and beyond. In: Elliott, A.; GAY, P. du (Eds.). *Identity in question*. London: Sage, 2009.

Flick, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

Flickinger, Hans-Georg. *Autonomia e reconhecimento: dois conceitos-chave na formação*. **Educação**, v. 34, n. 1, p. 7-12. jan./abr. 2011.

Flusser, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Fuhrmann, Nadia. *Luta por reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais*. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.79-96, jun.2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782013000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 abr. 2023.

Gadamer, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Ed. Vozes, 2002.

Gadamer, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Ed. Vozes, 2007.

Giddens, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Ed. Unesp, 1991.

Han, Byung Chull. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Han, Byung Chull. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

Heidegger, Martin. A questão da técnica. In.: **Scientia e Studio**. São Paulo, v. 5. n. 3, 2007, p. 375-398. Disponível em: [www.revistas.usp.br/ss/article/download/11117/12885](http://www.revistas.usp.br/ss/article/download/11117/12885) . Acesso em 19/04/2024.

Honneth, Axel. *Educação e esfera pública democrática: Um capítulo negligenciado da filosofia política*. **Civitas**: Porto Alegre, 2013, v. 13, n.3, p. 544-562, set.-dez. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16529>

Honneth, A. (2014). *Barbarizações do conflito social*. **Civitas**, 14(1), 154-176. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16941>

Honneth, A. **O direito da liberdade**. Martins Fontes: São Paulo, 2015.

Honneth, A. **Luta por reconhecimento**. Editora 34: São Paulo, 2009.

Honneth, A. **Reificação, um estudo da teoria do reconhecimento**. Unesp: São Paulo, 2018.

Honneth, A. *Reconocimiento y Menosprecio*. Buenos Aires: Katz, 2010.

Honneth, A. **Sofrimento de Indeterminação**. São Paulo: Esfera Pública, 2007. (PDF)

Honneth, A. *Observações Sobre a Reificação*. Civitas, Porto Alegre, v.8, n. 1, p.68 -79, 2008.

Horkheimer, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

Kant, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Unesp: São Paulo, 1999.

Kaufman, Dora. **Desmistificando a inteligência artificial**. São Paulo: Autêntica, 2022.

Kaufman, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

Kehl, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação In: KEHL, M. R.; BUCCI, E. (Orgs.). **Ensaio sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

Kellner, Douglas; Santomé, Jurjo Torre; Nelson, Cary. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. São Paulo: Vozes, 2013.

Kellner, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

Klein, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2008.

Krawczyk, Nora. (2018) **Charter school: uma escola pública que caminha e fala como escola privada**. Disponível em: <https://www.cartaeduacao.com.br/entrevistas/charter-school-uma-escola-publica-que-caminha-e-fala-como-escola-privada/> Acesso em 09.09.2018.

Kundera, Milan. **A lentidão**. New York: Harper Collins, 1995.

Lallement, Michel. **Histórias das ideias sociológicas: das origens a Max Weber**. V. I. Petrópolis, RJ, Vozes: 2008.

Larrosa, Bondía Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

Lahuerta, Milton. **Educação e política no contexto da crise contemporânea: formação para a vida civil e o lugar público da escola**. In: A Escola Pública em Crise: Inflexões, apagamentos e desafios. Organizadores: Carlota Boto, Vinício de Macedo Santos, Vivian Batista da Silva, Zaqueu Vieira Oliveira. São Paulo: FEUSP, 2020.

Laval, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Editora Planta, Londrina, 2004.

Lee, Kai-Fu. **Inteligência artificial: como os robôs estão mudando o mundo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

Lévy, Pierre. **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

Lima, Licínio C. **Aprender para ganhar, conhecer para competir: sobre a subordinação da educação na sociedade da aprendizagem**. Cortez, São Paulo, 2012.

- Lyotard, Jean-François. **A condição pós-moderna** 2. ed. Rio de Janeiro: Gradiva, 1989.
- Martins, M. R. *Teoria do Reconhecimento de Axel Honneth e Educação: observações introdutórias*. Interfaces: **Educação e Sociedade**, n. 2, 2014.
- Marx, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.
- Mattos, Patrícia. **Axel Honneth: formas de desrespeito social**. *Mente, Cérebro e Filosofia*, São Paulo, n. 8, p. 58-67, 2008.
- Mead, George Herbert. **Mente, self e sociedade**. São Paulo; Vozes, 2021.
- Melo, Rúrion Soares. **A teoria crítica de Axel Honneth**. Saraiva: São Paulo, 2017.
- Melo, Rúrion Soares. **A teoria crítica de Axel Honneth: reconhecimento, liberdade e justiça**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.
- Morduchowicz, Roxana. **Los adolescentes y las rede sociales: La construcción de la identidade juvenil en Internet**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- Moreira *et al.* (2020). *Neuroplasticidade e estilo de vida: qual a relação?*. *Brazilian Journal of Development* (7): 46748–46755. doi:10.34117/bjdv6n7-347. acesso em 02/05/2024.
- Nobre, Marcos. **Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a teoria crítica**. In: Honneth, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 7-19.
- Ponty, Maurice-Merlot. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Postman, Neil. **O fim da educação: Redefinindo o valor da escola**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- Pucci, Bruno., (*et al.*). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis/São Carlos: Vozes/UFSCar, 1998.
- Ravagnani, Herbert Barucci. *Luta por reconhecimento: A filosofia social do jovem Hegel segundo Honneth*. **Kínesis**, v. 1, n. 1, p. 39-57, mar. 2009.
- Ricoeur, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.
- Rogers, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 2009.
- Sennett, Richard. **A corrosão do caráter**. 11 ed. Record, Rio de Janeiro, 2006.
- Sennett, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política de cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- Serres, Michel. **Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Sibilia, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Silva, Michel B. F. **Cibersegurança: uma visão panorâmica sobre a segurança da informação na internet**. São Paulo: Freitas Bastos Editora, 2023.

Silveira, Sergio Amadeu da. **Colonialismo de Dados: Como Opera a Trincheira Algorítmica na Guerra Neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

Sobottka, E. A.; Saavedra, G. A. *Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth*. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 9–18, 2008. DOI: 10.15448/1984-7289.2008.1.4319. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4319>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Tavares de Freitas, Lorena Rodrigues. *A aprendizagem cognitiva e moral em Axel Honneth e Michel Foucault e sua importância na compreensão do fracasso escolar das escolas públicas brasileiras*. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, 2., 2010. Curitiba. Anais. **Tendências e Desafios Contemporâneos**. Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/2010-2/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

Taylor, Charles. **As fontes do self**. A construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

Teixeira, Anísio. **Cultura e tecnologia**. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira/Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971.

Teixeira, Anísio. *O manifesto dos pioneiros da educação nova*. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. especial, ago. 2006. p. 9. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php> Acesso em: 19 abril 2024.

Trevisan, A. L., & Rossato, N. D. (2010) *Reificação e reconhecimento: reflexões para pesquisa em educação*. **Linhas Críticas**. 16(31), 275-286.

Türcke, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas/SP: Unicamp, 2010.

WERLE, Denílson Luís. **Lutas por reconhecimento e justificação da normatividade (Rawls, Taylor e Habermas)**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Acesso em: 25 fev. 2024.

Winnicott, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes; 2005.

Vandenberghe, Frédéric. **Uma História Filosófica da Sociologia Alemã: Alienação e Reificação**. Vol.01. 1ªEd. São Paulo: Annablume, 2012.

## Links

Impactos positivos e negativos da tecnologia, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/estudos-apontam-risco-e-impacto-positivo-entre-tecnologia-e-suicidio> acesso em 10/04/2024.

Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM-CE, 2022). Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2022/06/06/especialistas-do-hsm-alertam-sobre-os-perigos-do-uso-excessivo-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/>

Redes Sociais e Distração. Disponível em: <https://www.prospectaeducacional.com.br/distracao-como-a-tecnologia-impacta-as-nossas-relacoes> acesso em 24/05/2024.

Revista Científica Patterns. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/patterns> acesso em 14/05/2024.

Revista Exame, abril 2024. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/inteligencia-artificial-ja-engana-humanos-e-isso-e-um-problema-dizem-especialistas/> acesso em 14/05/2024.

Segurança e Cidadania no mundo digital. Disponível em: <https://brasilpaisdigital.com.br/seguranca-e-cidadania-no-mundo-digital> acesso em 22/05/2024.

Teixeira, Anísio. *Cultura e tecnologia*. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira/Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cultetec.html> acesso em: 19/04/2024.

Tecnologia Chat Gpt4. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/chat-gpt-4-inteligencia-artificial-mente-para-completar-tarefa-e-gera-preocupacao> acesso em 14/05/2024.

Psicólogos Berrini. Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/blog/como-o-mundo-digital-afeta-a-mente>. Acesso em 23/08/2023.

UFCG. Disponível em <https://portal.ufcg.edu.br/em-dia/1396-uso-excessivo-de-tecnologia-pode-afetar-capacidade> Acesso em 15/04/2024.

Usuários do TikTok em 2022, disponível em: <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/quantas-pessoas-usam-o-tik-tok> acesso em 10/04/2024.



## 8 ANEXOS

### **Café Filosófico Ágora Sertaneja**

#### **O Diálogo Filosófico para o Reconhecimento Interpessoal e consciência crítica**

O diálogo filosófico tem desempenhado um papel fundamental e crucial no reconhecimento interpessoal, oferecendo uma via valiosa e imprescindível para a exploração e a compreensão de diversas perspectivas e visões de mundo que têm se multiplicado, diversificado e evoluído continuamente ao longo do tempo. Essas visões refletem as complexidades da condição humana e as mudanças sociais, culturais e históricas que influenciam de maneira significativa as experiências vividas por cada indivíduo, impactando a forma como nos relacionamos e compreendemos o outro.

Este café filosófico busca instigar de maneira aprofundada o diálogo no processo de consciência crítica e reconhecimento mútuo. A prática do diálogo filosófico não apenas envolve escuta ativa, mas também a disposição para questionar crenças e preconceitos que muitas vezes permeiam nossa percepção do outro. Ressaltando de maneira enfática a importância do pensamento crítico e bem fundamentado, assim como da reflexão profunda e consciente, esses processos intelectuais promovem uma interação que seja não apenas mais significativa e relevante, mas também, essencialmente, enriquecedora e transformadora em várias dimensões. Isso se traduz em um verdadeiro compromisso com o entendimento profundo do outro, ultrapassando a superficialidade das interações cotidianas.

O Café Filosófico Ágora Sertaneja, ao ser bem vivenciado, não apenas amplia a compreensão e a aceitação genuínas entre as pessoas, mas também fomenta um ambiente propício e saudável para a reflexão filosófica. Ademais, um ambiente onde o respeito, a empatia e a solidariedade devem florescer e se fortalecer continuamente, criando laços que enriquecem e robustecem a convivência interpessoal. Principalmente, no que diz respeito ao âmbito educativo.

Isso permite que todos se expressem, sintam valorizados e verdadeiramente ouvidos, o que é imprescindível e vital para o desenvolvimento de uma comunidade acadêmica mais inclusiva, respeitosa e solidária. Assim, o diálogo filosófico emerge não apenas como uma ferramenta para o despertar duma consciência crítica, mas como um caminho essencial para a

construção de uma realidade escolar mais integrada e participativa no processo de reconhecimento mútuo.

### **Fundamentação Filosófica do programa com base na reificação e reconhecimento em Axel Honneth.**

No estudo da obra *Reificação* de Axel Honneth pode se constatar que o processo de reificação é entendido por ele através da relação do ser humano com seu mundo. Nesta relação, o “reconhecer” sempre antecede o “conhecer”, de tal modo que por “reificação” deve-se entender a violação contra esta ordem de precedência (Honneth, 2008, pp. 68-69). Assim, o reconhecimento deve partir do “eu” para com o “outro” numa relação mútua, ou seja, antes do conhecimento do “outro” deve se tomar consciência que este possui os mesmos direitos e valores que o “eu”, e isso tornará possível o “conhecimento do outro”.

A ausência do reconhecimento culmina no processo de reificação. Esta por sua vez, esvazia a autoconsciência e liberdade que devem existir na cooperação mútua. Ocasionalmente, portanto, “a existência de sujeitos fechados em si mesmos, não reconhecedores de seus valores próprios, nem muito menos do outro” (Ibid., p. 79). A reificação transforma a cooperação mútua numa simples colaboração, assistencialismo e cooperativismo laboral.

O processo de reificação causou uma inversão histórica de grandes proporções no significado e ato de cooperar. Percebe-se que, quase toda enciclopédia contemporânea define “cooperação” como uma simples realização conjunta de diversas operações ou atividades, enquanto colaboração, perpassa, significando maior partilha e interação por parte de seus membros. Ausente na prática ontológica da interpessoalidade e existindo parcialmente na prática do funcionalismo capitalista; na qual o colaborador configura-se na imagem do funcionário obediente ao patrão e o cooperador naquele que é subserviente às normas da empresa.

No presente momento, outra vertente propulsora da reificação e negação da cooperação está presente no controverso consumismo tecnológico, que propagandeia a aproximação dos distantes, mas que distancia os que estavam próximos. Os diferentes aplicativos de redes sociais denunciam o individualismo assombroso que paira sobre seus usuários. Uma guerra de curtidas em frases motivadoras, fotos de momentos aparentemente perfeitos e perfis que se modificam instantaneamente conforme os padrões multiversais da

fama e poder financeiro. Ocultando, porém, sujeitos vazios de si em momentos fictícios e ocultando a ausência do outro no apego aos objetos e máquinas portáteis.

Este consumo desenfreado das tecnologias da informação e redes sociais, age no aceleramento desta perda de consciência sobre si mesmo, tal como um vírus ao invadir um software de computador. Para Honneth, isto pode ser expresso por meio de dois tipos de comportamento social:

tanto nas “situações em que os objetivos cognitivos dos envolvidos estão completamente separados da instância do reconhecimento (mergulhados em um tipo de ilusão que prende seu consciente) quanto nas situações em que o reconhecimento é negado em favor de entendimentos estereotipados, fantasiosos e teatrais” (Honneth, 2009, p. 57).

Através dessa problemática do consumo excessivo de conteúdos em mídias digitais é possível perceber uma quantidade significativa de narrativas que sinalizam na direção de uma configuração social cada vez mais confusa, oposta, mais dispersa e individualista. Outrossim, com certa indisposição ao diálogo humanizado, proporcionando em algumas circunstâncias uma frustrante realidade enquanto carência generalizada de vínculos de confiança entre professores, alunos, escola e sociedade, com evidente enfraquecimento dos elementos necessários para um tipo específico de conduta dialógica.

É precisamente nessas interações diárias que se desenvolve e se consolida o reconhecimento mútuo e essencial entre os indivíduos que compõem a sociedade. Esse reconhecimento, não apenas no nível individual, mas também no nível coletivo, torna-se indiscutivelmente indispensável para o efetivo estabelecimento de relações saudáveis, duradouras e harmoniosas. Essas relações promovem um ambiente de convivência onde todas as vozes, opiniões e perspectivas podem ser ouvidas, discutidas, e prontamente respeitadas.

No processo de formação dos adolescentes e jovens no Ensino Médio torna-se imprescindível trabalhar o reconhecimento, como papel central e inegável na construção duma melhor qualidade de vida que esses indivíduos devem experimentar e vivenciar em sua rotina diária e complexa, nas várias dimensões e contextos do ensino-aprendizagem. Evocando, principalmente, a importância prática das inter-relações humanas com uma atenção crítica e reflexiva, nos seus diversos aspectos e circunstâncias.

As implicações dessas complexas relações interpessoais são vastas e merecem uma cirúrgica e atenta reflexão filosófica. Resultando em um emaranhado de experiências e

percepções interativas que, juntas, formam o rico e diversificado tecido social que os une e os distingue ao mesmo tempo. Por sua vez, esta práxis pedagógica molda as reflexões e ações que o estudante deve transformar nas diversas facetas do seu cotidiano, conduzindo-os numa análise crítica e cuidadosa sobre esses aspectos.

Portanto, é imprescindível ao estudante, enquanto ser social, que essa complexa teia de reconhecimentos e interações seja vivenciada criticamente e de forma reflexiva. Desta forma, o mesmo irá tomar consciência dos impactos que seu excessivo consumo de mídias digitais tem no seu comportamento e aprendizado. Por conseguinte, a construção de relações intersubjetivas estruturará um verdadeiro sentido de comunidade e pertencimento entre todos os membros da do corpo discente e docente. O fomento do reconhecimento mútuo e da intersubjetividade, ao ser conduzido com rigor e atenção, abre novas e valiosas possibilidades de diálogo, cooperação e interação social.

Finalmente, é oportuno afirmar que o diagnóstico feito por Honneth tem como objetivo investigar a realidade social com a intenção de entender como estes processos de reificação tomam forma, buscando por identificar quais “seriam estas práticas e mecanismos que permitem aos humanos esquecer o ato de reconhecimento” (Honneth, 2009, p. 62). Uma abordagem ampla, propondo desenvolvimentos bastante distintos daqueles apontados por Lukács e antecessores; uma vez que, seu diagnóstico sobre a reificação ocorre em diferentes níveis e por diferentes causas. Ou seja, enquanto, para Lukács, tratava-se mais de um processo instrumentalizador de caráter fenomenológico unitário e generalizado, ao qual todos os membros da sociedade estavam submetidos, para Honneth, existem relações reificadas na interação dos humanos com outros humanos, com a natureza e consigo mesmos num processo que perpassa a fenomenologia e ontologia.

Notar-se-á que reificação, ao longo da história, foi uma teoria criticada e mal interpretada, até mesmo por membros da Escola de Frankfurt. Todavia, as práticas denunciadas por Honneth estão sempre atuais, principalmente, nos contextos sociais nos quais os indivíduos estão sendo tomados pela instrumentalização, reificando a si próprios e seus parceiros de interação intersubjetiva. Uma problemática sempre mais discutida nas últimas décadas, para um contexto de esferas sociais diversas no qual as pessoas pautam suas ações num “imaginário ideológico”. Este não vai além da afirmação de que, por trás de situações em que grupos ou indivíduos são tratados como coisas, por meio da negação de seu

reconhecimento, “uma correlação mútua de *práxis* unidimensional e um conjunto de convicções ideológicas deve estar operando” (Honneth, 2009, p. 81).

### **Estrutura da primeira parte: questões reflexivas de autoavaliação acerca do consumo pessoal das novas mídias sociais.**

Prezado participante, as questões abaixo serão respondidas considerando as aulas expositivas das filosofias moderna e contemporânea, no que se refere ao impacto negativo causado pelo consumo excessivo das redes sociais, jogos e conteúdos digitais no comportamento e aprendizado do sujeito. Recordem o insigne papel da filosofia crítica e abordagens dos pensadores da Escola de Frankfurt, no que diz respeito ao consumismo, alienação da massa pela mídia, estratégias de controle social pelo capitalismo e, principalmente, as exposições filosóficas sobre o pensamento de Axel Honneth, no tocante à luta por reconhecimento em meio ao apagamento de si mesmo no consumo exagerado de tecnologias digitais, tanto no campo educacional quanto no social, vivenciadas na primeira parte deste encontro.

O questionamento desempenha um papel crucial na busca incessante pela verdade, um esforço que tem perpassado a história da humanidade. Na medida em que o questionamento desafia ideias preconcebidas e incentiva a investigação, ele se torna um instrumento valioso para o desenvolvimento intelectual e social. Historicamente, diversos pensadores, cientistas e filósofos utilizaram o questionamento como uma forma de dissipar incertezas e buscar compreensão expandida do mundo e de si mesmo.

Nesse contexto, o questionamento não se limita a um ato de dúvida, mas sim a um processo ativo de análise crítica, essencial para a construção do conhecimento pessoal e da verdade. Como resultado, a prática constante de questionar e examinar o status quo é fundamental para promover uma sociedade mais reflexiva e informada, que valoriza a busca pela veracidade dos fatos. Assim, ao discente explorar as nuances do questionamento em diversas esferas, perceberá seu papel indispensável na evolução do pensamento humano e no aprimoramento da convivência social.

O questionamento funciona como uma ferramenta vital para a aquisição de conhecimento, lançando luz sobre áreas que, à primeira vista, podem parecer obscuras ou negligenciadas. Por meio do exercício contínuo de questionar, o estudante desafia suas hipóteses e expande sua compreensão, permitindo uma visão mais completa e crítica das circunstâncias que o cercam. Esta ferramenta atua como um catalisador que fomenta o pensamento crítico, instigando a análise e avaliação de informações de maneira independente.

Em um mundo repleto de dados e fontes de informação, saber como e o que questionar torna-se essencial para discernir a veracidade e a relevância dos conteúdos apresentados. Questionar-se eficazmente exige um equilíbrio entre a curiosidade e o ceticismo construtivo,

permitindo que o sujeito seja não apenas receptor, mas também criador de conhecimento, capaz de contribuir significativamente para o diálogo humano e o progresso intelectual.

No decorrer da história da filosofia, o questionamento tem se consolidado como uma ferramenta essencial para o avanço do pensamento crítico e da busca pela verdade. Diversos filósofos, desde os pré-socráticos até os contemporâneos, fundamentaram suas teorias e reflexões em processos de indagação e análise crítica. O questionamento filosófico não só desafiou concepções tradicionais, mas também possibilitou novas formas de entender a realidade, contribuindo para o desenvolvimento de conceitos fundamentais como o ser, o conhecimento e a ética.

No contexto educacional, o questionamento se coloca como uma ferramenta indispensável para fomentar um ambiente de aprendizagem ativa e reflexiva. Transformando assim, a sala de aula em um espaço de diálogo, onde os alunos são incentivados a levantar questões que vão além do conteúdo programático. O questionamento na educação não apenas ajuda a consolidar o conhecimento adquirido, mas, sobretudo, instiga a curiosidade intelectual, permitindo aos estudantes uma dinâmica de aprendizado que valoriza a dúvida como ponto de partida para a descoberta da verdade. Assim, cria-se um ciclo virtuoso de aprendizado em que questionar é sinônimo de aprender através da indagação permanente, promovendo a formação de indivíduos críticos e comprometidos com o conhecimento em suas múltiplas formas.

A implementação de metodologias ativas coloca o estudante como protagonista do seu processo de aprendizado, encorajando-o a questionar informações, construindo argumentos sustentados por evidências. Professores devem proporcionar estratégias como estudos de casos, resolução de problemas e utilização de fontes diversas, que permitem aos alunos não apenas entender a matéria como adquirir um olhar crítico sobre o mundo, desenvolvendo a capacidade de reflexionar de maneira independente e criativa, essencial no preparo para os desafios da vida em sociedade contemporânea.

## **SOBRE A UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS E JOGOS EM SALA DE AULA**

1. Você se considera como um utilizador controlado das redes sociais e aplicativos de entretenimento? E no tocante à sua exposição em redes sociais?

a) Sim, tenho controle no tempo utilizado para acesso de mídias. e tenho cuidado em não me expor tanto em redes sociais.

b) Às vezes, tenho controle e consigo filtrar os tipos de conteúdo que assisto e o cuidado em não me expor tanto em redes sociais.

c) Raramente, tenho controle e consigo filtrar os tipos de conteúdo que assisto e me exponho frequentemente em redes sociais.

2. Quais aplicativos e sites de redes sociais você considera passar mais tempo no decorrer do dia? (pode marcar mais de um, se for o caso)

- a) Instagram      b) Facebook      c) WhatsApp      d) Snapchat      e) Outros

3. Nestas redes sociais, aplicativos de jogos e sites diversos, você calcula uma média de quantas horas gastas e dedicadas a esses?

- a) 0 a 3      b) 4 a 6      c) 7 a 9      d) mais de 10h

4. Acerca do local e momento em que acessa, você percebe que:

- a) Utiliza mais na escola, no momento das aulas  
b) Utiliza mais na escola, no momento do intervalo  
c) Utiliza mais em casa, juntamente com outros membros da família  
d) Utiliza mais em casa, sozinho em seu quarto ou local sem interferência ou acesso de outros.

5. Em qual dispositivo você visualiza sites de redes sociais, jogos e aplicativos de entretenimentos?

- a) Celular  
b) Tablet  
c) Computador

6. Em quantos sites de redes sociais você tem uma conta?

- a) Apenas 1  
b) Entre 2 e 3  
c) Entre 4 e 5  
d) Mais de 6

7. Na escola, você consegue se concentrar, acompanhar e interagir pessoalmente com o conteúdo, colegas e o que está sendo vivenciado em sala de aula e nos horários livres?

- a) Sim, consigo equilibrar.  
b) Às vezes consigo equilibrar.  
c) Raramente consigo equilibrar.  
d) Percebo como impossível esse tipo de equilíbrio.

8. Você já discutiu com algum colega ou professor, por causa do exagero em acesso e/ou não ter prestado atenção no que eles estavam lhe falando? E com que frequência?

- a) Não.  
b) Às vezes.  
c) Sim, quase sempre.

9. Na escola, ao utilizar o celular em redes sociais ou jogos, você considera que consegue compreender quanto do que está acontecendo ao seu redor?

- a) Compreendo entre 90% e 60%
- b) Compreendo entre 50% e 30%
- c) Compreendo entre 20% e 10%
- d) Não consigo ter noção do que está acontecendo.

10. Em relação ao seu desempenho formativo, você considera que a utilização de redes sociais e de aparelho celular em sala de aula tem interferência direta com os resultados acadêmicos?

- a) Não interfere.
- b) Às vezes interfere.
- c) Sempre interfere.

11. Sabendo da existência de jogos interativos, grupos de estudos em redes sociais e materiais de estudos online, com que frequência você já utilizou ou utiliza alguma dessas plataformas?

- a) Sempre utilizo, contribui muito com o aprendizado e conhecimento.
- b) Às vezes utilizo, mas prefiro as redes sociais.
- c) Raramente utilizo, tenho mais preferência pelas redes sociais.
- d) Nunca utilizo.

12. Ao utilizar redes sociais e aplicativos interativos como Youtube, Instagram, Snaptube e TikTok, você costuma fazer mais o quê?

- a) Interajo mais com pessoas e vejo pouco conteúdo aleatório.
- b) Interajo pouco com pessoas e vejo mais conteúdos aleatórios.
- c) Costumo equilibrar o bate papo online e consumo de conteúdos aleatórios.
- d) Apenas consumo conteúdo aleatório e vejo postagens de outros.

### **SOBRE A UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS E JOGOS EM CASA**

13. Em casa, você consegue se interagir pessoalmente com seus familiares e naquilo que está sendo vivenciado em família?

- a) Sim, consigo.
- b) Às vezes consigo.
- c) Raramente consigo.
- d) Impossível.

14. Em sua casa, você já teve problemas de convivência por causa do exagero em acesso e não ter prestado atenção no que eles estavam lhe falando?



- a) Não.
- b) Às vezes.
- c) Sim, constantemente.

15. Em casa, qual episódio já se repetiu com frequência e você atribui ao consumo exagerado de mídias sociais? (pode marcar mais de uma opção)

- a) Esqueci de tomar água e alimentar-me normalmente.
- b) Perdi a noção do tempo e me atrasei para algum evento ou compromisso.
- c) Não consegui me comunicar direito com os familiares em algum encontro.
- d) Não consegui dormir direito por não ter percebido o tempo passar.

16. Filosoficamente, você considera que as redes sociais contribuem para sua emancipação e o saudável relacionamento interpessoal, enquanto ser social, com aqueles que lhe circundam?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Às vezes.

17. Refletindo sobre a importância dos vínculos afetivos com o outro, em detrimento à necessidade da vida humana, você considera como desperdício de tempo estar conectado em aplicativos de jogos ou redes sociais por muito tempo, ao longo do dia?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

18. Quando utiliza redes sociais, aplicativos de entretenimento e jogos, você percebeu dificuldade em sociabilização e/ou isolamento pessoal?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

19. Paraste para refletir que esse uso contínuo cause um relaxamento mental, na estrutura de seu cérebro, ao ponto de nunca sentir cansaço em acessar por longo período de tempo?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

20. Em relação ao outro, você crê que as novas tecnologias estão aproximando as pessoas, causando um reconhecimento mútuo, cooperação e respeito?

- a) Sim.

b) Às vezes.

c) Não.

21. Pessoalmente, você já foi vítima de preconceito racial, desrespeito ou algum tipo de situação constrangedora em redes sociais (bullying, cancelamento, xingamento...)?

a) Não.

b) vez em quando.

c) Sim, com grande intensidade.

22. Em jogos online, naquele exato momento, você costuma ver o outro com a sensação de continuar sendo seu amigo/colega ou como rival/competidor?

a) Não há alterações no sentimento.

b) Às vezes há discursões online.

b) Infelizmente, agimos com rivalidade.

23. Em relação aos conceitos de Indústria Cultural e Cultura de Massa, com qual intensidade você considera que as redes sociais, através de comerciais propagandistas e ofertas invasivas em seu perfil, colaboram em suas decisões de escolha para o vestir, comer, agir, padrão de beleza e similares?

a) Não me sinto influenciado.

b) Me influência entre 10% e 30%

c) Me influencia entre 30% e 60%

d) Me influencia entre 60% e 90%

24. Acerca do efeito *shitstorm*, o cancelamento digital do outro, que nos últimos quatro anos se mostrou frequente nas redes sociais, principalmente nos ambientes educativos, como maneira pessoal de rechaçar ou apagar a imagem do outro. Você já utilizou esta opção contra algum colega na escola ou foi vítima?

a) Não. Nunca sofri ou tentei cancelar alguém.

b) Sim. Sofri o ato.

c) Sim. Já fiz o ato

d) Sim. Já fiz e também sofri o ato de ser cancelado

25. O filósofo Axel Honneth considera que a “liberdade somente pode ser adquirida pela ação do reconhecimento, exercitada na participação do eu para com o outro”. Em sua experiência de vida, quanto a esse papel essencial do outro na construção da liberdade, as redes sociais facilitam ou acabam distanciando essa relação interpessoal?

a) Sim, as redes sociais conseguem facilitar as relações interpessoais.

b) Às vezes, conseguem facilitar as relações interpessoais.

c) Não, as redes sociais geralmente afastam mais do que aproximam.

26. Acerca dos conceitos “Reconhecimento” e “Cooperação”, diante de sua experiência filosófica, você considera que é possível a vivência prática desses conceitos no mundo digital?

a) Sim.

b) Às vezes.

b) Não.

27. Gadamer considera que o problema da compreensão pelo diálogo encontra-se na reflexão acerca de “como o outro chegou à sua opinião, pois é evidente que um questionamento como este anuncia uma forma de alteridade bem diferente, e significa, em último caso, a renúncia a um sentido comum”. Em sua opinião, o consumo dessas novas tecnologias da informação tem proporcionado melhor o diálogo entre povos ou criado mais bolhas de indiferença?

a) Sim.

b) Às vezes.

b) Não. Tem criado mais bolhas de indiferenças.

### **SOBRE A UTILIZAÇÃO DE APLICATIVOS COM INTELIGENCIA ARTIFICIAL (IA) EM ATIVIDADES NA SALA DE AULA**

28. Você sabe como funciona a *Colonização de Dados* (captação de dados pessoais por sites e aplicativos) feita pela inteligência artificial nas redes sociais e aplicativos?

a) Sim.

b) Tenho ideia.

b) Não sei como funciona.

29. Com que frequência você utiliza aplicativos de inteligência artificial para responder atividades e avaliações?

a) Raramente.

b) Às vezes.

c) Sempre.

30. Você considera que esta utilização de aplicativos para responder questões e fazer atividades, sem que seja necessário muito raciocínio e estudo pessoal, configura-se como positivo ou negativo no processo de aprendizagem?

a) Negativo.

b) Não sei responder.

c) Negativo.

*\*OBS. OS PARTICIPANTES DEVEM TER DE 30-40 MINUTOS PARA REFLETIREM NO TIPO DE RESPOSTA QUE DERAM.*

**Modelos de poesias que podem ser utilizadas como reflexão base na segunda parte do encontro**

**Poesia “Reconhecer” de Giano Carlos dos Santos Guimarães.**

*Aprenda a reconhecer*

*A felicidade escondida*

*Na própria vida, todo dia*

*No seu ser.*

*Abra o peito para ver*

*A porção de todo bem,*

*Felicidade vai além*

*Das coisas materiais.*

*Não precisamos de mais*

*Do que a gente já tem.*

Disponível em: <https://gianoguimaraespoesia.blogspot.com/>

**Poema “Traduzir-se” de Ferreira Gullar**

*Uma parte de mim*

*é todo mundo:*

*outra parte é ninguém:*

*fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim*

*é multidão:*

*outra parte estranheza*

*e solidão.*

*Uma parte de mim*

*pesa, pondera:*

*outra parte*

*delira.*

*Uma parte de mim*

*almoça e janta:*

*outra parte*

*se espanta.*

*Uma parte de mim*

*é permanente:*

*outra parte*

*se sabe de repente.*

*Uma parte de mim*

*é só vertigem:*

*outra parte,*

*linguagem.*

*Traduzir-se uma parte*

*na outra parte*

*- que é uma questão*

*de vida ou morte -*

*será arte?*

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/cinco-poemas-ferreira-gullar.htm>

### **Poesia “cadê meus direitos humanos?” de Sirlene Veloso**

*Onde está o meu o seu o nosso direito humano com essa sociedade  
opressora que dizem estar fazendo para nos proteger.*

*Jogando uma cortina de fumaça em nosso cérebro que nos faz*

*concordar em ser dominado e cada vez nos sentimos mais excluídos da sociedade, nos tirando a paz o amor próprio e até mesmo a nossa vida.*

*Cadê os meus direitos humanos?*

*Quando me pego a pensar em meus direitos sinto-me nua desprotegida e sendo feita de cobaia como um rato de laboratório, sendo forçado ser do jeito que meus opressores querem.*

*A quem esperam proteger?*

*Ainda há os que dizem, “Amém”*

*Esperando receber um milagre ou um lugar reservado no céu.*

*Entre direitos humanos,*

*Escolhi o respeito e o amor!*

Disponível em: <https://ucpparana.edu.br/content/uploads/2019/12/Poesias-Contos-e-Cr%C3%B4nicas-Direitos-Humanos>

### **Poesia “Roda Viva” de Camila Nazaré C. Rocha**

*(sobre)vivendo em um lugar de mentiras reais.*

*Onde quem mais manda, pode mais.*

*Aliados, alienados barganham sua liberdade cerceada,*

*dando um beijo no rosto do traído em troca de um punhado de reais.*

*Extinto logo serás, caso a minha vontade não se cumpra, e*

*assim, sem querer, querendo, a consintais.*

*Aliados-alienados, de quantos ais mais precisais para que satisfeitos estejais?*

*Te digo que meu desenfreado desejo nunca se satisfaz.*

*E dessa forma, sempre saciando a sede que nunca se farta, é necessário que sacrifícios façais.*

*E isto posto, um fica, e tu se vais.*

*Tu perdes o direito adquirido, para que outro beneficiais.*

*E assim gira a roda viva, a uns sacrifica e a outros subtrais.*

*E do universo, universal que somos, declaro: Direitos e liberdades terás, contudo, das consequências delas, contas prestarás.*

Disponível em: <https://ucpparana.edu.br/content/uploads/2019/12/Poesias-Contos-e-Cr%C3%B4nicas-Direitos-Humanos>

Em relação aos poemas, o participante é convidado a refletir na letra da poesia escolhida, podendo construir outras estrofes complementares, cordel ou versos adicionais. O grupo ou sujeito participante declama aos demais, explicando, logo em seguida a presença da felicidade no reconhecimento intersubjetivo, proposto em suas palavras. Palavras que evoquem a importância de se vivenciar as temáticas: identidade, desejo e interessoalidade.

Os estudantes podem ser divididos em grupos, munidos de caneta e a poesia impressa, instrumentos musicais e caixas de som. Os mesmos podem, além de completar ou criar uma nova poesia sobre o “reconhecimento de si e do outro na convivência intersubjetiva”, compor uma pequena música, paródia, dança, expressão artística que transmita aos demais presentes o que lhe identifica como tal, sua história, costumes, aspirações e similares.

Recordando sempre, que no encontro não será permitido uso de inteligência artificial ou canais de busca na internet para utilizar como apresentação. Essa regra se dá, justamente, para que os participantes possam exprimir o que carregam em si de mais significativo, por mais simples que seja, percebendo-se como ser autoconsciente e de potencial criador sem, necessariamente, apelar para replicar cópias ou coisas já feitas em redes sociais ou internet.

### **Opções de Músicas para a terceira parte do encontro**

**Sua Graça** de Umberto Gessinguer

*Um santo com meu nome*

*Já andou por este chão.*

*Ele não deixou pegadas*

*Estradas também não.*

*Fico imaginando*

*O que levou à redenção*

*O santo com meu nome*

*Que andou por este chão*

*Envelopes com meu nome*

*Já cruzaram oceanos*

*Se perderam no caminho*

*Navegaram outros planos*

*Fico imaginando*

*Se rasgaram o papel*

*Se trocaram o meu nome*

*Ninguém escreve ao coronel*

*Só você sabe quem eu sou*

*Só você sabe como é*

*A rua com meu nome*

*É avenida anonimato*

*Aquele um, aquele outro*

*Não tem cão, caça com gato*

*Um fake com meu nome*

*Um clone delirante*

*Mal sabe o coitado*

*Que um só já é o bastante*

*Só você sabe quem eu sou*

*Só você sabe como é*

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/humberto-gessinger>

### **A Busca pela Identidade em “Sua Graça” de Humberto Gessinger**

A música “Sua Graça” de Humberto Gessinger explora a complexidade da identidade pessoal e a busca por significado em um mundo onde a individualidade muitas vezes se perde. A letra começa mencionando um santo com o mesmo nome do narrador, que andou pela terra



sem deixar rastros. Essa imagem pode ser interpretada como uma metáfora para a sensação de anonimato e a luta para encontrar um propósito ou deixar uma marca significativa no mundo.

O segundo verso fala sobre envelopes com o nome do narrador que cruzaram oceanos e se perderam no caminho. Isso pode simbolizar as tentativas de comunicação e conexão que falham, refletindo a frustração de não ser compreendido ou reconhecido. A menção ao “coronel” sugere uma figura de autoridade ou poder que, apesar de sua posição, também enfrenta o isolamento e a falta de comunicação efetiva.

No refrão, a repetição de “Só você sabe quem eu sou” destaca a importância de uma conexão íntima e verdadeira, possivelmente com um parceiro ou uma figura divina, que realmente compreende a essência do narrador. A música termina com a imagem de uma rua com o nome do narrador, que se transforma em uma “avenida anonimato”, reforçando a ideia de que, apesar de todos os esforços para se destacar, a verdadeira identidade muitas vezes permanece oculta ou ignorada. A presença de um “fake” e um “clone delirante” sublinha a confusão e a multiplicidade de identidades que uma pessoa pode assumir ou ser forçada a assumir, mas que no final, apenas uma verdadeira identidade é suficiente e significativa.

Percebe-se que essas canções, enquanto manifestações culturais amplamente acessíveis, oferecem uma plataforma poderosa para a introspecção e a conscientização social. Ao longo das décadas, alguns compositores têm utilizado suas obras para abordar temas relacionados à identidade, aceitação e valoração do outro, promovendo diálogos sobre empatia e compreensão mútua. Neste contexto, o reconhecimento interpessoal emerge como um elemento crucial para o desenvolvimento de relações saudáveis e inclusivas, destacando a relevância de se investigar como a música pode influenciar percepções e comportamentos sociais.

Historicamente, Platão em *O banquete* e Agostinho de Hipona em sua obra *Confissão*, alertavam para o poder que a música tinha em subverter a mente do sujeito. Todavia, apresentavam também a música, em sua essência mais profunda e autêntica, como ferramenta extraordinária e valiosa para a reflexão e introspecção, facilitando uma jornada significativa e transformadora em direção ao autoconhecimento. Ao mesclar habilidosamente melodias envolventes e letras que vão além do superficial, a música oferece aos indivíduos uma oportunidade única de analisarem suas experiências de vida e emoções de uma forma muito mais rica, densa e profunda.

Esta forma de arte se apresenta como um espelho que reflete as complexidades, sutilezas e nuances do ser humano, incentivando assim uma maior compreensão, não apenas de si mesmo, mas também das emoções e experiências que habitam o ser do próximo. Através de suas variadas e ricas nuances harmônicas e líricas envolventes, a música cria um espaço seguro e acolhedor, permitindo que se explorem sentimentos que, em muitas ocasiões, são inarticuláveis, nebulosos e difíceis de expressar.

Esse processo pode, de maneira significativa, promover a empatia e a compreensão interpessoal entre diversas pessoas de origens distintas. Ao funcionar como um importante e poderoso catalisador emocional, a música impulsiona o ouvinte a confrontar suas próprias perspectivas, sentimentos e realidades internas, possibilitando assim uma análise autocrítica que frequentemente resulta em crescimento pessoal, autodescoberta e uma clareza mental revigorante.

Deste modo, a música transcende seu papel de mero entretenimento superficial, servindo não apenas como um recurso valioso, mas também essencial para a reflexão profunda, reconhecimento pessoal, e, de forma crucial, para a promoção do entendimento interpessoal entre os seres humanos, promovendo uma conexão mais genuína e significativa entre as pessoas. As letras que tratam do reconhecimento interpessoal frequentemente exploram a complexidade das relações humanas, enfatizando a importância do entendimento mútuo e da valorização individual.

Essas composições, abaixo anexas, costumam retratar cenários onde personagens encontram dificuldade em serem verdadeiramente compreendidos ou aceitos, levando à reflexão sobre a necessidade de empatia e reciprocidade. Nesses contextos musicais, os artistas utilizaram de metáforas, palavras chave e simbolismos para descrever situações em que o reconhecimento interpessoal é essencial para o desenvolvimento e manutenção de vínculos significativos.

Finalmente, note que algumas letras destacam a vulnerabilidade expressa por meio de gestos ou palavras simples que servem como pedidos de validação pessoal, gritos por mudança e necessidade de algo ou alguém ser percebido. Assim, estas músicas agem também como espelho que reflete as complexidades e as nuances das interações sociais, incentivando ouvintes a reconsiderar suas próprias perspectivas e comportamentos em relação aos outros. O

propósito para esta abordagem musical é que ela ativa processos reflexivos que podem promover mudanças no modo como as pessoas se percebem e se conectam mutuamente.

A seguir, estão outros modelos de potentes músicas que podem ser utilizadas em encontros com esta temática.

### **Somos quem podemos ser**

Canção de Engenheiros do Hawaii · 1988

*Um dia me disseram*

*Que as nuvens não eram de algodão*

*Um dia me disseram*

*Que os ventos às vezes erram a direção*

*E tudo ficou tão claro*

*Um intervalo na escuridão*

*Uma estrela de brilho raro*

*Um disparo para um coração*

*A vida imita o vídeo*

*Garotos inventam um novo inglês*

*Vivendo num país sedento*

*Um momento de embriaguez*

*Somos quem podemos ser*

*Sonhos que podemos ter*

*Um dia me disseram*

*Quem eram os donos da situação*

*Sem querer eles me deram*

*As chaves que abrem essa prisão*

*E tudo ficou tão claro*

*O que era raro ficou comum*

*Como um dia depois do outro*

*Como um dia, um dia comum*

*A vida imita o vídeo  
Garotos inventam um novo inglês  
Vivendo num país sonolento  
Um momento de embriaguez*

*Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter (E teremos!)*

*Um dia me disseram  
Que as nuvens não eram de algodão  
Sem querer eles me deram  
As chaves que abrem essa prisão*

*Quem ocupa o trono tem culpa  
Quem oculta o crime também  
Quem duvida da vida tem culpa  
Quem evita a dúvida também tem*

*Também tem  
Também tem  
Nós todos temos um pouco de culpa  
Mas nós...*

*Somos quem podemos ser  
Sonhos que podemos ter (Ter)*

Compositores: Umberto Gessinger

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/12899/>

### **A Busca pela Autenticidade em “Somos Quem Podemos Ser”**

A música “Somos Quem Podemos Ser”, da banda Engenheiros do Hawaii, é uma reflexão sobre a descoberta da realidade e a busca pela autenticidade em um mundo repleto de ilusões e verdades fabricadas. A letra, escrita pelo vocalista Humberto Gessinger, aborda a temática da desilusão juvenil e o processo de amadurecimento que acompanha o reconhecimento das verdades mais duras da vida. A referência inicial às nuvens que “não

eram de algodão” simboliza o momento em que se desfazem as fantasias infantis, dando lugar a uma compreensão mais crítica do mundo.

A canção também faz uma crítica social ao mencionar “garotos inventam um novo inglês”, que pode ser interpretada como uma metáfora para a criação de novas formas de se expressar e de se posicionar diante de uma sociedade “sedenta”, possivelmente ávida por novidades ou por mudanças significativas. A “embriaguez” mencionada pode ser vista como um estado de euforia temporária, uma fuga das realidades opressivas do cotidiano. “Somos Quem Podemos Ser” é um chamado para a realização pessoal e a liberdade de sonhar, apesar das limitações impostas pela sociedade ou pelo destino.

A música ainda toca em questões de poder e responsabilidade, sugerindo que tanto aqueles que detêm o poder (“Quem ocupa o trono”) quanto aqueles que se omitem (“Quem oculta o crime”) são culpados pela perpetuação de um sistema opressor. A banda, conhecida por suas letras introspectivas e críticas sociais, convida o ouvinte a questionar a realidade e a assumir a responsabilidade por suas escolhas e crenças. “Somos Quem Podemos Ser” é um hino de empoderamento e um lembrete de que, apesar das adversidades, ainda temos a capacidade de sonhar e de ser quem desejamos ser.

### **O teatro dos vampiros**

Canção de Legião Urbana · 1991

*Sempre precisei de um pouco de atenção*

*Acho que não sei quem sou*

*Só sei do que não gosto*

*E destes dias tão estranhos*

*Fica poeira se escondendo pelos cantos*

*Este é o nosso mundo*

*O que é demais nunca é o bastante*

*E a primeira vez é sempre a última chance*

*Ninguém vê onde chegamos*

*Os assassinos estão livres, nós não estamos*

*Vamos sair mas não temos mais dinheiro*

*Os meus amigos todos estão procurando emprego  
Voltamos a viver como há dez anos atrás  
E a cada hora que passa envelhecemos dez semanas*

*Vamos lá, tudo bem eu só quero me divertir  
Esquecer, dessa noite ter um lugar legal pra ir  
Já entregamos o alvo e a artilharia  
Comparamos nossas vidas  
Esperamos que um dia  
Nossas vidas possam se encontrar*

*Quando me vi tendo de viver  
Comigo apenas e com o mundo  
Você me veio como um sonho bom  
E me assustei  
Não sou perfeito  
Eu não esqueço*

*A riqueza que nós temos  
Ninguém consegue perceber  
E de pensar nisso tudo, eu, homem feito  
Tive medo e não consegui dormir  
Vamos sair mas não temos mais dinheiro  
Os meus amigos todos estão procurando emprego  
Voltamos a viver como há dez anos atrás*

*E a cada hora que passa  
Envelhecemos dez semanas  
Vamos lá, tudo bem eu só quero me divertir  
Esquecer, dessa noite ter um lugar legal pra ir  
Já entregamos o alvo e a artilharia  
Comparamos nossas vidas  
E mesmo assim, não tenho pena de ninguém*

Compositores: Eduardo D. Villa Lobos / Marcelo A. Bonfa / Renato Manfredini Junior

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/>

## **Análise de “O Teatro dos Vampiros”**

A música “O Teatro dos Vampiros” da banda Legião Urbana, liderada pelo icônico Renato Russo, é uma composição que reflete sobre a insatisfação e o desencanto com a realidade social e pessoal. A letra inicia com uma confissão de necessidade de atenção e uma incerteza sobre a própria identidade, algo que pode ser interpretado como uma busca por significado em um mundo que parece cada vez mais confuso e desolador.

O refrão “O que é demais nunca é o bastante e a primeira vez é sempre a última chance” sugere uma crítica à sociedade de consumo e à constante busca por mais, sem nunca estar satisfeito. A música também aborda a sensação de estagnação e retrocesso (“Voltamos a viver como há dez anos atrás”), e a pressão do tempo que passa rapidamente (“E a cada hora que passa, envelhecemos dez semanas”), o que pode ser uma metáfora para a ansiedade e a pressa da vida moderna.

A parte final da música traz uma reflexão sobre a riqueza interior que muitas vezes é ignorada (“A riqueza que nós temos ninguém consegue perceber”), e o medo de enfrentar a vida sozinho. A música termina sem uma resolução, deixando um sentimento de melancolia e reflexão sobre as próprias escolhas e o destino. “O Teatro dos Vampiros” é uma música que convida o ouvinte a olhar para dentro de si e para o mundo ao redor, questionando o que realmente importa.

### **Será**

Canção de Legião Urbana · 1985

*Tire suas mãos de mim*

*Eu não pertencço a você*

*Não é me dominando assim*

*Que você vai me entender*

*Eu posso tá sozinho*

*Mas eu sei muito bem aonde estou*

*Cê pode até duvidar*

*Acho que isso não é amor*

*Será só imaginação?  
Será que nada vai acontecer?  
Será que é tudo isso em vão?  
Será que vamos conseguir vencer?*

*Uoh-oh-oh-oh-oh-oh*

*Nos perderemos entre monstros  
Da nossa própria criação  
Serão noites inteiras  
Talvez por medo da escuridão*

*Ficaremos acordados  
Imaginando alguma solução  
Pra que esse nosso egoísmo  
Não destrua o nosso coração*

*Será só imaginação?  
Será que nada vai acontecer?  
Será que é tudo isso em vão?  
Será que vamos conseguir vencer?*

*Uoh-oh-oh-oh-oh-oh*

*Brigar pra quê? Se é sem querer  
Quem é que vai nos proteger?  
Será que vamos ter de responder  
Pelos erros a mais, eu e você?*

Compositores: Eduardo D. Villa Lobos / Marcelo A. Bonfa / Renato Manfredini Junior

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/>

### **A Busca por Compreensão e Amor em “Será” da Legião Urbana**

A música “Será”, da icônica banda brasileira Legião Urbana, é uma das canções mais emblemáticas do rock nacional dos anos 80. Composta por Renato Russo, a letra expressa um misto de dúvida, reflexão e um desejo de autonomia emocional. A música começa com uma declaração de independência, onde o eu lírico afirma não pertencer a outra pessoa e rejeita a ideia de ser dominado como forma de ser compreendido. Essa abertura pode ser interpretada



como um grito por liberdade individual e um repúdio às relações de posse que muitas vezes caracterizam os relacionamentos amorosos.

O refrão da música traz uma série de questionamentos que refletem a incerteza e a ansiedade em relação ao futuro de uma relação. “Será” é repetido como um mantra que expressa a dúvida sobre a realidade dos sentimentos, sobre o que está por vir e sobre a eficácia dos esforços empreendidos na relação. A repetição dessa interrogação sugere uma busca por respostas em um cenário onde nada é certo, e onde o amor e a dedicação podem não ser suficientes para garantir um desfecho positivo.

A segunda parte da música aborda a ideia de que os próprios indivíduos criam monstros, ou seja, problemas e desafios que são frutos de suas ações e egoísmo. A letra sugere que esses “monstros” podem levar a noites de insônia e medo, simbolizando as lutas internas e os conflitos que surgem em relações interpessoais. A música termina com uma reflexão sobre a responsabilidade compartilhada pelos “erros a mais”, indicando que tanto o eu lírico quanto a outra pessoa têm parte na situação problemática em que se encontram. “Será” é uma música que, além de seu ritmo marcante, convida o ouvinte a ponderar sobre a natureza das relações humanas, o amor e a complexidade dos sentimentos.